CONTACTOS ALIENÍGENAS

CONTACTOS ALIENÍGENAS

Editores de Time-Life Livros

ABRIL LIVROS – RIO DE JANEIRO

CONTACTOS ALIENÍGENAS

SUMÁRIO

Ensaio **Viagens a Outros Mundos**
7

CAPÍTULO 1
Em Poder dos Alienígenas
16

Ensaio **Fabulosos Encontros do Passado**
43

CAPÍTULO 2
A Verdade se Aproxima
54

Ensaio **No Princípio, os Alienígenas?**
89

CAPÍTULO 3
Em Busca de Explicações
98

Ensaio **A Arte Encontra os OVNIs**
127

Agradecimentos
138

Bibliografia
138

Créditos das Ilustrações
139

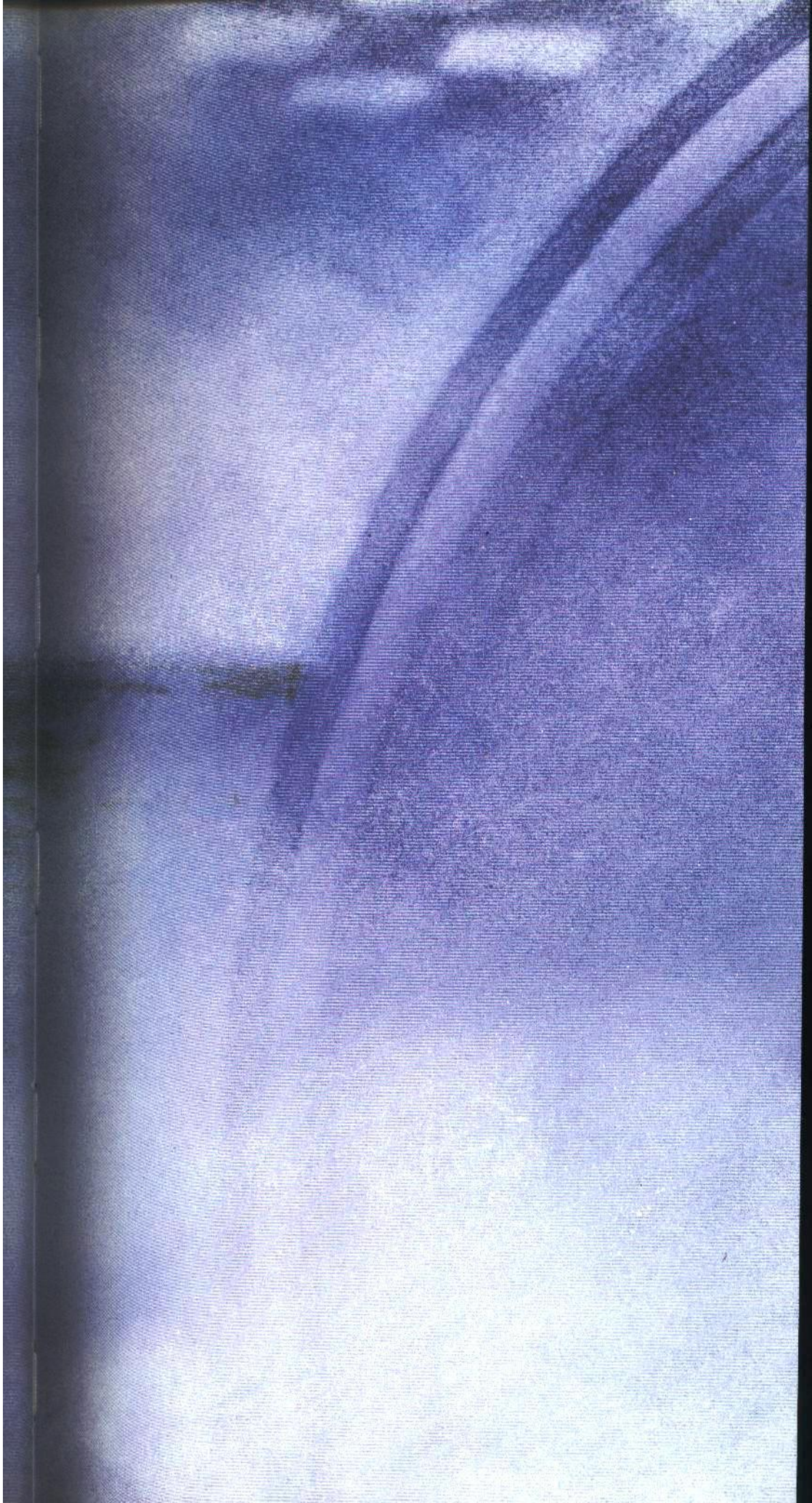
Índice
140

Viagens a Outros Mundos

Embora muitos identifiquem a última metade do século XX como Era Espacial, talvez fosse mais apropriado chamá-la de Era Alienígena. Desde que um homem de negócios americano contou ter visto algo semelhante a um "pires" voando sobre o estado de Washington em 1947, centenas de milhares de pessoas em todo o mundo anunciaram suas próprias visões de objetos voadores não-identificados, os OVNIs. Dessas testemunhas, mais de trezentas disseram ter sido levadas a bordo de um OVNI — muitas delas para serem submetidas a exames físicos. Ainda mais extraordinário, cerca de trinta dos que afirmam ter sido raptados declaram também que, após os exames, foram transportados para longe do ambiente conhecido da Terra, em visita a outros mundos.

A maioria dos supostos viajantes lembra-se de ter sido levada a planetas desolados, com paisagens semidesérticas e fracamente iluminadas, como a que se vê acima. Alguns, porém, mencionam destinos mais exóticos. Nas páginas seguintes, ilustrações baseadas nesses relatos mostram quatro desses cenários alienígenas, que vão de uma doca espacial a um museu de seres humanos.

Entre os pesquisadores de OVNIs, os relatos de viagens a outros mundos suscitam grande controvérsia. Alguns estudiosos descartam todos os raptos praticados por alienígenas como fantasias comprometedoras das pesquisas sobre aparições genuínas; outros acreditam na hipótese de alienígenas levando seres humanos selecionados em viagens cósmicas pessoais. Todavia, essas não são as únicas possibilidades. Teóricos ufológicos sugeriram também que as testemunhas podem ter visitado um universo alternativo — ou podem ter tido uma viagem puramente mental, por cortesia do controle alienígena da mente.

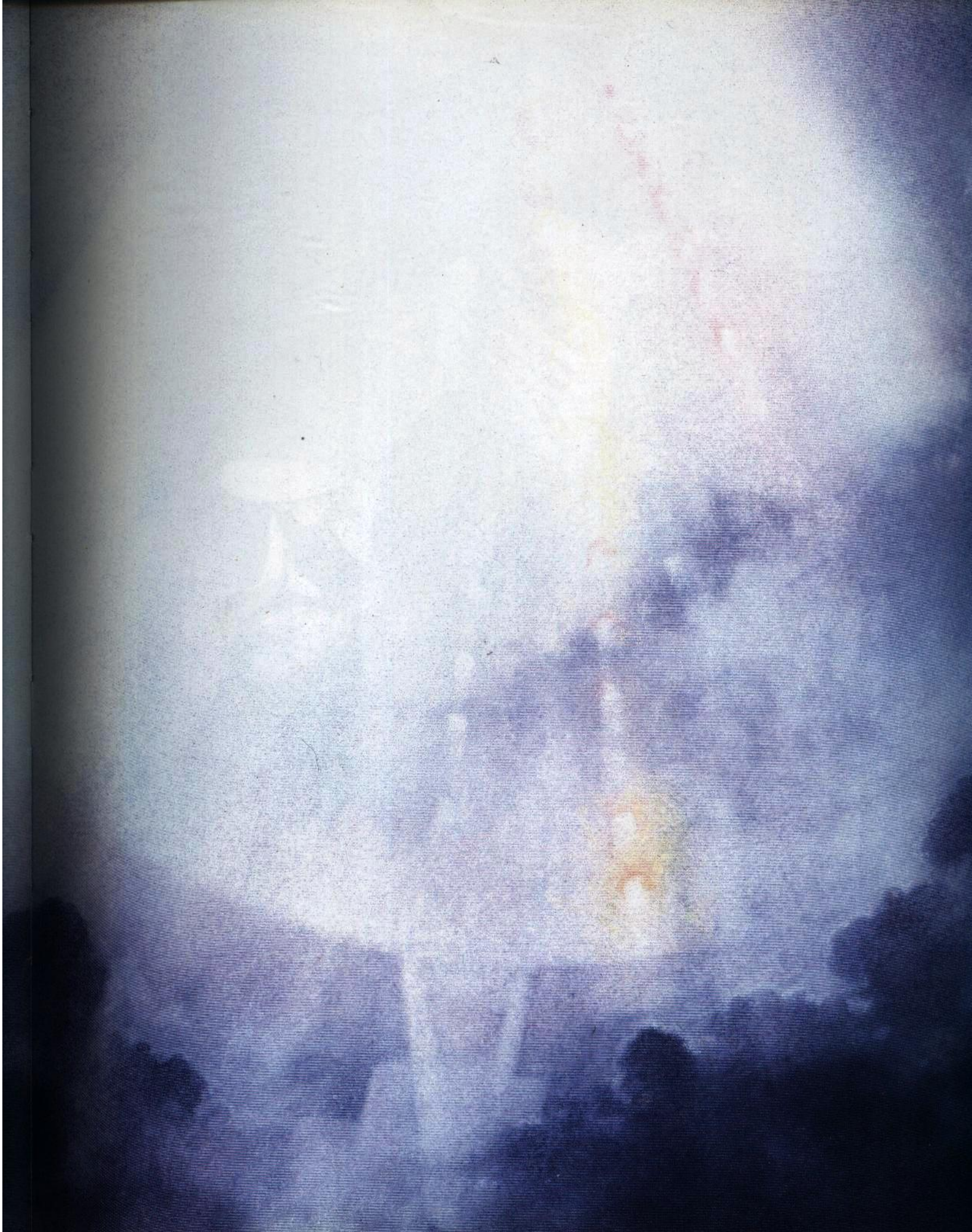


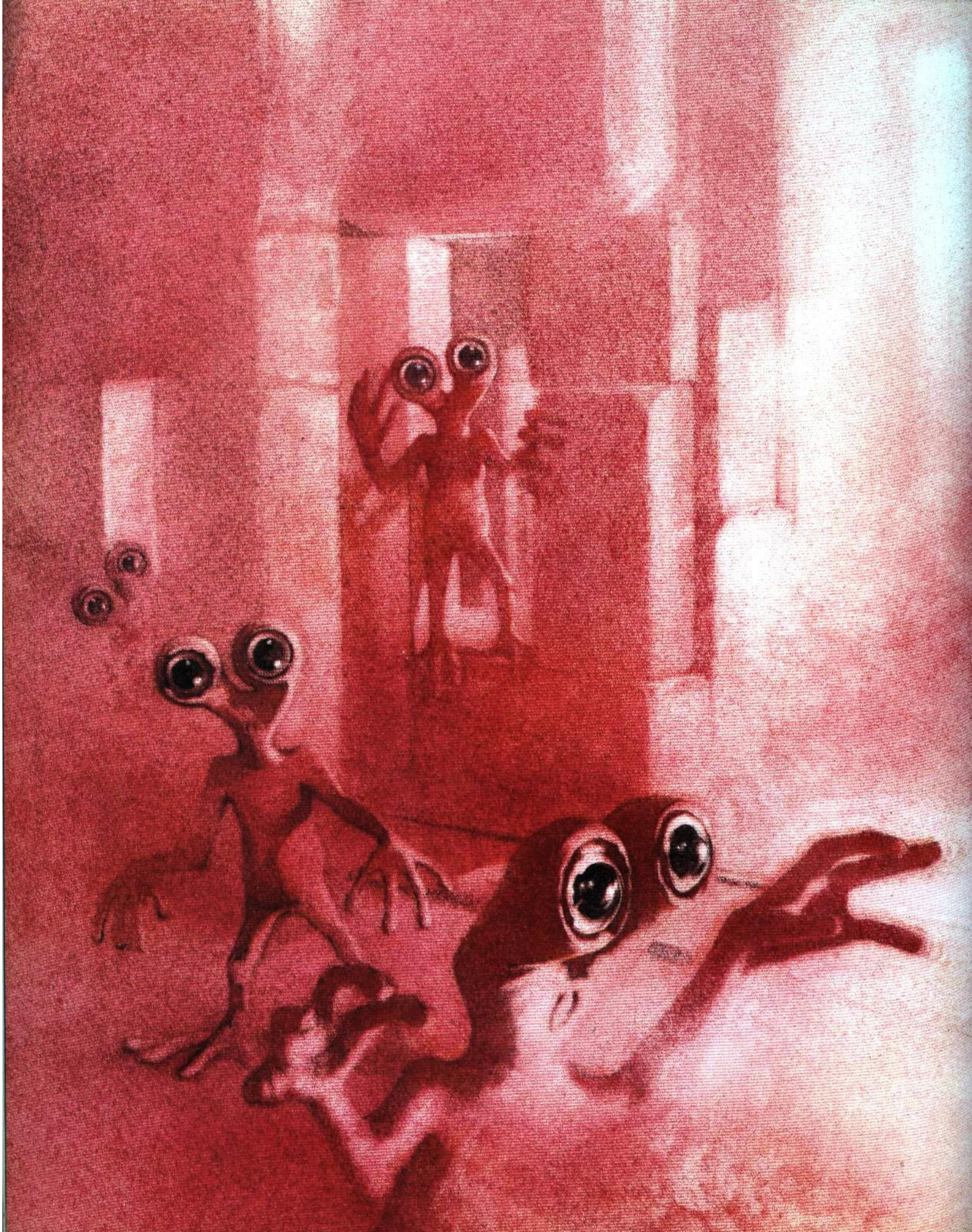
Vislumbre de um Hangar Alienígena

Ao cair da tarde do dia 5 de novembro de 1975, um lenhador de 22 anos de idade chamado Travis Walton e seis colegas estavam voltando de caminhão para casa após um longo dia de trabalho perto de Heber, no Arizona. De repente, segundo a história que os sete contaram depois, notaram um disco brilhante de cerca de sete metros pairando sobre uma clareira na floresta. Segundo seus companheiros, Walton pulou do caminhão e correu para a nave, que disparou sobre ele um raio verde-azulado; ele caiu, inconsciente. Seus amigos, aterrorizados, saíram em disparada, mas logo voltaram para ajudá-lo: tanto Travis Walton como o OVNI haviam desaparecido.

Quando Walton reapareceu algum tempo depois, tinha uma história arrepiante para contar. Após ter sido nocauteado pelo raio do OVNI, ele recobrou os sentidos dentro da nave, sob inspeção de três humanóides baixos, com grandes cabeças sem cabelos e olhos de felino. Escapando de seus captores, ele logo encontrou um homem de aparência comum que o guiou para fora do OVNI até um grande recinto parecido com um hangar, mostrado à esquerda em um desenho baseado nas lembranças que Walton publicou.

Aparentemente, ele fora transportado para uma doca espacial alienígena fora da Terra, repleta de outras naves e coberta por um telhado curvo e axadrezado. Após atravessar o hangar que, segundo ele, estava cheio de ar fresco, Walton seguiu o homem até uma sala à parte, onde foi conduzido por dois homens e uma mulher, todos humanos mas com uma aparência curiosamente "perfeita", até uma mesa. Walton desmaiou de novo e despertou em uma estrada a cerca de 19 quilômetros do local do rapto. Embora tenha dito que só se lembra de duas horas de viagem fora do mundo, Walton ficou desaparecido por cinco dias.





çou a aproximar-se deles e, de repente, o que fora uma admirável visão misteriosa transformou-se em uma aparição aterradora. Três deles começaram a remar desesperadamente em direção à margem, sendo que os dois do meio, que não tinham remos, impulsionavam a canoa com as próprias mãos. Somente Chuck Rak parecia despreocupado e curioso, mesmo quando um feixe de luz em forma de cone saiu do fundo do OVNI e atravessou as águas na direção deles. "O gás dos pântanos não emite raios!", gritou Charlie.

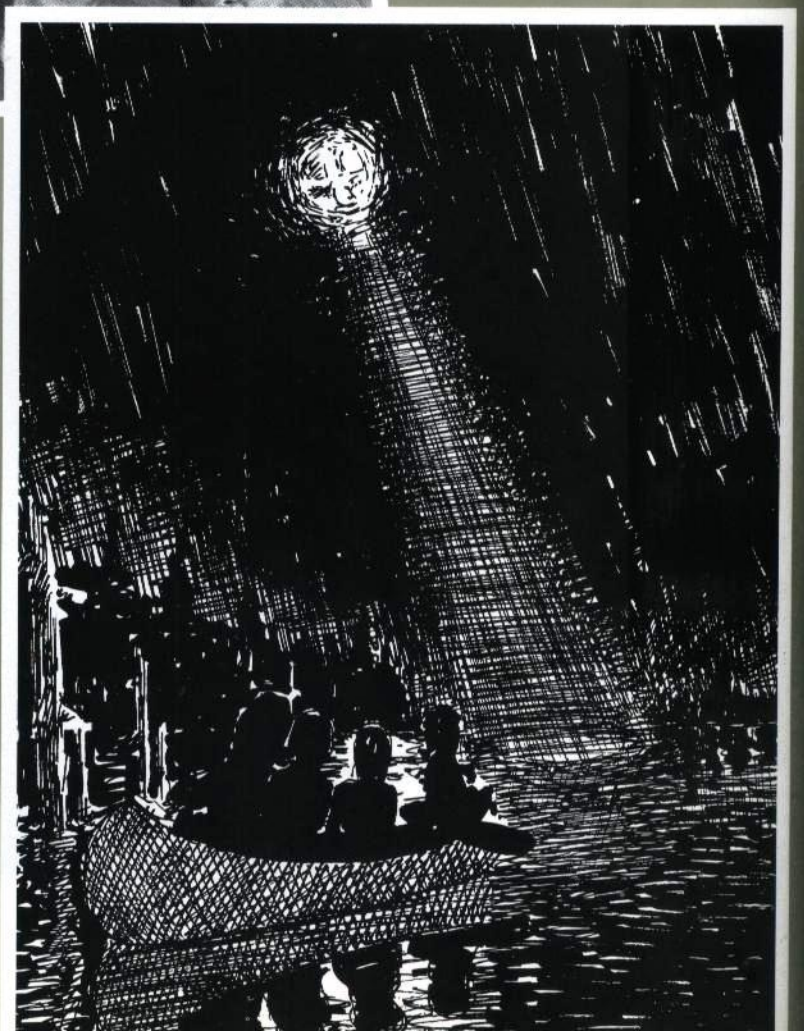
Quando a canoa estava chegando à margem, Jim Weiner pensou: "Pronto. Nunca vamos escapar". Então, de repente, Chuck Rak estava serenamente sentado na canoa encalhada na margem e os outros três, de pé na areia, observavam com calma a esfera fulgurante, que parecia dobrar-se sobre si mesma e desaparecia de seu campo de visão, a uma velocidade estonteante. Os homens sentiam-se atordoados; durante alguns minutos, foram incapazes de mexer-se, ou de falar. Quando a sensação passou, Chuck saiu da canoa e o grupo voltou devagar até o acampamento.

O que viram ao chegar lá deixou-os chocados, mesmo no estado de confusão em que estavam. Antes de sair de canoa eles haviam colocado vários grandes troncos na fogueira — o bastante, calculavam, para produzir chamas altas por duas ou três horas e ajudá-los a achar o caminho de volta, na noite escura como breu. Agora, após terem estado longe por um período que não parecia superior a quinze ou vinte minutos, restavam apenas brasas e cinzas da fogueira. Nenhum deles olhara para o relógio quando o OVNI apareceu, mas o indício da fogueira era indiscutível — e profundamente perturbador. Alguém, ou alguma coisa, havia roubado duas ou três horas de suas vidas.

Durante o resto da viagem, os quatro companheiros limitaram-se a seguir em frente automaticamente, mal podendo lembrar o que haviam feito depois. E, nos anos seguintes, o mistério do tempo perdido continuaria sem solução. Após alguns anos, os quatro começaram a ter o mesmo tipo de sonhos assustadores que Jim Weiner relatou a seu médico, e todos tinham a sensação de que seus problemas de sono tinham algo a ver com aquela noite no Maine.

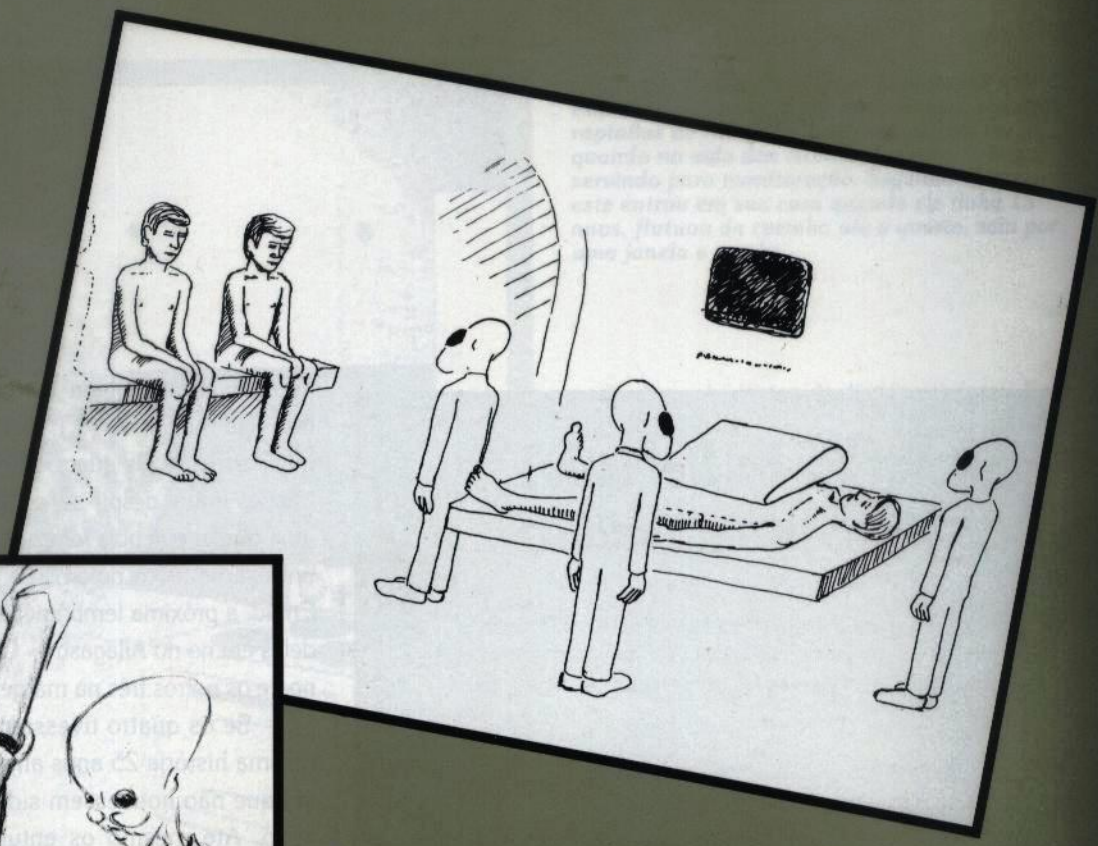
Impressionado com a menção ao tempo perdido, Raymond Fowler apressou-se em fazer contacto com os outros três homens e, em janeiro de 1989, havia combinado com os quatro para que se submetessem à regressão hipnótica, uma técnica pela qual a pessoa é levada, sob hipnose, a reviver experiências traumáticas do passado ocultas da mente consciente. A história que os campistas de Allagash contaram sob hipnose foi extraordinária. Os homens revelaram que a lembrança de remarem para a margem em estado de extrema agitação e, depois, estarem com toda calma de pé na beira do rio, na realidade havia encoberto uma longa e aterrorizante provação. O feixe de luz ao qual haviam tentado fugir conseguira, na verdade, capturá-los em seu círculo e atraí-los para o alto até a espaçonave. Lá chegando, encontraram criaturas alienígenas que começaram a transmitir-lhes instruções, por telepatia. Tal como contou Jack Weiner com a fala entrecortada durante a hipnose: "Eles estão dizendo coisas (...) com os olhos (...) na minha cabeça. Estão

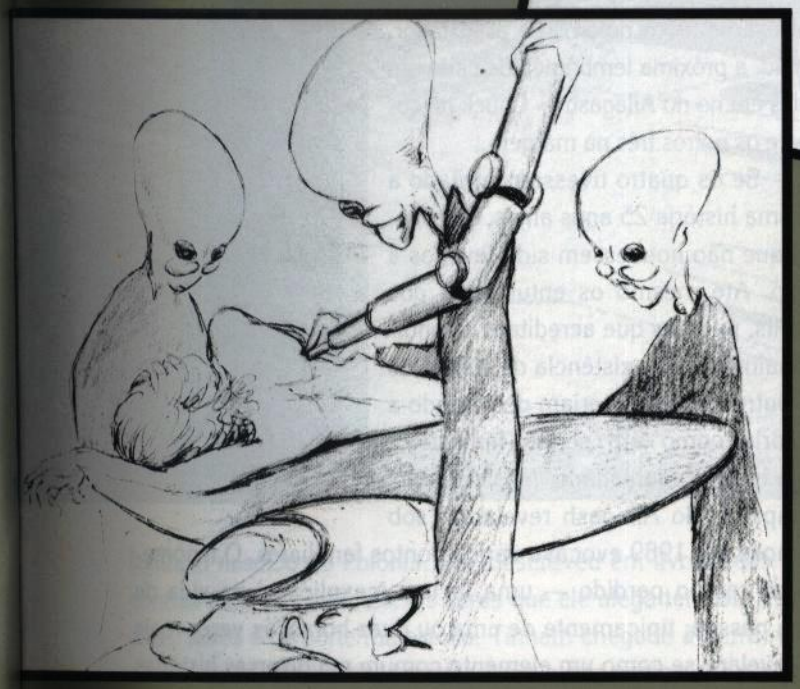
Quatro homens que afirmam ter sido seqüestrados por alienígenas, Jack e Jim Weiner, Charlie Foltz e Chuck Rak, posam juntos em novembro de 1990, quatorze anos depois de terem sido supostamente raptados durante um passeio de canoa no rio Allagash, no estado do Maine, e dois meses depois de se submeterem a uma exaustiva investigação. Trata-se do primeiro rapto descrito com detalhes por quatro adultos.

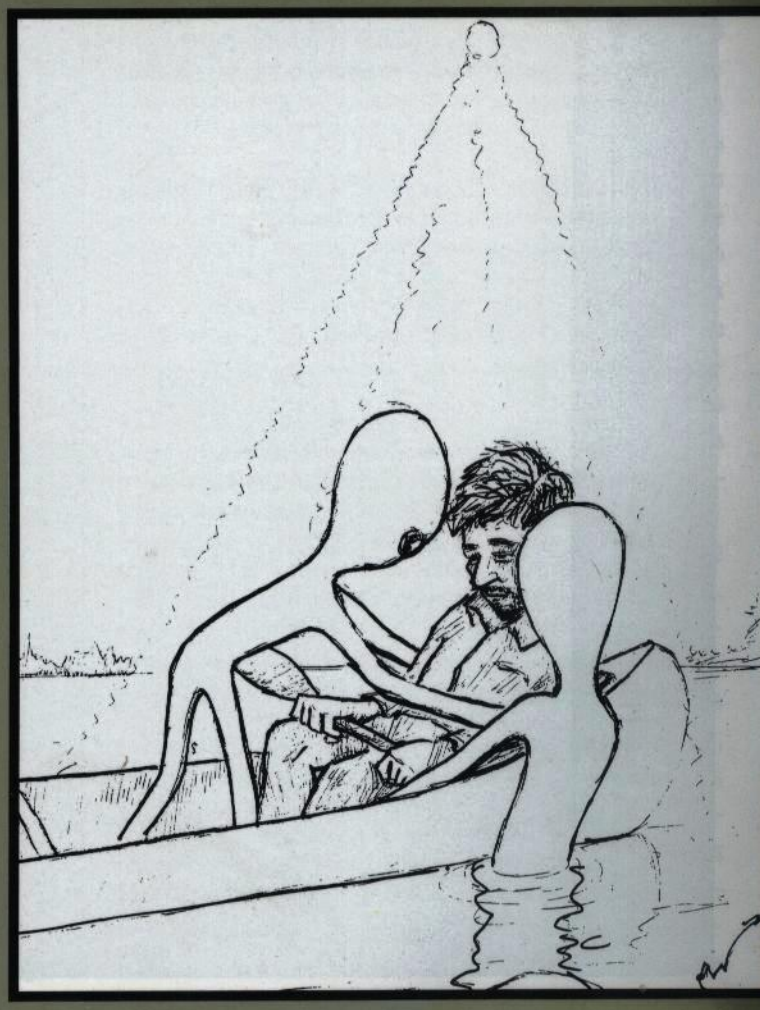


Segundo Chuck Rak, o raio de luz neste desenho que ele fez anos depois foi a última coisa que ele viu antes de uma misteriosa lacuna no tempo. Charlie Foltz e Jim e Jack Weiner começaram a remar freneticamente quando a luz se dirigiu para a canoa. Só Rak, sentado na popa, ficou calmo. Sob hipnose, ele revelou: "Não senti medo, apenas curiosidade." Em um piscar de olhos, a coluna de luz alcançou os quatro. Rak disse que, ao olhar para cima, viu que não se tratava de um mero raio de luz e sim de algo parecido com um túnel, e que ele estava sendo atraído para longe de seus companheiros, cujas vozes foram ficando mais fracas enquanto ele subia. No fim do túnel, ele passou por uma barreira e viu-se em uma câmara circular, à qual os outros não tardaram em chegar.

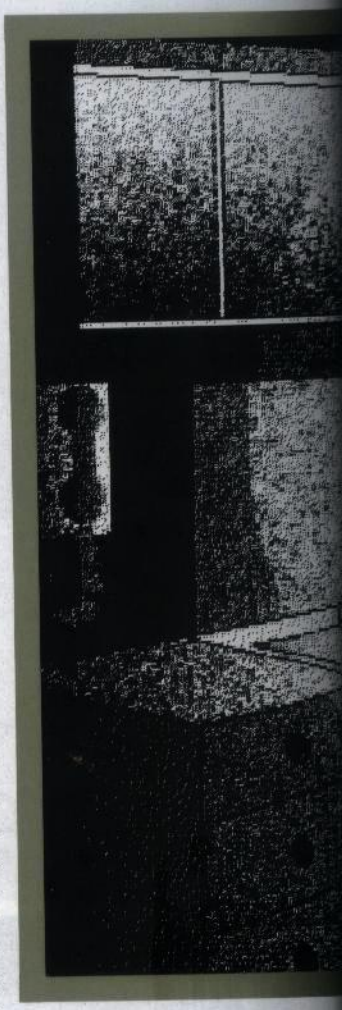
No desenho à direita, Charlie Foltz retratou-se sob algum tipo de aparelho rastreador, enquanto Jim e Jack Weiner e Chuck Rak (indicado por uma linha tracejada à esquerda do desenho) esperam sentados junto à parede. Rak lembrou-se de ter sido sondado com o aparelho que representou no desenho abaixo e descreveu assim: "Parece com o que os dentistas usam; tem uma ponta comprida e articulações, podendo se movimentar e dobrar."







No desenho de Rak sobre o fim das provações (à direita), dois alienígenas colocam-no na canoa. Segundo ele, os quatro foram devolvidos à canoa da mesma forma que haviam sido tirados dela: depois de se vestirem, foram levados a uma câmara circular de cujas paredes saíam alguns tubos cinzento-azulados estreitos. Um alienígena manipulou uns instrumentos e uma passagem se abriu, fazendo uma luz branca cegante inundar a câmara. Os quatro caminharam até o limiar da passagem e flutuaram sentados, suavemente, por cerca de vinte metros.



dizendo: 'Não tenham medo (...). Não lhes faremos mal (...). Façam o que mandarmos'." Os quatro receberam instruções para despir-se e deitar-se em uma mesa, e depois foram submetidos a um exame físico doloroso e assustador. Então, a próxima lembrança de cada um deles era no rio Allagash — Chuck na canoa e os outros três na margem.

Se os quatro tivessem contado a mesma história 25 anos antes, é provável que não houvessem sido levados a sério. Até mesmo os entusiastas dos OVNIs, pessoas que acreditam incondicionalmente na existência de visitantes de outros mundos, teriam descartado a história como um sonho fantástico, com toda probabilidade. Mas o que os campistas do Allagash revelaram sob hipnose em 1989 evocava vários pontos familiares. O fenômeno do tempo perdido — uma lacuna inexplicável na vida de uma pessoa, tipicamente de uma ou duas horas, às vezes mais — revelara-se como um elemento comum em diversas histórias semelhantes, em todas as partes dos Estados Unidos, bem como na Europa, na Ásia, na Austrália e na América Latina. O tema que liga essas histórias é a convicção dos narradores, muitas vezes após uma lembrança hipnótica, de terem sido raptados por alienígenas.

Nada havia de novo na idéia em si de um contacto com alienígenas. Desde que a onda de OVNIs se desencadeou no pós-guerra, com os primeiros relatos de discos voadores em 1947, têm havido especulações acerca de criaturas que poderiam estar viajando nas supostas naves espaciais e, na década que se seguiu, diversos indivíduos afirmaram ter entrado em contacto com esses viajantes extraterrestres.

O mais conhecido dos "contactados", tal como ficaram conhecidos a partir da década de 50 as pessoas que relataram experiências desse tipo, foi George Adamski, um trabalhador cali-

Você já Foi Raptado? Sinais Denunciadores

Segundo os especialistas, pessoas supostamente seqüestradas por alienígenas manifestam estes sintomas. Mas eles podem indicar problemas bem terrenos, que exigem cuidados médicos.

- Tempo perdido. Uma lacuna de memória, segundo os que acreditam, pode significar que a pessoa foi raptada e obrigada pelos alienígenas a esquecer a experiência.
- Memória confusa. As supostas vítimas muitas vezes lutam para compreender as lembranças fragmentárias de luzes misteriosas, seres estranhos, procedimentos médicos invasivos e outros fenômenos correlatos.
- Terror irracional. Diz-se que um medo pânico acomete os raptados sempre que se aproximam de um lugar específico, vêem um helicóptero pairando nos ares ou se encontram em outras situações semelhantes à do trauma reprimido. Podem reagir com ansiedade a filmes, artigos de revistas e livros que tratam de OVNIs e de encontros com alienígenas.
- Distúrbios noturnos. Os supostos raptados às vezes demoram a adormecer e têm sempre sono leve. Muitos sonham com espaçonaves ou criaturas estranhas com olhos grandes demais e alguns acordam inexplicavelmente no mesmo horário, noite após noite. De manhã, sentem-se desorientados e têm curtos acessos de tontura, entorpecimento, formigamento e paralisia.
- Hemorragia. Ao acordar, alguns encontram sangue na fronha — um efeito, acreditam, da implantação ou da remoção cirúrgica de aparelhos alienígenas de rastreamento no nariz ou no ouvido.
- Danos físicos. Os raptados acham marcas enigmáticas no corpo — de alfinetadas, punções, arranhões, cicatrizes em linha reta, pequenas depressões como crateras e hematomas que dizem ser indícios dos exames físicos a que foram submetidos.

consciente o que lhes acontecera; outras, como os Hill e os quatro de Allagash, registraram apenas a impressão de tempo perdido até bastante tempo depois, quando as traumáticas lembranças do rapto foram recuperadas por meio da hipnose.

Alguns relatos receberam divulgação maciça. Em 1976, a atenção do público voltou-se para o rapto de três mulheres de Liberty, no estado do Kentucky, que estavam voltando para casa e foram interrompidas de maneira apavorante. Louise Smith e Elaine Thomas haviam levado a amiga Mona Stafford para jantar na vizinha cidade de Lancaster, para comemorar o 36º aniversário desta. Perto da cidade de Stanford, segundo contaram, avistaram um OVNI avermelhado em forma de disco, com um domo branco brilhante. O aparelho acompanhou o carro em que elas estavam, lançando sobre ele um foco de luz azul. Louise Smith, que estava dirigindo, perdeu o controle do veículo, que foi acelerado a mais de 130 quilômetros por hora, e as três tiveram uma sensação de queimadura nos olhos. Vislumbraram uma alucinação, na qual o carro ia sendo arrastado para trás, em uma estrada esburacada, e então viram uma estrada larga e fortemente iluminada que nunca haviam visto antes, embora conhecessem bem a região. Finalmente, voltaram à realidade em um ponto a cerca de treze quilômetros do local onde estavam antes e seguiram para casa sem mais incidentes, mas com uma misteriosa lacuna de cerca de uma hora no tempo.

Depois disso, as três sofreram graves ataques de ansiedade e uma perda drástica de peso. Persuadidas a submeter-se a uma regressão hipnótica, as três contaram histórias idênticas sobre seu seqüestro por alienígenas de 1,20 metro de altura, que as teriam submetido a dolorosos exames físicos. Todas afirmaram que, nas semanas e nos meses seguintes, haviam experimentado diversos fenômenos paranormais, que associaram ao rapto. Após o incidente, Elaine Thomas teve sérios problemas de saúde e acabou falecendo três anos mais tarde, aos 52 anos de idade. O estranho é que, das três vítimas, só ela dizia ter experimentado mudanças benéficas de personalidade, afirmando que de algum modo o encontro com os alienígenas a tornara mais autoconfiante e extrovertida.

As vítimas de outro suposto seqüestro viveram sob o peso do mistério do que lhes teria acontecido por mais de vinte anos, antes que a resposta fosse finalmente arrancada das profundezas da psique de uma delas. A história começou em março de 1953, quando duas mulheres de vinte e poucos anos estavam morando em uma cabana em Tujunga Canyon, logo ao norte de Los Angeles. Sara Shaw — pseudônimo escolhido para prote-

Diferentes entre si por idade, circunstâncias pessoais e moradia, todas estas pessoas — a partir da esquerda, as amigas Louise Smith, Elaine Thomas e Mona Stafford, do Kentucky; o lenhador Travis Walton, do Arizona; e a dona de casa Betty Andreasson, de Connecticut — relataram rapto por alienígenas.

ger sua intimidade — contou ter acordado de repente no meio da noite, percebendo que alguma coisa estava assustadoramente diferente na casa. Havia um silêncio pouco natural; alguma coisa abafara os ruídos normais da noite. Então, ainda entre o sono e a vigília, deu-se conta de uma luz que entrava pela janela panorâmica que havia acima da cama. A luz tinha uma curiosa tonalidade azulada e parecia estar varrendo o terreno.

Sara levantou-se e olhou para fora, mas não conseguiu ver de onde vinha a luz. Com medo de intrusos, acordou a amiga, mesmo ao olhar o relógio e ver que eram duas horas da manhã. Sentindo o susto da companheira, a jovem despertou e pulou da cama, indo até o armário pegar o roupão.

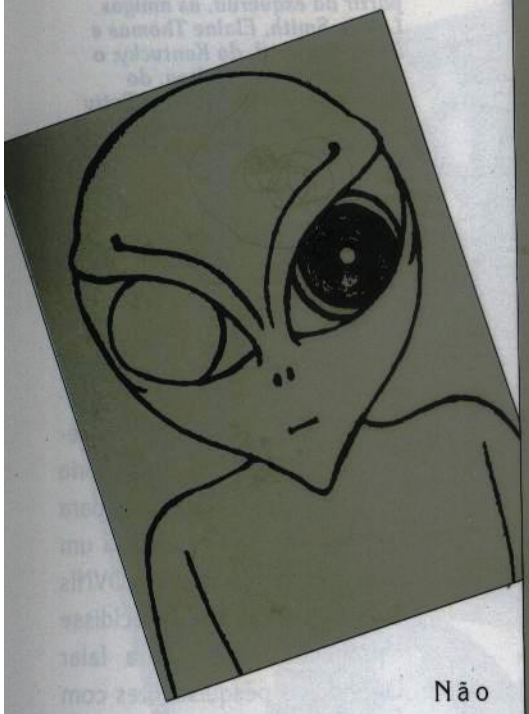
e repente, o mundo real desapareceu para as duas. Sentiram tontura, pânico e tudo se apagou. Embora a desorientação parecesse apenas temporária, quando voltaram a si a luz desaparecera e o relógio estava marcando 4h20. O ar da cabana parecia abafado e constataram que respiravam com dificuldade. Aterrorizadas, correram para o carro e foram para a casa de parentes. Quando criaram coragem para voltar à cabana, dois dias mais tarde, encontraram-na tal como a tinham deixado. Voltaram para lá e retomaram a vida interrompida pela estranha luz.

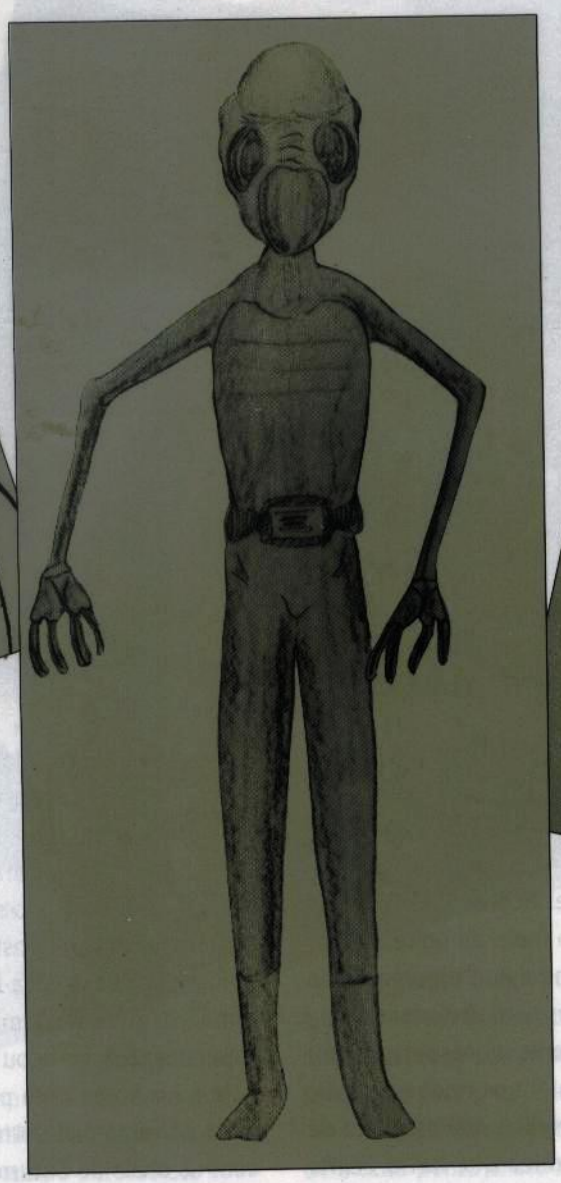
Porém, a lembrança daquela noite continuou a perturbar Sara Shaw nos anos seguintes. Era uma memória suficientemente intensa para que ela, após assistir a um documentário sobre OVNIs na TV em 1975, decidisse procurar alguém para falar sobre o incidente. Quando os pesquisadores com quem ela falou sugeriram que ela se submetesse a hipnose, ela concordou prontamente.

Sob hipnose, Sara Shaw relatou que ela e sua companheira não haviam estado sozinhas na cabana naquela noite, como sempre haviam suposto. Nas duas horas e vinte minutos de tempo perdido, a casa fora invadida por vários alienígenas altos e magros, que haviam carregado as duas mulheres para uma espaçonave; logo ficou evidente que aquela era a fonte de onde fluía a luz antes vista por elas. O aparelho era circular, circundado por uma plataforma que em sua descrição Sara comparou com os anéis de Saturno.

No interior abobadado, as duas foram despidas e forçadas a deitar-se em mesas, onde foram fisicamente examinadas por seus captores. Shaw disse que, antes de serem devolvidas à cabana, receberam instruções de esquecer o encontro. Assim o assunto permaneceu olvidado, até Sara Shaw procurar esclarecer o mistério, dando a sua história um lugar de destaque nos relatos de raptos por alienígenas.

À primeira vista, a alegação de rapto que mais pareceu oferecer uma prova objetivamente verificável da realidade desse fenômeno foi um incidente ocorrido em 1975, no estado do Arizona. Conta-se que um lenhador chamado Travis Walton foi atingido por um raio vindo de uma espaçonave sob as vistas de não menos de seis membros de sua equipe de trabalho. Após desaparecer por cinco dias, Walton voltou contando ter sido levado à espaçonave por alienígenas de olhos grandes, que o examinaram e depois o levaram para uma construção parecida com um hangar. Mais tarde foi transferido para outra sala, mas tinha poucas lembranças do que acontecera então.





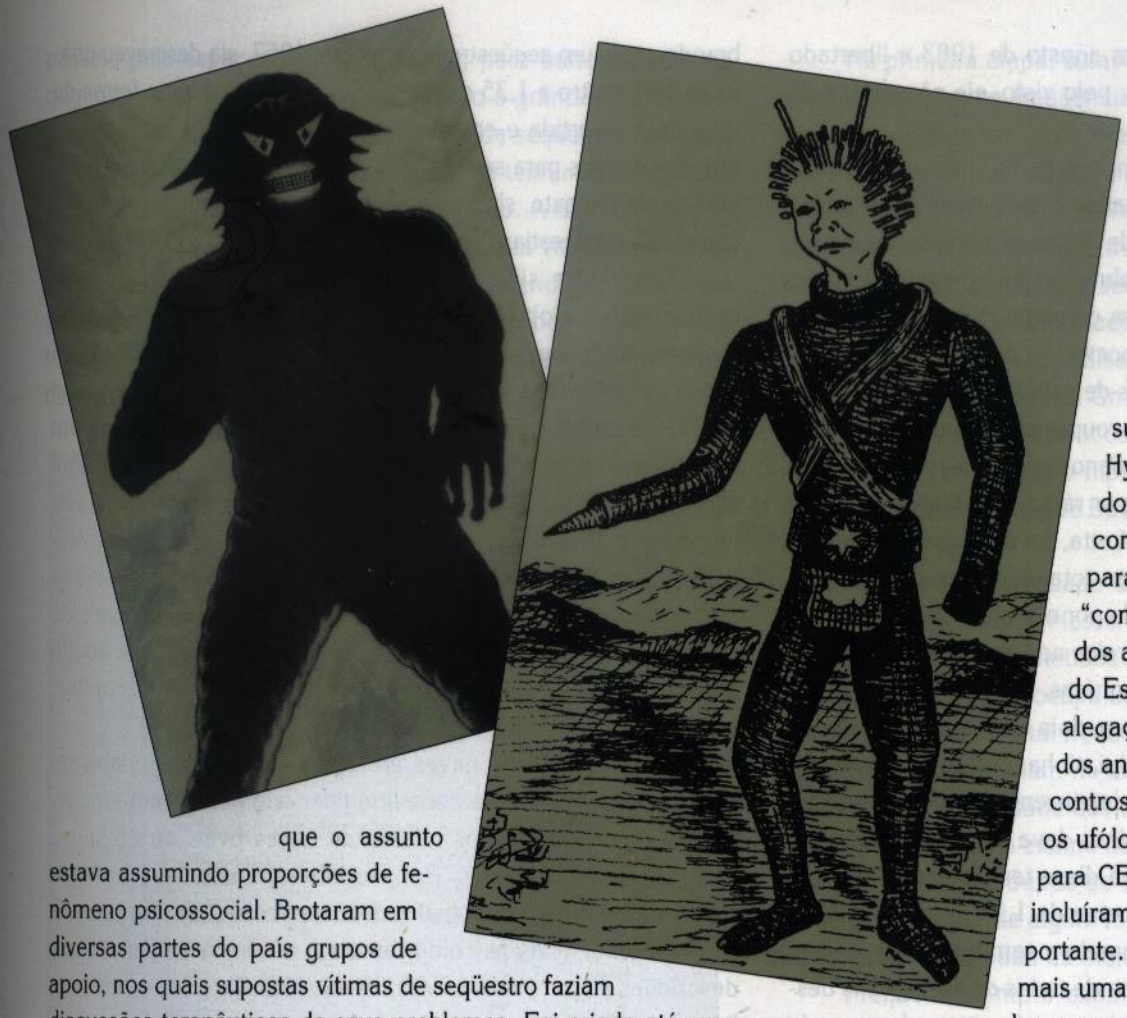
Desenhados sob hipnose, estes humanóides de olhos amendoados têm uma sinistra semelhança não só entre si como também com centenas de descrições feitas por raptados. Aqui, os de Betty Andreasson, raptada em 1967 (esquerda), Jack Weiner, de Allagash, em 1976 (centro), e Kathie Davis (abaixo), de cujo útero os alienígenas teriam removido um feto em 1978.

Não demorou para que fossem levantadas sérias dúvidas acerca da história de Walton. Philip J. Klass, que sempre fora cético a respeito das histórias de discos voadores, descobriu que o suposto raptado era um conhecido entusiasta dos OVNIs e que, na época do incidente, sua equipe estava atrasada em um contrato de fornecimento de madeira, sujeita a possíveis penalidades financeiras. Uma cláusula do contrato estabelecia a possibilidade de perdão para o não-cumprimento do prazo se houvesse alguma ocorrência resultante de um ato de Deus. Klass sugeriu que os lenhadores, correndo o risco de passar por um aperto financeiro, talvez tivessem tido a idéia de simular um rapto, imaginando que um acontecimento tão apavorante no local de trabalho podia ser considerado como um ato de Deus. Além disso, assinalou Klass, o incidente teve lugar apenas dezesseis dias após a exibição pela TV do filme *A Viagem Interrompida*, quando o tema dos raptos estava bem presente na lembrança do público. A tão buscada prova irrefutável dos seqüestros por extraterrestres não seria encontrada no caso de Travis Walton.

O período de meados dos anos setenta até o início dos oitenta foi fértil em matéria de histórias de raptos. Só em 1975 surgiram 25 casos. Em 1979, 27 casos vieram à luz e mais de quarenta foram registrados em cada um dos dois anos seguintes. Para tratar do crescente número de casos que exigiam investigação, surgiram diversas organizações de ufólogos voluntários. O Centro J. Allen Hynek de Estudos sobre OVNIs (CUFOS), o Fundo de Pesquisas sobre OVNIs (FUFOR) e a Rede Mútua de OVNIs (MUFON) juntaram-se às fileiras de grupos venerandos como a Organização de Pesquisas de Fenômenos Aéreos (APRO) e o Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP), ambos fundados nos anos cinqüenta.

Em 1987, uma história de rapto atingiu o topo da lista dos mais vendidos. Em *Comunhão*, um escritor popular de contos de horror chamado Whitley Strieber registrou experiências que dizia terem acontecido com ele em uma cabana isolada no norte do estado de Nova York. De acordo com o livro, ele foi raptado de sua cama por um alienígena, enquanto sua esposa dormia a seu lado. Levado para bordo de uma nave, encontrou outros alienígenas de diferentes tamanhos e formas; um deles, que ele achou ser do sexo feminino, inseriu em seu cérebro uma sonda parecida com uma agulha. Seu relato da horrível experiência, recordada com ajuda da regressão hipnótica, fez de *Comunhão* um sucesso de vendas muito maior do que suas duas outras obras de ficção anteriores.

Por ocasião da publicação do livro, havia tantas histórias de americanos que afirmavam ter sido raptados por discos voadores



Nem todas as descrições são iguais. A criatura da esquerda, supostamente vista por Fortunato Zanfretta em 1978, media mais de 3 metros. A da direita, vista por Carl Higdon em 1974, tinha aparelhos em lugar de mãos e "cabelo espetado como palha".

que o assunto estava assumindo proporções de fenômeno psicossocial. Brotaram em diversas partes do país grupos de apoio, nos quais supostas vítimas de seqüestro faziam discussões terapêuticas de seus problemas. Foi criada até uma conferência anual para os raptados, reunida pela primeira vez em 1980 na universidade de Wyoming, sob os auspícios de um antigo investigador de OVNIs, Leo Sprinkle, que freqüentemente servia como consultor da APRO. Em 1991, 137 pessoas participaram da conferência.

Para impor um pouco de ordem à profusão de incidentes com extraterrestres que eram relatados, J. Allen Hynek, um conhecido pesquisador, desenvolveu no início dos anos setenta uma hierarquia de tipos de contacto. Seu sistema começava com três categorias inferiores de visões de OVNIs à distância: a mais baixa era a visão de luzes no céu noturno, seguida por discos avistados à luz do dia e por visões apoiadas por leituras de radar. Mais importantes eram suas três classes de contactos mais diretos, que ele chamou de contactos imediatos.

Um contacto imediato do primeiro grau era a visão de um OVNI a não mais de 180 metros de distância, sem qualquer interação entre o OVNI e o observador ou o ambiente. Efeitos físicos discerníveis que pudessem ser atribuídos a OVNIs, tais como vegetação esmagada ou queimada em campos cultivados, ou o colapso de sistemas elétricos, eram contactos imediatos do segundo grau. Nessa classificação, um contacto imediato do terceiro grau era aquele em que seres alienígenas eram vistos em suas naves, ou próximo a elas. Hynek, o discreto e erudito fundador do CUFOS, não foi além disso com seu sistema de classificação, para evitar que o comparassem aos "contactados" de reputação duvidosa dos anos cinqüenta, com seus Irmãos do Espaço. Mas o número crescente de alegações de rapto a partir de meados dos anos setenta deixou claro que os encontros imediatos do terceiro grau — que os ufólogos de língua inglesa abreviaram para CEIII (Close Encounters III) — não incluíram um fenômeno cada vez mais importante. E então acrescentou-se à lista mais uma categoria, CEIV: o rapto de seres humanos por alienígenas.

Embora a maior parte dos relatos de seqüestros continue a vir dos Estados Unidos, histórias semelhantes também foram descobertas em outros países nos quais atuam grupos organizados de investigações sobre OVNIs, em especial na Argentina, no Brasil, no Reino Unido e na Austrália. Uma dessas histórias falava até de uma pára-quedista que desaparecera em plena queda livre, reaparecendo três dias depois, para contar que fora interceptada no ar por um disco voador.

No final dos anos oitenta já havia um número suficiente de pessoas que diziam ter sido raptadas para que os investigadores se dispusessem a fazer uma análise demográfica da formação e da personalidade delas. Foi demonstrado que as vítimas vinham de todas as classes sociais, embora seu nível de instrução fosse um pouco mais alto do que o da média geral. Cerca de dois terços pertenciam ao sexo masculino, com uma ligeira predominância de indivíduos cujo trabalho os levava a estar sozinhos fora de casa à noite — policiais, lavradores, caminhoneiros, caixeiros-viajantes. Na maior parte das vezes, o rapto era uma experiência solitária.

Aparentemente, a única predileção óbvia dos alienígenas era por adultos jovens. Um número desproporcional de vítimas tinha entre vinte e quarenta anos de idade; um inglês de 77

Um Fã dos OVNIs Deixa Este Mundo

Embora Granger Taylor não tivessse sequer o ginásio completo, quem o conheceu afirma que ele estava longe de ser um ignorante. Alguns dizem até que era um gênio — um jovem mecânico tão talentoso que conseguia sozinho trazer de volta à vida máquinas de terraplenagem enferrujadas e tratores há muito esquecidos, ou devolver carros com dezenas de anos ao esplendor de seus dias de vitrine.

Taylor trabalhou como auxiliar de manutenção por cerca de um ano após largar a escola; depois começou a montar coisas para si mesmo na propriedade densamente arborizada de seus pais em Duncan, na Colúmbia Britânica, um balneário à beira de um lago na parte sudeste da ilha de Vancouver. Em um piscar de olhos, o terreno tomou ares de um agitado depósito de automóveis: carros velhos sob os abetos, equipamento de solda e motores canibalizados espalhados entre os arbustos.

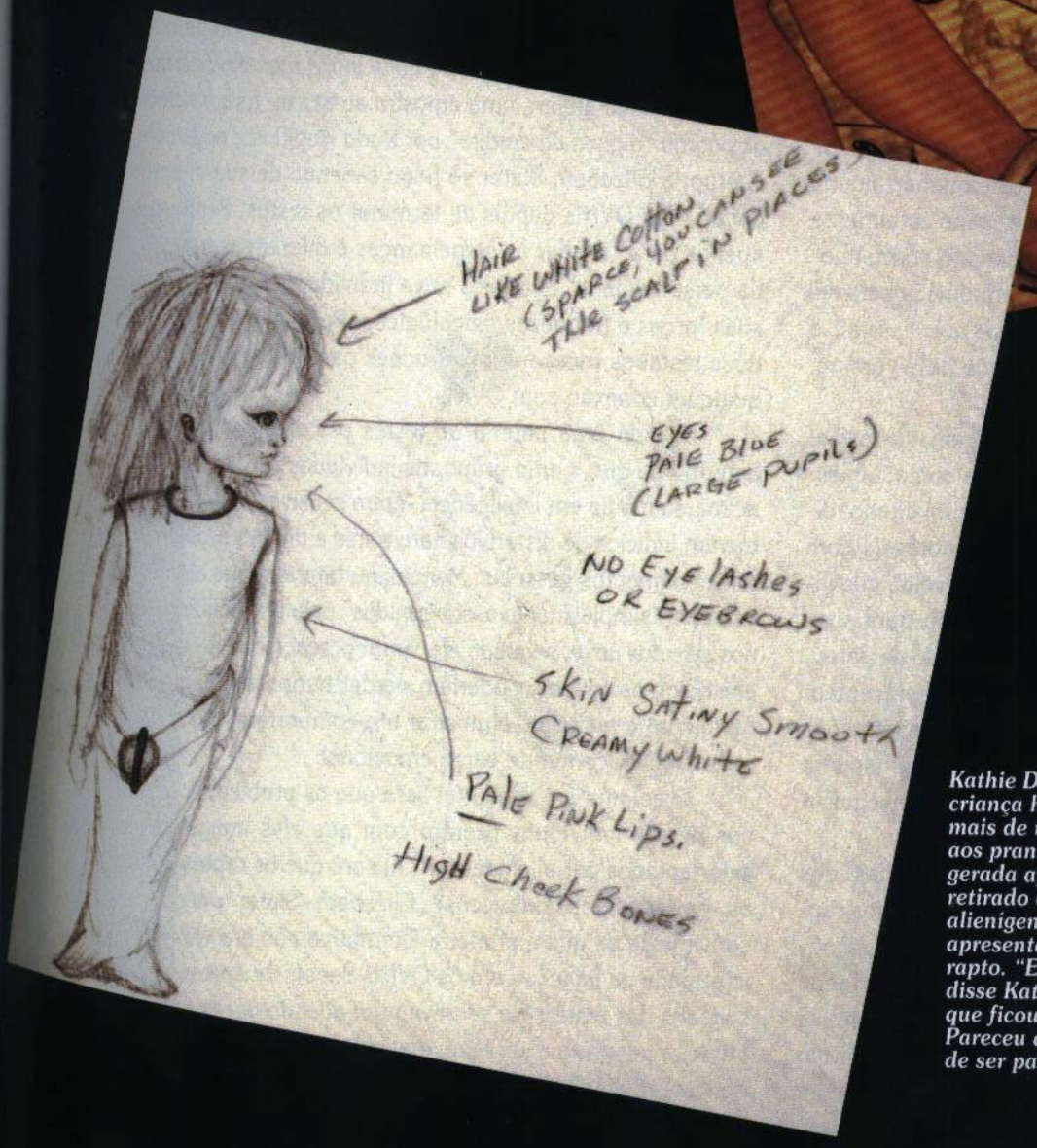
As realizações de Taylor, porém, compensavam amplamente a ofensa ao olhar. Mal chegara à adolescência quando recuperou uma locomotiva a vapor abandonada. Aos quatorze anos construiu um novo modelo de carro com um cilindro que ficou exposto, junto com o motor de trem, no Duncan Forest Museum. Consta que um colecionador desembolsou 20 mil dólares por uma réplica que ele fizera de um caça da Segunda Guerra.

Apesar desses êxitos, aparentemente Taylor perdeu o interesse pelos meios terrenos de transporte no fim dos anos 70 e passou a dedicar-se a um tipo diferente de veículos — os OVNIs. Curioso por descobrir qual seria a energia de propulsão dos discos voadores, lia livro após livro sobre seres e espaçonaves alienígenas, meditando sobre o assunto por dias a fio, na casa em forma de disco voador mostrada acima, que ele construiu com duas antenas parabólicas e equipou com um televisor, um sofá e um fogão a lenha.

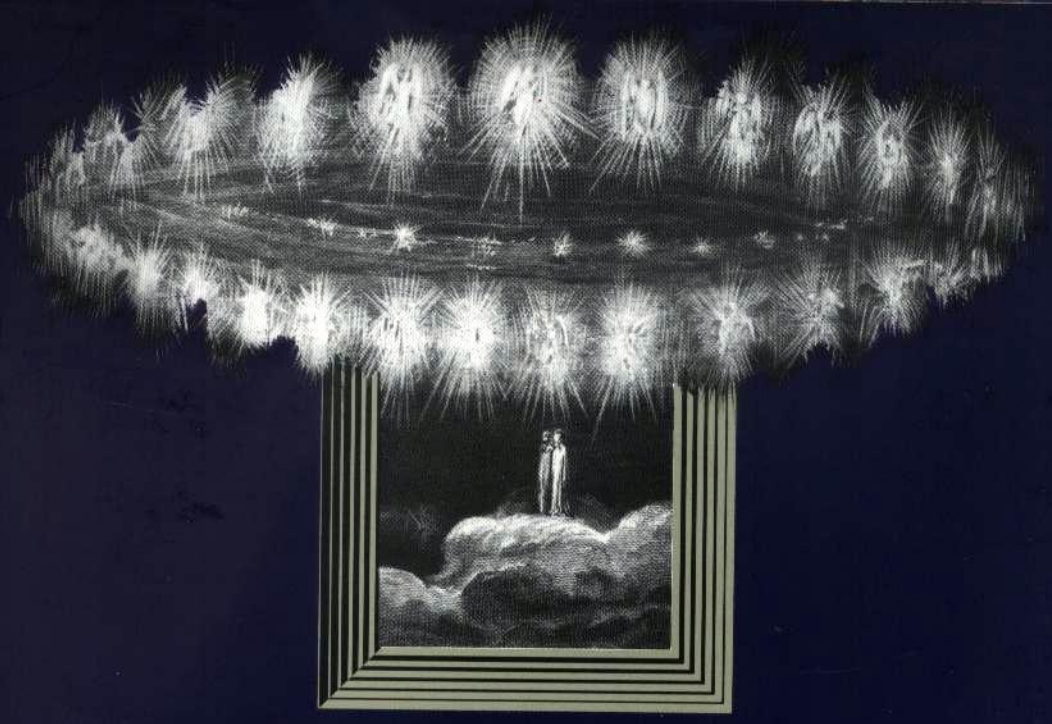
Segundo seu velho amigo Bob Nielson, Taylor estava em sua "espaçonave" residencial em outubro de 1980 quando recebeu comunicações de seres alienígenas. "Ele não os via", disse Nielson. "Eles apenas falavam-lhe através da mente." Taylor perguntou aos seres qual era a energia usada pelos discos, mas eles não quiseram dar-lhe a resposta. Em vez disso, convidaram-no para viajar com eles pelo sistema solar e ele aceitou.

Cerca de um mês depois, Taylor deixou um recado preso na porta do quarto dos pais. "Queridos Mãe e Pai", dizia a nota, "Fui embora para andar a bordo de uma nave alienígena, pois sonhos recorrentes garantiram uma viagem interestelar de 42 meses para explorar o vasto universo e depois voltar. Estou deixando para trás todos meus bens para vocês, pois não precisarei mais deles." Naquela noite, uma violenta tempestade atingiu a região, vinda do Oceano Pacífico. Ventos com a força de um furacão fustigaram a ilha de Vancouver, derrubando fios elétricos e deixando a cidade de Duncan mergulhada em trevas. Quando o sol nasceu no dia seguinte, Granger Taylor e sua picape cor de rosa haviam sumido. Seis anos depois, a caminhonete foi encontrada em uma montanha perto de Duncan, aparentemente despedaçada pelo que deve ter sido uma violenta explosão. Mas o corpo de Taylor nunca foi achado.

Uma criatura de outro mundo segura um frasco cheio de líquido com um feto que é parte humano, parte alienígena, nesta cena de horror desenhada por Betty Andreasson com base em suas lembranças evocadas sob hipnose, em 1987. Ela conta que em um rapto anterior assistira impotente os alienígenas prenderem uma gestante em uma mesa e removerem o feto. Depois disso, o rosto angustiado e suplicante da mulher sempre aparece nos sonhos de Betty.



Kathie Davis afirmou que esta criança híbrida, que ela desenhou mais de um ano depois de acordar aos prantos em outubro de 1983, foi gerada aparentemente de um óvulo retirado de seu próprio corpo. Seres alienígenas, disse ela, teriam lhe apresentado a menina durante um rapto. "Ela sabia quem eu era", disse Kathie com tristeza, "mas acho que ficou assustada ao me ver. Pareceu quase chocada com a idéia de ser parte de mim."



Fabulosos Encontros do Passado

Descobrindo, ao acordar, que seu filho recém-nascido sumiu, a assustada mãe remexe freneticamente as almofadas e cobertores antes de enxergar o bebê acima da cabeceira da cama, suspenso nos braços de diminutos seres alienígenas. Um homem de 35 anos, levado em uma viagem a outro mundo por uma bela criatura feminina, olha para o céu e vê nove anéis resplandecentes, cada um deles parecendo uma multidão de minúsculas estrelas radiantes presas a uma órbita em torno de um ponto solitário, de ofuscante luz branca. Uma mulher desperta de uma profunda modorra e encontra marcas de punção no corpo, sem ter qualquer memória de como foram parar lá.

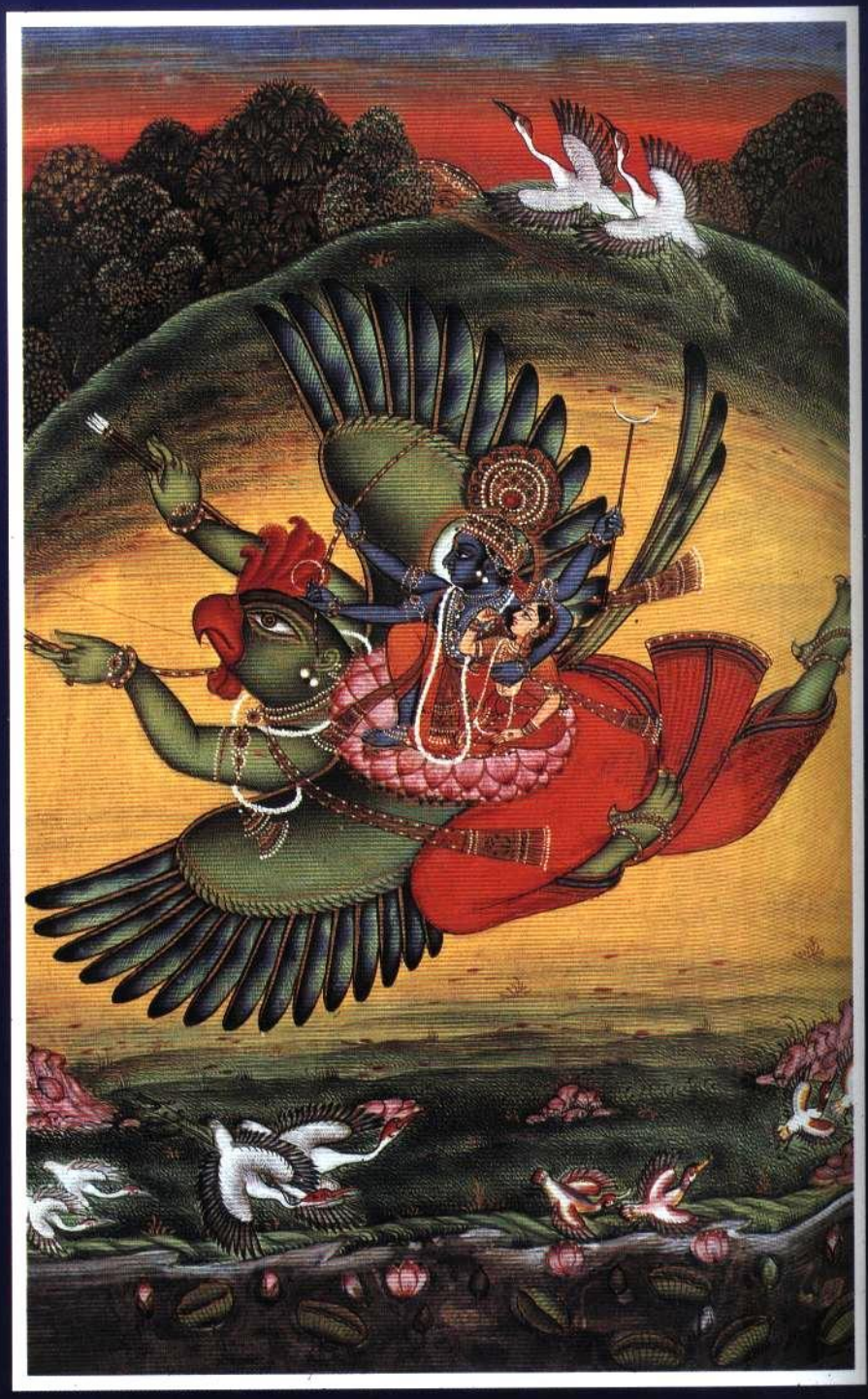
Por mais que esses relatos lembrem as modernas descrições de raptos por alienígenas, na verdade são histórias de tempos há muito passados. O pânico da mãe é parte de uma velha lenda galesa sobre duendes que roubavam bebês. O homem na viagem estranha — mostrado acima olhando para um coro celestial ao lado do anjo que lhe serve de guia — era Dante Alighieri, escritor do século XIV e protagonista da *Divina Comédia*. E a mulher com ferimentos de punção era uma típica vítima de vampiro, no folclore e na ficção do século XIX.

Alguns estudiosos dizem que o fato de o passado abundar em histórias que ecoam os atuais relatos sobre OVNIs reflete velhas preocupações psicológicas expressas agora por meio de símbolos que passaram por alterações, mas ainda são reconhecíveis. Muitos dos que acreditam em OVNIs, porém, acham que as semelhanças, inclusive as que estão ilustradas nestas páginas, são, ao contrário, provas cabais de que encontros imediatos com alienígenas estão ocorrendo desde o começo dos tempos.

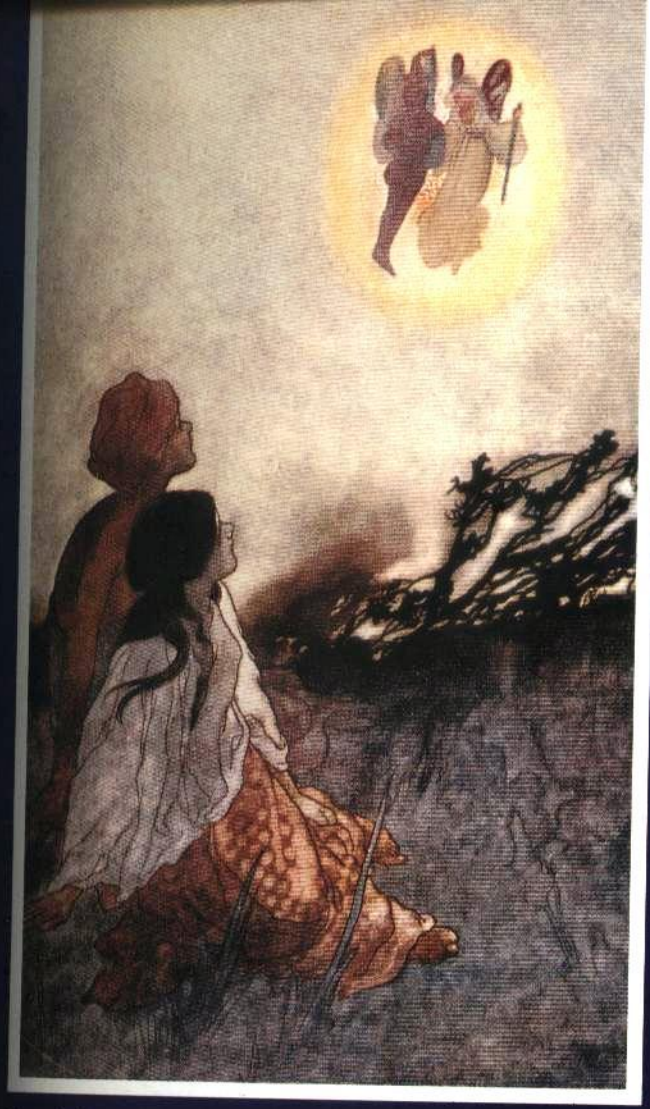
Prodigiosas Visões e Visitações

A maioria dos relatos de encontros imediatos começa do mesmo modo. Dirigindo, descansando em casa, dando uma caminhada, caçando, pescando ou realizando qualquer outra tarefa comum, a pessoa nota um estranho feixe de luz de fonte desconhecida, uma esfera pulsante e multicolorida suspensa no céu ou qualquer outro fenômeno aéreo fora do comum. Com freqüência o OVNI parece deslocar-se sem esforço pelo ar; outras vezes, desafia misteriosamente a gravidade e paira em silêncio, rompe-se em inúmeros pedaços idênticos que depois voltam a se unir ou realiza alguma outra manobra espantosa. Muitas vezes são ocorrências que se assemelham estranhamente a relatos bíblicos ou a antigas lendas e mitos. Alguns desses casos são mostrados à direita.

Será que os relatos modernos de aparições de OVNIs e de visitas alienígenas simplesmente reproduzem antigas tradições, vestindo-as com adereços novos? Alguns folcloristas acham que sim. Mas muitos ufólogos acreditam que até as descrições bíblicas como as da escada de Jacó *(página ao lado)* ou a da subida do profeta Elias aos céus em uma carruagem de fogo, são na verdade relatos de antigos encontros imediatos.



Envoltos em um fulgor de mistério, Vishnu e sua consorte, Lakshmi, sobrevoam um lago no dorso da poderosa águia Garuda — que, ao bater as asas, balançava toda a Terra. Os relatos de aparições de OVNIs mencionam com freqüência luzes e ruídos estranhos e inspiradores de reverência.



Duas fadas luminosas descem do céu noturno em direção a John e Margaret, protagonistas de uma coleção de histórias infantis popular na Inglaterra no final do século passado. Iluminadas por uma luz interior, as fadas apareciam primeiro como uma estrelinha. Depois, como uma espaçonave em miniatura, o par se aproximava aos poucos e ficava suspenso acima da cabeça das crianças.

Jacó vê em sonhos uma escada que desce das nuvens do céu para a rochosa terra abaixo, de maneira similar às colunas de luz que os alienígenas, segundo os modernos relatos de rapto, usam para transportar seres humanos para suas espaçonaves e trazê-los de volta. A escada, tal como é descrita no Gênese, serviu para que diáfanos anjos de Deus descessem para a Terra e voltassem para os céus.

Criaturas Medonhas: Folclore ou Fato?

Um velho trotador, ou caminhante da noite (acima), ronda as trevas em busca de mulheres e criancinhas adormecidas. Tal como os supostos alienígenas que raptam seres humanos, consta que essa figura do folclore induzia um profundo estupor nas testemunhas.

Uma vampira salta ao pescoço de sua presa masculina. Como as vítimas dos vampiros da lenda, os supostos raptados por alienígenas em geral de nada se lembram, nem têm explicações para seus ferimentos.

As pessoas que afirmam terem sido raptadas quase sempre relatam emoções conflitantes. No início de seus contactos imediatos, têm uma breve sensação de espanto causada pelo espetáculo associado à maioria das aparições de OVNIs. Mas assim que se dão conta de que não se trata de uma anomalia da natureza, mas sim de algo muito poderoso, controlado por seres inteligentes e possivelmente ameaçadores, o fascínio infantil costuma ceder lugar ao medo desenfreado.

Porém, em geral está fora de questão a tentativa de fuga. Ou os eventos subseqüentes se desenrolam com demasiada rapidez, segundo as pessoas estudadas, ou elas descobrem com terror que já não controlam suas próprias ações. Por meio de hipnose, telepatia, ou outro método desconhecido para meros humanos, mas pelo visto praticado há séculos pelas ameaçadoras criaturas apresentadas aqui, os alienígenas parecem roubar de suas vítimas a vontade de resistir, atraindo-as irresistivelmente para longe do que consideram conhecido e confortável.

Enviado à Terra para engendrar um filho híbrido do mal, um demônio conhecido como íncubo engravida uma mulher adormecida. Alguns ufólogos acreditam que as criaturas do espaço estão raptando seres humanos hoje para um propósito parecido — gerar uma prole metade humana, metade alienígena.

Míticas sereias aladas cantam acompanhando Ulisses, que singra as águas com sua tripulação. O contato irresistível das sereias atraía e arruinava o marujo. Os que afirmam ter encontrado alienígenas descrevem muitas vezes um idêntico sentimento de impotência e incapacidade de resistir.

Seqüestro e Compaixão

De acordo com um bom número de relatos, os contactos imediatos modernos não costumam acontecer com seres alienígenas solitários, mas envolvem grupos de criaturas que parecem operar com a precisão de um pelotão interestelar. Em geral usam uniforme, e todos se comportam basicamente do mesmo modo, embora na maioria dos casos cada um pareça ter sido designado para uma tarefa específica, que cumpre de maneira mecânica, com freqüência brutalmente eficiente. No entanto, apesar desse tratamento rigoroso, a maioria dos seres humanos que passaram por ele insiste que a experiência não foi inteiramente lúgubre. Entre os alienígenas de coração duro sempre aparece um mais piedoso, que se comunica com os raptados, leva-os de um compartimento para outro dentro da espaçonave, tranqüiliza-os e proporciona outros confortos que outrora eram vistos como bênçãos de um anjo da guarda *(direita)*. É claro que nem todos os supostos raptados voltam para contar a história de um tal protetor. Como bebês roubados por duendes, ou os pecadores nas garras de demônios, essas pobres almas parecem simplesmente desaparecer, para nunca mais serem vistas.

Em um conto admonitório composto mais de cem anos antes da "Divina Comédia" de Dante, a alma de Tondal (abaixo), um cavaleiro pecador, aparece ao lado de seu anjo da guarda, que veio para guiá-lo em uma viagem fantástica pelos reinos do inferno, purgatório e paraíso, e depois de volta ao mundo dos vivos. Várias histórias modernas de rapto contêm descrições de excursões comparáveis, feitas na companhia de guardiães sobrenaturais.

Quatro fadas (esquerda) levam um bebê que encontraram no berço. Obrigadas a prestar tributo ao inferno a cada sete anos, dizia-se que às vezes elas ofereciam seres humanos cativos como pagamento. Tal como o demônio abaixo, que carrega uma alma perdida para a danação, as fadas podiam materializar-se e sumir em um piscar de olhos, e muitas vezes passavam inteiras através de objetos sólidos — capacidades que parecem ter em comum com os supostos alienígenas.

Enfeitiçado pela música das fadas, um infeliz mortal é apanhado em um redemoinho de cogumelos que lembra os vestígios circulares atribuídos à aterrissagem de OVNIs.

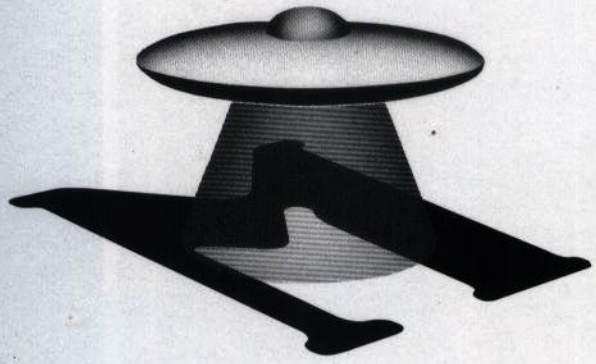
Céu, Inferno e o Reino das Fadas

Quase metade das pessoas que dizem ter sido raptadas alegam que seus captores submeteram-nas a impiedosos e dolorosos exames físicos. Durante esses testes, elas foram cortadas, sexualmente violentadas e submetidas a um sem-número de outros pavorosos tormentos, que com freqüência evocam os castigos que muitos acreditam estar à espera dos pecadores na danação eterna. Duas dessas idéias de inferno são mostradas à direita. De vez em quando, os exames são seguidos por alguma demonstração de boa vontade, como um giro pela nave ou um passeio em alta velocidade pela atmosfera superior da Terra ou em outro mundo. Em casos raros, os raptados — tal como as almas em êxtase apresentadas nas páginas seguintes — também eram premiados com visões de um cintilante paraíso celeste e ouviam uma voz que pensavam ser a de Deus.

Devolvidos à Terra ao término de seus encontros, os raptados em geral não têm qualquer memória consciente da experiência, mas são incomodados por um sentimento de tempo perdido. Nisso, são exatamente como os seres humanos libertados de uma dança de fadas *(esquerda)*. Segundo a lenda, a maior parte das pessoas que se mistura ao povo pequenino acredita ter estado com eles por alguns minutos, no máximo umas poucas horas, quando na verdade sete anos, ou mais, transcorrem misteriosamente.

Demônios humanóides transpassam com lanças os corpos de condenados ao inferno por ira, um dos Sete Pecados Capitais. A sina macabra representada nesta xilogravura do século XV lembra os exames físicos que muitos raptados afirmam ter sofrido nas mãos de alienígenas munidos de agulhas.

A Verdade se Aproxima



onique O'Driscoll sempre se considerou uma pessoa de cabeça fria, não o tipo de gente que tem alucinações, ou se envolve com OVNIs. Aos 37 anos de idade, cuidava sozinha de sua filha, trabalhando como funcionária na cidade de Brewster, subúrbio de Nova York; todos a viam como uma pessoa agradável, inteligente e industriosa. No entanto, o que ela experimentou na noite de 26 de fevereiro de 1983 parecia o sonho selvagem de um demente.

Tudo aconteceu no início da noite. Ela e a filha de quinze anos, também chamada Monique, estavam voltando para casa depois do jantar quando a filha gritou: "Mãe, olhe só aquelas luzes." E a mãe logo avistou aquelas luzes que se moviam devagar, acima da copa das árvores, acompanhando o carro quando ela diminuiu a velocidade para cerca de quarenta quilômetros por hora. As luzes eram brilhantes e multicoloridas — vermelhas, brancas, azuis e amarelas. Havia cerca de cinqüenta delas, dispostas em forma de bumerangue, em um objeto escuro, parecido com uma asa.

Mais curiosa do que amedrontada, Monique O'Driscoll parou o carro perto de um lago e desceu. As luzes estavam pairando a cerca de 10 metros acima do lago, refletindo-se no gelo, e começaram a piscar em seqüência ao longo das asas da estrutura. "Minha filha estava gritando para que eu voltasse", contou ela, "mas eu fiquei ali parada, olhando para aquela coisa à distância de uma pedrada de mim. Era enorme." Calculou que o objeto tinha cerca de 70 metros, de uma ponta à outra. A moça chamava a mãe aos gritos, e então ela começou a voltar para o carro; o objeto passou devagar, bem acima delas. "Olhei para cima e fiquei ofuscada pelas luzes", disse ela. "Abriguei os olhos e vi aquele enorme objeto metálico e cinzento, com todo tipo de grelhas, canos e tubos. Tudo parecia conectado com umas depressões circulares bem no centro."

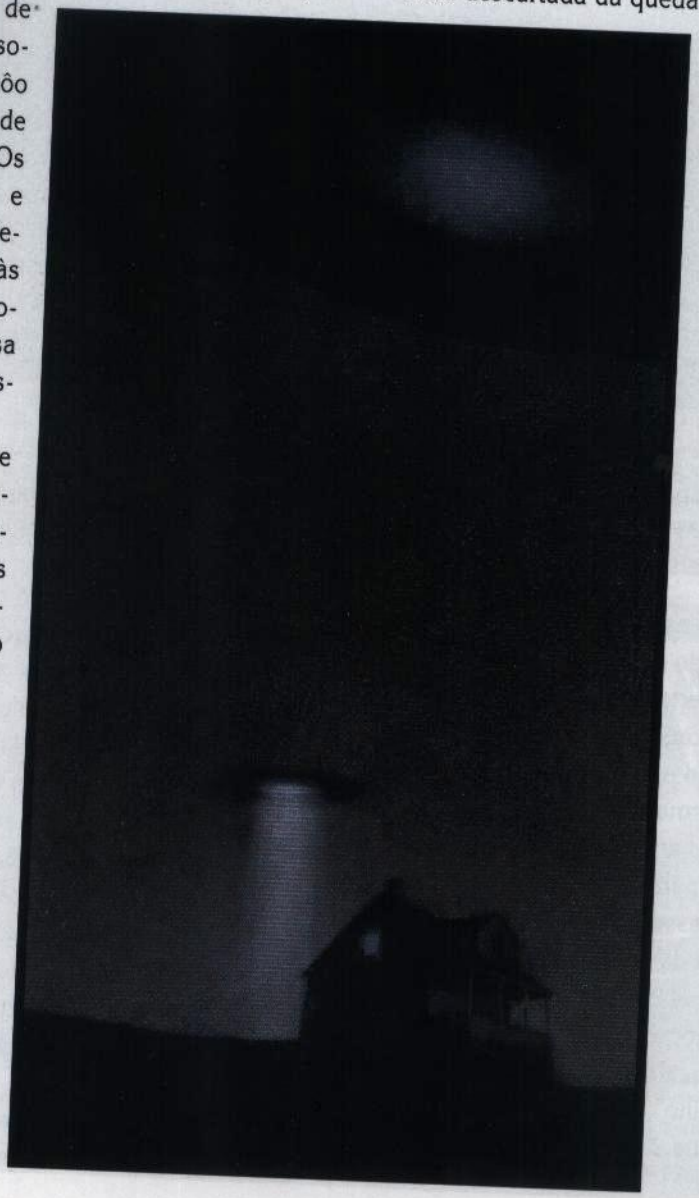
Ela ficou olhando para o objeto que flutuava sobre ela por cerca de dez minutos. "As luzes estavam piscando como loucas", contou ela. "Então, o objeto fez uma curva lenta e fechada, como se estivesse girando sobre um eixo, e foi lentamente para o leste, logo acima das árvores. Depois desapareceu. Simplesmente sumiu." Também houve outra testemunha, uma mulher chamada Rita Rivera, que estava estacionada em seu carro perto do lago, a várias centenas de metros do carro de Monique O'Driscoll. Rita disse que viu tudo, olhando aterrorizada de den-

tro do carro. E pelo menos dez outras pessoas que residiam na área afirmaram ter visto um objeto em forma de bumerangue flutuando silenciosamente por sobre suas casas entre as sete e as dez horas, naquela mesma noite.

Não foi a primeira vez que se avistou um OVNI nas vizinhanças de Brewster. Dois meses antes, logo antes da meia-noite da noite de ano novo, Edwin Hansen, um gerente de depósito de 55 anos de idade, notou umas luzes curiosas que no início julgou serem de um helicóptero; mas logo delineou-se a forma de um imenso e ameaçador bumerangue. Na semana seguinte, diversos relatos parecidos chegaram aos ouvidos da polícia — que os descartou como luzes de aviões. Mas no dia 26 de fevereiro, pela primeira vez muitas pessoas avistaram na região o mesmo tipo de OVNI, mais ou menos ao mesmo tempo; essa data também marcou o início de uma série de aparições que envolveria muito mais gente do que qualquer fenômeno anterior nos anais da ufologia. Até que as aparições do vale do Hudson deixassem de ocorrer, cerca de cinco mil pessoas afirmariam ter observado o vôo de um grande bumerangue, ou de vários, com luzes intermitentes. Os críticos expressaram dúvidas e ofereceram explicações, mas o fenômeno resistiria teimosamente às tentativas de interpretação racional, dando assim uma poderosa contribuição para o crescente mistério dos OVNIs.

Com efeito, nas décadas de 70 e 80, à medida que pesquisadores do mundo inteiro iam refinando suas técnicas investigativas e novos dados iam se acumulando, desenvolvia-se uma avaliação cada vez mais complexa e perturbadora dos OVNIs. As impressionantes histórias de raptos e exames físicos realizados por alienígenas provocavam as mais negras manchetes. Contudo, havia ainda coisas muito mais interessantes à espera dos ufólogos. Os pesquisadores deixariam de lado a multidão de fraudes ou ilusões de óptica para acumular indícios de uma tecnologia ainda mais mágica do que a suposta anteriormente. Analisaram numerosos encontros com OVNIs, alguns dos quais seriam cômicos se não fossem tão estranhos, em certos casos tão apavorantes, e em outros até fatais.

Tudo isso foi acompanhado por mais e mais visões de seres ao timão dos OVNIs — e surgiram descrições de viajantes espaciais humanóides em uma notável variedade de tamanhos e formatos. Os pesquisadores estudavam fotos de supostos OVNIs e examinavam os indícios de sua alegada presença na Terra. Com base em novas informações, uma velha história outrora descartada da queda de um OVNI voltaria a ser estudada. E, juntamente com novos depoimentos, esse estudo levaria os pesquisadores à desconfiança de que o governo americano, apesar de todo o declarado desinteresse, sabe muito mais do que aquilo que suas autoridades revelam — ou gostariam que fosse revelado.



Os cidadãos de Westchester e de seis outros condados a norte e a leste de Nova York podem muito bem sentir-se no direito de ter acesso a quaisquer explicações sérias que o governo possa oferecer. As aparições de 26 de fevereiro não foram nada em comparação com o que aconteceu três

O OVNI em forma de bumerangue da ilustração inferior foi desenhado com base em descrições de várias testemunhas que o teriam visto no céu perto de Carmel, em Nova York, na noite de 26 de fevereiro de 1983. OVNIs semelhantes foram mencionados por mais de 5 mil pessoas na área do vale do Hudson entre 1982 e 1986, inclusive o que foi supostamente capturado em filme na foto do alto, de 24 de julho de 1984.

semanas depois, no dia 17 de março. Nessa noite, centenas de moradores de Brewster e da vizinha Danbury, no estado de Connecticut, e motoristas que passavam pela Rodovia Interestadual 84, deram telefonemas frenéticos para a polícia, relatando o aparecimento de um grande objeto que se movia com lentidão pelo ar e lançava ao solo fantásticos feixes de luzes coloridas.

Outra semana se passou e, no dia 24 de março, em um período de duas horas e meia a partir das 19h30, estima-se que duas mil pessoas tenham testemunhado o mesmo fenômeno. Observadores com binóculos viram uma estrutura verde opaca ligando as luzes e disseram que quando ela se virava era possível perceber a forma de um "V". A certa altura, as visões ocorreram ao mesmo tempo em duas localidades a cerca de 24 quilômetros uma da outra, em Millwood e em Yorktown, onde cerca de mil pessoas viram luzes em forma de "V" voando devagar a alturas que variavam do topo das árvores a cerca de 600 metros, detendo-se ocasionalmente para pairar acima de automóveis e indivíduos, como se estivesse inspecionando. Algumas pessoas disseram que o OVNI era do tamanho de um porta-aviões; para outras, ele parecia "uma cidade voadora". Algumas testemunhas associaram um vago ruído de aspiração ao OVNI, mas a maioria delas não ouviu qualquer som. "O estranho naquela coisa é que não fazia barulho", disse Ruth Holtsman, que estava em um carro com a família. "Ficava ali, parada no céu. Era como um fantasma."

Então, a comoção acabou. Durante mais de um ano, ocorreram apenas alguns relatos esporádicos. Porém, nos dias 14 de junho e 24 de julho de 1984, o bumerangue supostamente reapareceu, desta vez dando a impressão de estar inspecionando a central nuclear de Indian Point, perto de Buchanan, no estado de Nova York. No dia 14, doze guardas da central afirmaram ter visto o que um deles chamou de "dez ou mais luzes dispostas em forma de bumerangue" pairando a cerca de quatrocentos metros, por cerca de quinze minutos. Na noite do dia 24 de julho, segundo os guardas, um objeto apareceu de novo sobre Indian Point, acendendo em semicírculo primeiro suas luzes brancas, depois as amarelas e finalmente as azuis, enquanto uma luz vermelha piscava na traseira. Quando o objeto chegou a 150 metros de distância dos guardas, eles puderam distinguir uma forma como uma casquinha de sorvete. Parecia gigantesco, grande como três campos de futebol, e deslocava-se com tal lentidão que era possível acompanhá-lo a pé.

Relatórios extra-oficiais disseram depois que quando o OVNI chegou mais perto de um dos reatores um funcionário de dentro da usina começou a filmá-lo com uma câmera de segurança, do alto de um mastro de 30 metros de altura. O objeto era tão imenso que o funcionário teve que girar a câmera 180 graus para apanhá-lo por inteiro. Foi dito que, durante a aproximação do OVNI, os sensores para detecção de movimento deixaram de funcionar, bem como o restante do sistema de alarme e o computador pro-

gramado para segurança e comunicações. Finalmente, após cerca de vinte minutos, o OVNI passou por cima de umas árvores e sumiu. Segundo os boatos locais, as autoridades encobriram o assunto a partir do dia seguinte. Os guardas receberam ordens de esquecer o que haviam visto, os registros em vídeo foram removidos e funcionários da Comissão Nuclear revisaram rapidamente os procedimentos de segurança da usina. As aparições na área dos subúrbios de Nova York continuaram pelo mês de agosto adentro, com seis casos, e depois começaram a diminuir. O padrão de luzes em bumerangue característico foi avistado mais uma vez em outubro, duas vezes em 1985 e três vezes em 1986. Em 1987, o fenômeno parecia ter chegado ao fim.

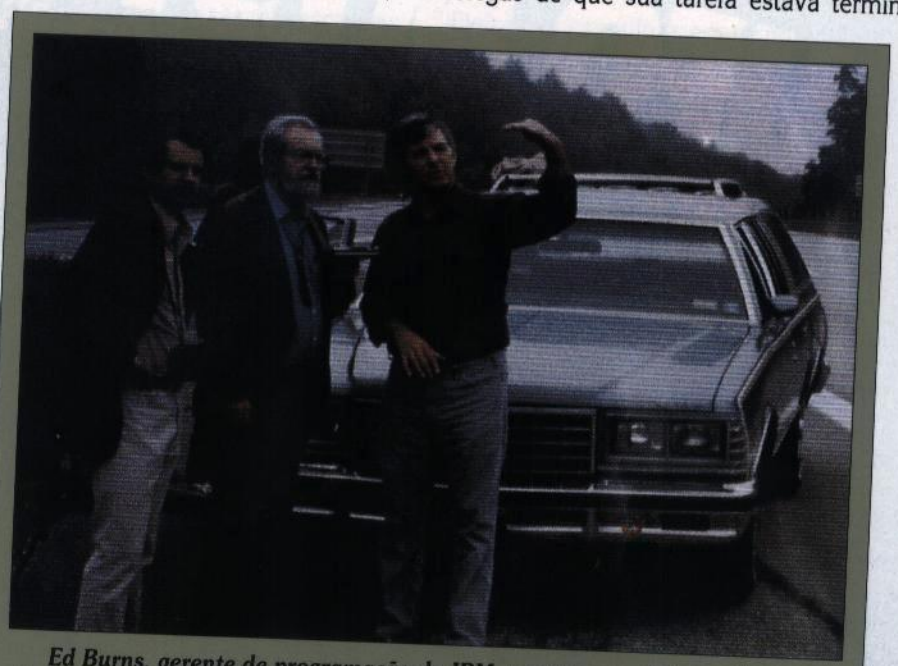
Se não fosse por outro motivo, as aparições do vale do Hudson seriam importantes só pelo número de testemunhas e pela coerência de seus relatos. O principal investigador foi Philip J. Imbrogno, um conhecido ufólogo da região que liderou uma equipe trabalhando em conjunto com o Centro de Estudos sobre OVNIs, de J. Allen Hynek. Imbrogno começou suas pesquisas em 1983, no auge do tumulto. Ele e seus colegas entrevistaram não menos de trezentas testemunhas, exclusivamente acerca do episódio de 24 de março de 1983.

Os investigadores procuraram pessoas que consideraram aptas a fazer observações precisas, menos suscetíveis de sucumbir à histeria de massas: médicos, engenheiros, advogados, cientistas, executivos. Um engenheiro com treinamento em sistemas de controle de tráfego aéreo avistou cinco luzes verdes com a forma de bumerangue deslocando-se em silêncio pelo céu. O meteorologista-chefe do Serviço Nacional de Meteorologia do aeroporto de Westchester descreveu o objeto se movendo lentamente no ar, com as luzes mudando de cor "como se contivessem um prisma giratório". Estimou que devia ter cerca de 300 metros de envergadura. "Não era nenhum tipo de aeronave que eu conhecesse", disse ele a Imbrogno. Nem era, continuou, "uma formação de aeronaves." No entanto, diversos desmistificadores diziam justamente que as aparições do vale do Hudson eram uma formação de aeronaves.

Em novembro de 1984, em meio a toda a excitação, a popular revista de ciência *Discover* publicou um artigo afirmando que tudo não passara de uma grande brincadeira perpetrada por um grupo de pilotos de aviões pequenos do aeroporto de Stormville, no estado de Nova York. Os "Voadores de Stormville", tal como a revista os chamou com admiração, equiparam seus aviões com luzes coloridas e saíram voando pela noite para ofuscar e deslumbrar a população com seus raios piscantes e seus vôos em formação.

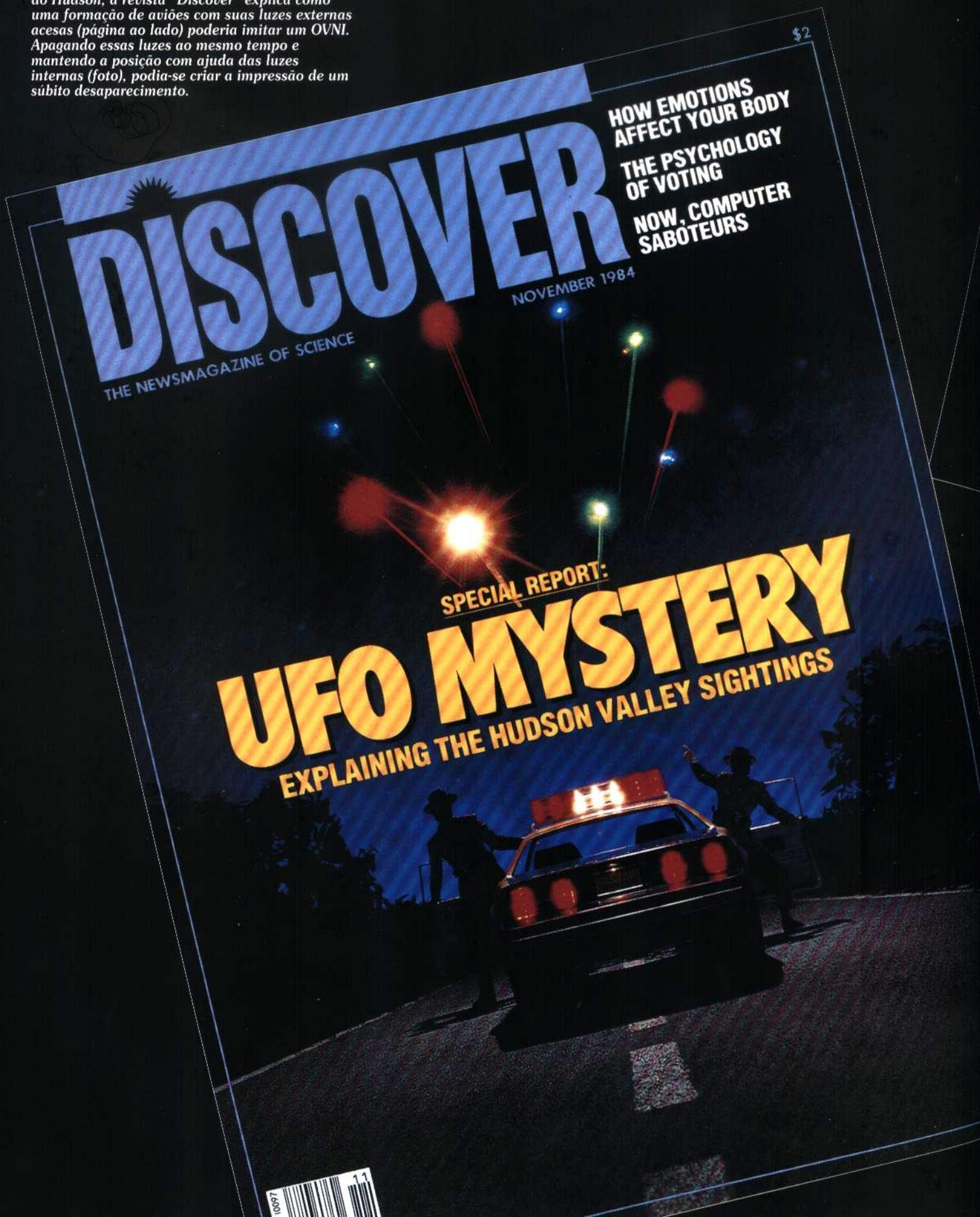
as algumas provas deviam ser levadas em conta. Dois pesquisadores de OVNIs, Dick Ruhl e Richie Petracca, trabalhando para a respeitada Organização de Pesquisas sobre Fenômenos Aéreos (APRO), anunciaram ter presenciado uma exibição dos pilotos de Stormville. Tal como Ruhl relatou o incidente, certa noite ele e Petracca estavam viajando pela Interestadual 84 por volta das 21h30, quando avistaram "um objeto branco brilhante em forma de cunha flutuando e virando no céu". Então, outro objeto entrou no campo de visão deles, e os dois OVNIs deslizaram lentamente pelo ar, manobrando um em torno do outro e lampejando luzes multicoloridas. Aparentemente, havia mais objetos, pois Ruhl conta que "eles acabaram formando-se como um enorme bumerangue, e foi então que eu vi luz refletida na fuselagem de seis aviões. Percebemos que era evidente a exibição dos 'pilotos de Stormville'."

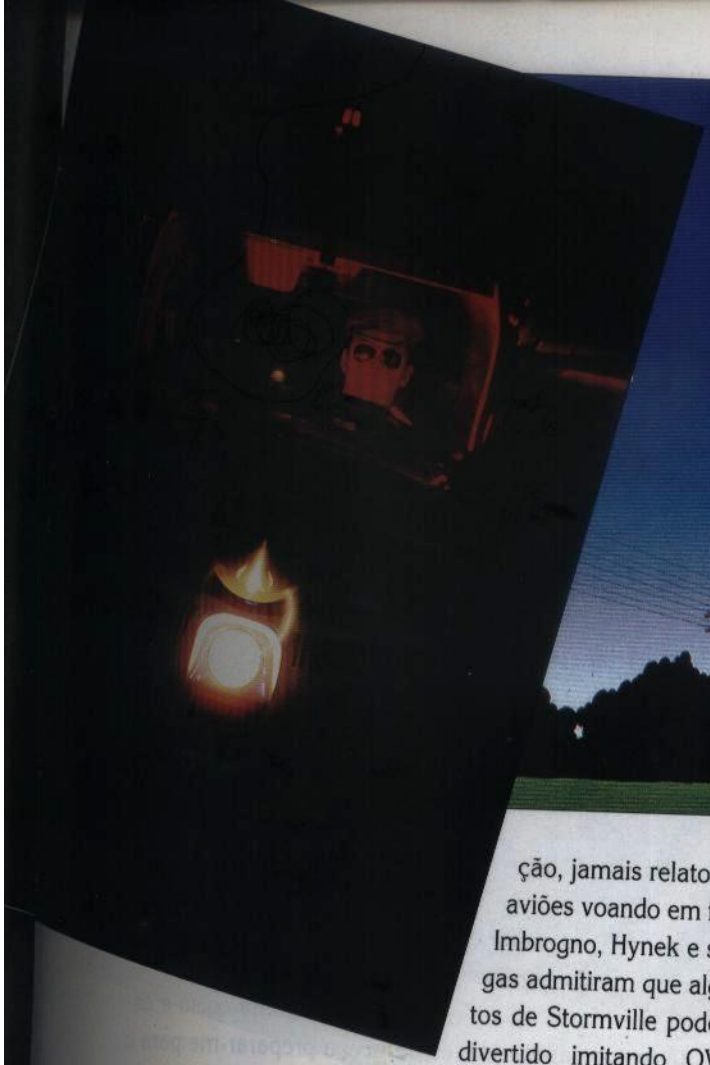
Todavia, isso não bastou para convencer Imbrogno e seus colegas de que sua tarefa estava terminada. Uma testemunha após a outra afirmava que todas as luzes vinham de uma única estrutura metálica não-refletora, em forma de bumerangue. Nenhum desses observadores, entre os quais havia até profissionais de avia-



Ed Burns, gerente de programação da IBM, mostra aos ufólogos Philip J. Imbrogno (esquerda) e J. Allen Hynek as manobras do OVNI que ele afirma ter visto quando viajava por Westchester, no dia 24 de março de 1983.

Contestando os testemunhos de OVNIs no vale do Hudson, a revista "Discover" explica como uma formação de aviões com suas luzes externas acesas (página ao lado) poderia imitar um OVNI. Apagando essas luzes ao mesmo tempo e mantendo a posição com ajuda das luzes internas (foto), podia-se criar a impressão de um súbito desaparecimento.



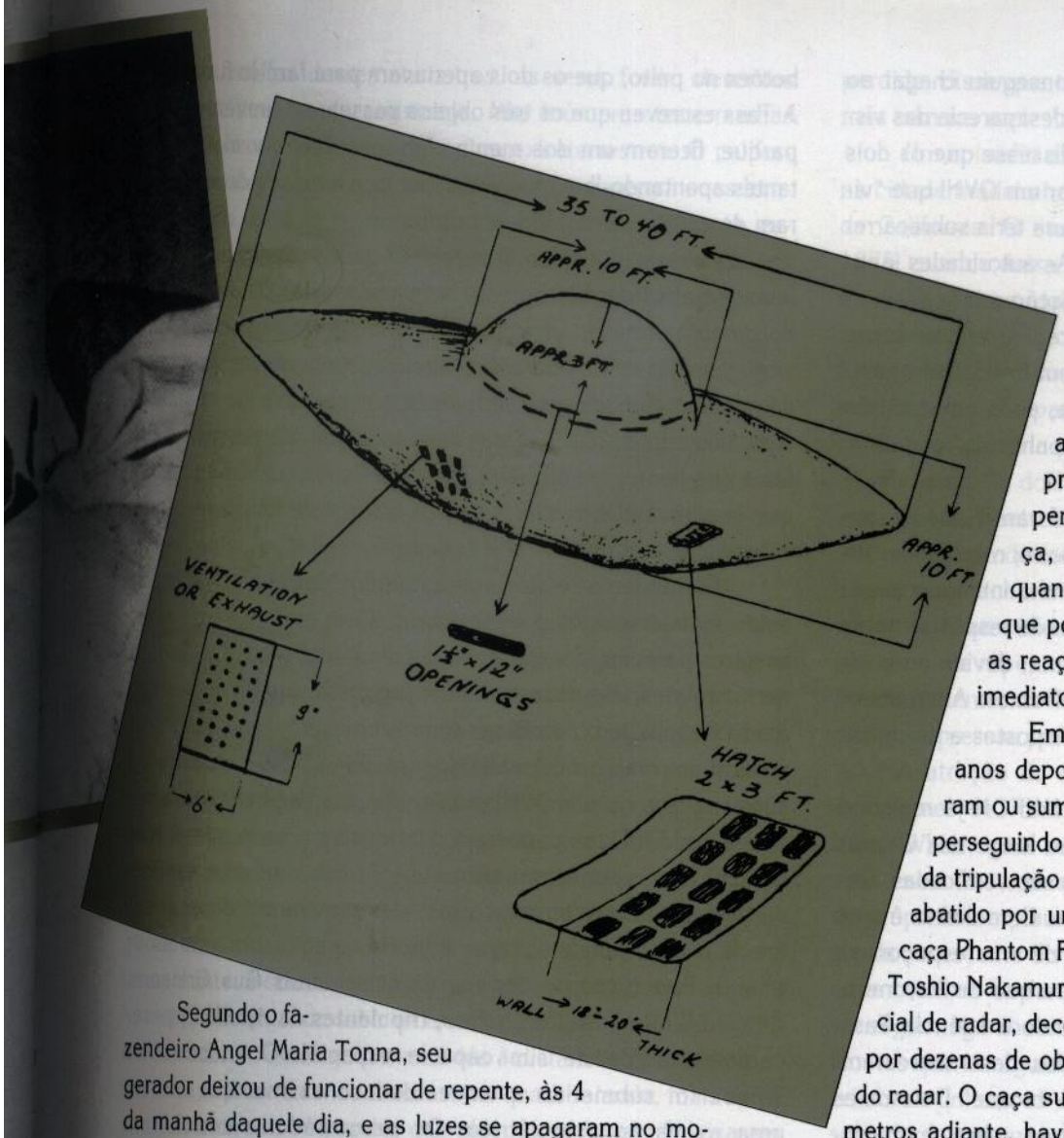


ção, jamais relatou ter visto aviões voando em formação. Imbrogno, Hynek e seus colegas admitiram que alguns pilotos de Stormville podem ter se divertido imitando OVNIs. Na opinião de Imbrogno, porém, isso apenas explicaria uma minúscula fração das aparições do vale do Hudson; em um artigo apresentado a um simpósio da Rede Mútua de OVNIs (MUFON) realizado em julho de 1984 em San Antonio, no Texas, ele escreveu: "Estou convencido de que estamos lidando com um grande objeto de origem desconhecida. Parece-me também que outros dois ou três objetos estavam no ar naquela noite causando pânico em toda a área." E acrescentou: "A maioria das testemunhas sente-se ofendida pela teoria dos aviões em formação."

Fosse qual fosse o significado das aparições do vale do Hudson, o fenômeno mostrou-se benigno ou, pelo menos, não abertamente ameaçador. Contudo, os registros sobre OVNIs cada vez mais trazem elementos de confronto, que muitas vezes têm um ar de diabrura caprichosa — e até mesmo de franca malevolência. Os confrontos costumam envolver uma luz extraordinariamente intensa e penetrante, quase líquida em sua densidade. Relata-se com freqüência que um efeito estonteante de elevação eletromagnética acompanha a luz, erguendo objetos pesados em desafio às leis da gravidade. Máquinas e equipamentos deixam de funcionar; os estudos sobre casos de OVNIs contêm centenas de relatos de motores de carros que falham, luzes que diminuem de intensidade, rádios que se apagam. Ao contrário dos bumerangues silenciosos de Westchester, muitos confrontos com OVNIs foram marcados por emissões insuportáveis de som e até sintomas físicos como tremedeiras, dificuldades de respiração, dores no peito, paralisia e amnésia.

No dia 24 de janeiro de 1974, perto de Aische-en-Refail, na Bélgica, uma mulher estava indo para casa em seu Volkswagen em uma tarde clara e fresca quando, segundo contou depois, avistou um objeto metálico mais à frente na estrada, à esquerda. Era vermelho, com um domo achatado no alto e duas fileiras de escotilhas em torno dele. Quando ela se aproximou, o rádio calou-se, o motor falhou e morreu e o carro parou, a uns dez metros dele. Passado algum tempo, o objeto estranho elevou-se nos ares e o motor do carro voltou a funcionar sozinho. A testemunha sofreu pesadelos e um cansaço anormal por vários dias, mas, fora isso, não teve mais nada.

Três semanas depois, do outro lado do Atlântico, dois irmãos estavam levando um caminhão alugado de Idaho para a Califórnia. Segundo contaram, estavam no estado de Nevada quando, às 4h15 da madrugada, o que estava no volante assustou-se com um grande objeto redondo e alaranjado voando à esquerda do caminhão, enquanto outros três objetos luminosos menores o acompanhavam, do outro lado. De repente, o objeto alaranjado atravessou a estrada, na frente do caminhão e, segundo um deles, foi "como se houvéssemos sido atingidos por uma lufada de vento, ou um campo de força". Então, os faróis do caminhão começaram a acender e apagar, o motor parecia falhar. O motorista perdeu o controle do veículo, e os dois perceberam que o caminhão flutuava acima do pavimento, afastando-se da estrada. Olhando para fora, ficaram boquiabertos



Uma revista canadense de ufologia publicou este esboço (esquerda) da nave que teria contactado Stephen Michalak (na foto, recuperando-se em um hospital), em maio de 1967. O canadense disse ter recebido um jato de ar quente do OVNI, por uma abertura coberta por uma tela. Consta que o incidente provocou-lhe dores de cabeça, náusea e outros problemas.

Segundo o fazendeiro Angel Maria Tonna, seu gerador deixou de funcionar de repente, às 4 da manhã daquele dia, e as luzes se apagaram no momento em que começavam as atividades da fazenda. Ao sair para ver o que estava acontecendo, ele avistou um disco grande, "como dois pratos, um fechando o outro", flutuando a cerca de sete metros do chão. Tonna disse que o disco era cor de laranja brilhante, e iluminava o pátio da fazenda com seu fulgor. Quando Topo, seu pastor alemão de quase 30 quilos, avançou latindo, Tonna viu o OVNI disparar três raios parecidos com relâmpagos de cada lado. Sentiu um intenso calor e o que descreveu como choques elétricos que o deixaram temporariamente paralisado. Depois disso o OVNI afastou-se e o gerador começou a funcionar de novo, mas deixara de produzir eletricidade, pois os fios haviam queimado.

Tonna saiu do episódio com graves irritações na pele, mas o cachorro recusou-se a comer e morreu três dias depois. A autópsia revelou que o animal sofrera um forte aquecimento interno, com rompimento de vasos sangüíneos e órgãos danificados — como se houvesse sido cozido. Se aceitarmos as afirmações de Tonna e do veterinário, parece um pouco de exagero imaginar que o OVNI estivesse se defendendo contra a ameaça de um cachorro barulhento. O mais provável é que o homem e o animal tenham penetrado em uma espécie de campo de força, que acabou sendo fatal para Topo. Mas quando os serviços de informação divulgaram o que poderia ser interpretado como uma ameaça, as reações e poderes atribuídos aos OVNIs foram imediatos.

Em Cuba, em 1967, e na África do Sul, dez anos depois, consta que caças a jato se desintegraram ou sumiram no ar quando estavam aparentemente perseguindo OVNIs. Em outra ocasião, um sobrevivente da tripulação declarou sem rodeios que seu aparelho fora abatido por um OVNI. No dia 9 de junho de 1974, um caça Phantom F-4EJ japonês pilotado pelo tenente-coronel Toshio Nakamura, com o major Shiro Kubota como seu oficial de radar, decolou para verificar um objeto que fora visto por dezenas de observadores em terra e apanhado nas telas do radar. O caça subiu até uns cem metros e lá, poucos quilômetros adiante, havia um objeto brilhante. "Logo no primeiro momento eu senti que aquele objeto em forma de disco era um aparelho pilotado por seres inteligentes", declarou depois Kubota. O OVNI parecia ter cerca de 10 metros de diâmetro, com marcas quadradas ao longo da circunferência que Kubota achou que "podiam ser escotilhas ou saídas de propulsão".

Segundo o major, quando o Phantom se aproximou do OVNI, este "descreveu uma curva lenta, como se estivesse sentindo nossa presença". O piloto Nakamura armou seu canhão de 20 mm e manobrou para colocar o objeto na mira. "De repente, o objeto inverteu a direção e disparou diretamente em nossa direção", contou Kubota. Nakamura virou para a esquerda e fez o Phantom entrar em um mergulho de torcer as tripas. "O OVNI vermelho brilhante passou como um raio — errando-nos por centímetros", lembrou-se Kubota. "Então, fez uma curva fechada e veio para nós de novo". O OVNI ameaçou o caça com passagens a alta velocidade diversas vezes — até que, segundo Kubota, finalmente atingiu de frente o Phantom, que explodiu em chamas.

De algum modo, os dois tripulantes do jato conseguiram ejetar-se. O pára-quedas do tenente-coronel Nakamura estava

em chamas e ele pereceu, mas Kubota conseguiu chegar ao solo em segurança. Enquanto isso, o OVNI desaparecia das vistas — e das telas do radar. Houve quem dissesse que os dois oficiais estariam tão ansiosos para enfrentar um OVNI que "viram" o que queriam; e que o piloto Nakamura teria sobrecarregado o avião, levando-o a desintegrar-se. As autoridades japonesas conduziram uma demorada investigação, cujos resultados nunca se tornaram públicos, com exceção de uma breve declaração segundo a qual um caça Phantom F-4EJ caíra, matando o tenente-coronel Toshio Nakamura, após uma colisão em pleno ar com "um avião ou objeto desconhecido".

Se os jatos cubano, sul-africano e japonês foram ou não abatidos por pilotos alienígenas irados, não se sabe; mas os investigadores em geral concordam em que uma alta inteligência parece governar as ações dos OVNIs. A busca de respostas sobre essa inteligência é particularmente premente, devido ao crescente número de histórias de raptos e confrontos. Além disso, há indícios de que os alienígenas estão dispostos a se deixar ver nas mais variadas circunstâncias.

Com efeito, o grupo de estudos da MUFON já registrou cerca de 2 mil histórias de humanóides ao longo das últimas quatro décadas. Algumas das histórias não são verificadas. Outras são descartadas como puras invenções. Uma destas é uma notícia de outubro de 1989, dando conta de uma espaçonave vermelha brilhante que pousou em um parque de Voronezh, 450 quilômetros ao sul de Moscou. Segundo a agência Tass, três meninos viram três objetos animados desembarcarem, envergando vestes prateadas e botas de bronze. Dois deles eram criaturas com 2,70 a 4 metros de altura; não tinham propriamente cabeças, mas apenas uma protuberância no alto, com dois olhos e algo semelhante a uma lâmpada. O terceiro tinha jeito de robô; embora se parecesse com os outros, tinha botões no peito, que os dois apertavam para fazê-lo funcionar. A Tass escreveu que os três objetos passearam brevemente no parque, fizeram um dos meninos desaparecer por alguns instantes apontando-lhe uma "arma" longa e tubular e depois subiram de volta à nave, indo embora.

A imprensa ocidental recebeu o relato como uma manifestação absurda da imprensa sensacionalista. Citando fontes do bloco oriental, o ufólogo Bill Knell explicou que um OVNI verdadeiro havia de fato aparecido naquele dia sobre uma base aérea altamente sensível perto de Voronezh, pairando sobre ela e paralisando o radar e outras defesas até decidir partir. A KGB fez o que pôde para silenciar as testemunhas, mas imaginando que inevitavelmente algum tipo de história de OVNIs acabaria vazando, inventou a história do parque.

Há inúmeros relatos sobre humanóides que os ufólogos estão mais dispostos a levar a sério. Com grande freqüência, os seres parecem desejar apenas comunicar-se — e, segundo certos relatos, algumas vezes conseguiram. Um lavrador chamado Gary Wilcox, de Binghamton, no estado de Nova York, relatou um diálogo com alienígenas. Ele estava cuidando de suas vacas e viu um OVNI pousar; foi até lá e bateu para ver se era sólido. Duas pequenas criaturas saíram do aparelho e começaram a conversar com ele, por meio de uma espécie de telepatia. Entre outras coisas, eles previram acontecimentos no mundo humano, como a morte de um astronauta americano. Pouco tempo depois, os astronautas Gus Grissom, Edward White e Roger Chaffee, tripulantes da *Apollo 1*, pereceram a bordo de sua cápsula espacial. O encontro de Wilcox foi submetido a um cuidadoso exame, que incluiu uma avaliação psiquiátrica. Os pesquisadores concluíram que Gary Wilcox era mentalmente saudável, não era um impostor e havia passado por uma experiência muito estranha e desconcertante.

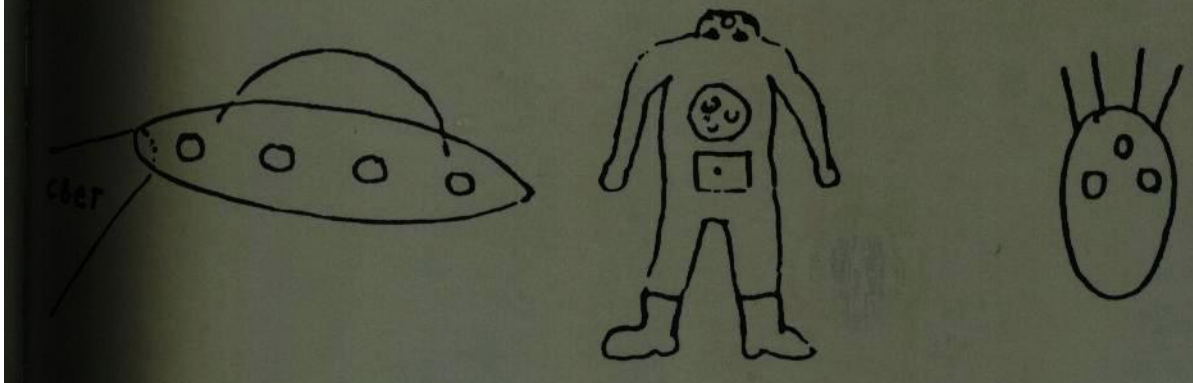
Em muitos desses encontros, os seres foram descritos como pacíficos, e até amistosos. Mas inúmeras testemunhas relatam encontros de pesadelo com extraterrestres. O californiano Donald Schrum, por exemplo, nunca superará suas lembranças do dia 4 de setembro de 1964. Segundo ele conta, estava caçando com arco e flecha em Placer County com amigos e perdeu-se deles; quando o sol se pôs, ele resolveu passar a noite em segurança no alto de uma árvore. Algumas horas depois, avistou uma luz branca deslocando-se em ziguezague a baixa altitude. Pensando tratar-se de um helicóptero, Schrum desceu do desconfortável galho em que estava e acendeu uma fogueira para atrair a atenção. A luz dirigiu-se para ele e parou a cerca de vinte metros. Não parecia qualquer helicóptero que ele, então com 28 anos, houvesse visto algum dia; assustado, ele subiu na árvore de novo.

ogo depois, dois humanóides e algo semelhante a um robô aproximaram-se e começaram a sacudir a árvore, como se quisessem derrubar o caçador. A certa altura, o robô soltou um vapor branco que deixou o rapaz enjoado. Mesmo assim, ele conseguiu pôr uma flecha no arco e dispará-la contra o robô; o robô soltou um raio em arco e recuou. Schrum disparou outras duas flechas contra o robô e com isso dispersou os atacantes. Então, um segundo robô chegou e emitiu mais vapores, deixando-o momentaneamente inconsciente. Quando se recobrou, viu os dois humanóides tentando subir na árvore para apanhá-lo. De algum modo, Schrum conseguiu mantê-los à distância. O assédio durou toda a noite. Quando o sol estava quase raiando, mais seres se aproximaram, e "grandes quantidades de fumaça" deixaram Schrum inconsciente. Ao recobrar a consciência, estava pendurado da árvore pelo cinto, e o OVNI havia partido com seus ocupantes. Um companheiro seu, que tal como ele havia se perdido, disse que também havia visto o OVNI naquela noite, mas sem ser molestado.

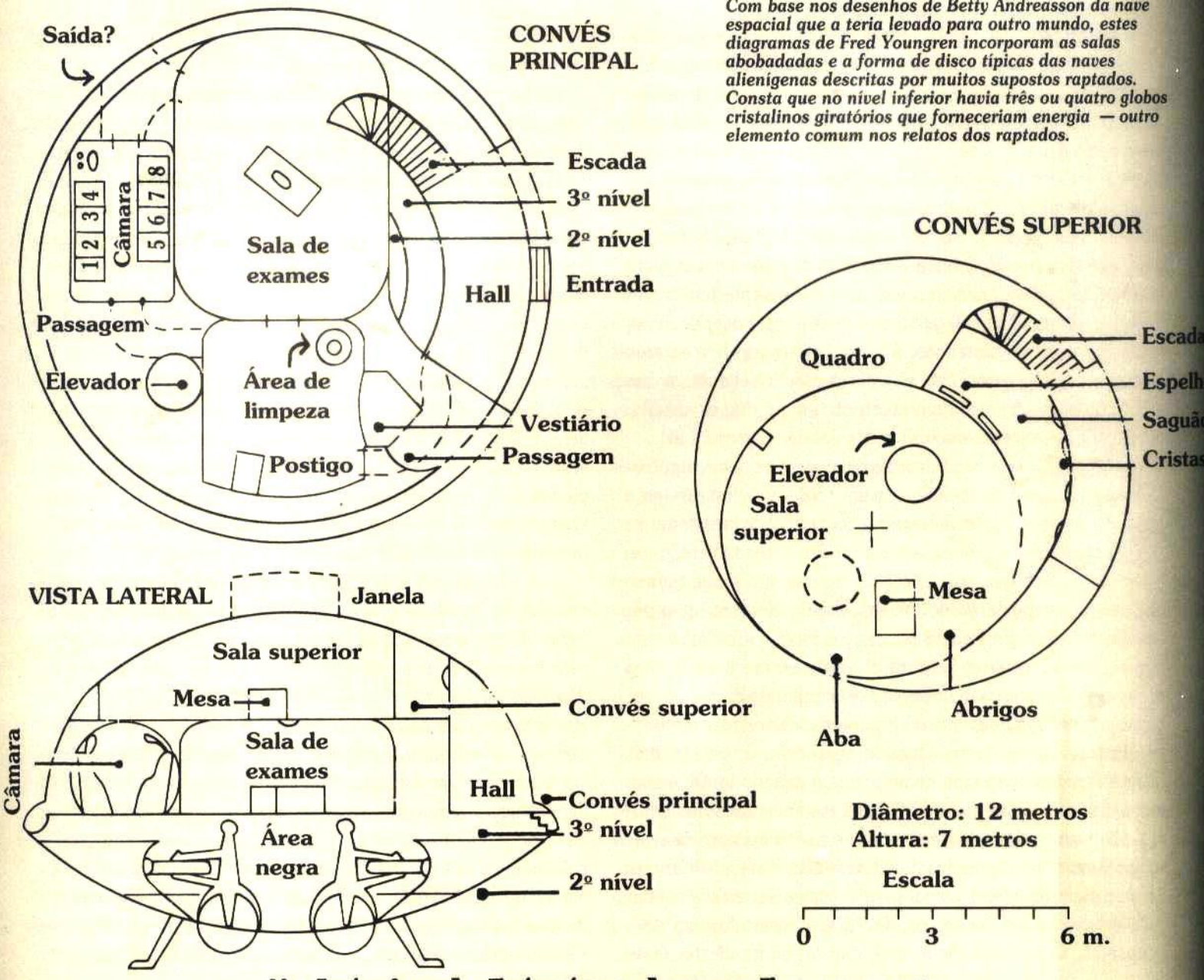
Um episódio ainda mais estranho ocorreu em uma pequena cidade madeireira chamada Happy Camp, também no norte da Califórnia. O encontro começou no dia 25 de outubro de 1975, quando dois eletricistas da serraria, que estavam em um caminhão, viram dois objetos extremamente brilhantes que se aproximavam pelo céu. De acordo com os dois, Stan Gayer e Steve Harris, um dos objetos surgiu por sobre uma montanha, mudando de cor para o vermelho e descendo em direção ao caminhão "como a ponta acesa de um charuto", nas palavras de um deles. Os dois saíram correndo e depois viram um objeto vermelho brilhante na encosta de uma montanha próxima.

Voltando dois dias depois, Gayer e Harris investigaram a área e nada acharam de interessante — até olharem para uns arbustos. Uma série de olhos prateados brilhantes estavam espiando e, de repente, o ar foi tomado pelo som de uma sirene. Prudentemente, os homens subiram para a caminhonete e voltaram às pressas para Happy Camp.

A atração do desconhecido levou Gayer e Harris mais duas vezes de volta às montanhas. Desta vez levaram junto Helen White, uma senhora de 62 anos que ficara sabendo de seus encontros e estava tão curiosa quanto eles. A curiosidade do grupo foi amplamente recompensada. Na primeira viagem, Harris começou a disparar um rifle ao acaso contra os arbustos onde os olhos haviam aparecido. Talvez ele pretendesse expulsar algum bisbilhoteiro, mas em vez disso eles viram duas silhuetas que se erguiam do mato rasteiro. Segundo contaram, as criaturas tinham as cabeças cobertas por elmos como os de soldadores e estavam banhadas por uma estranha luz nebulosa. Mais uma vez, ouviu-se o gemido de uma sirene. Quando as silhuetas luminescentes se aproximaram, os membros do grupo sentiram calor e peso no ar, "como uma sauna ou um banho de



Os desenhos dos meninos — uma nave esférica, um robô, uma espaçonave, um alienígena e a cabeça deste — documentam o suposto pouso de um OVNI em um jardim de Voronezh, na Rússia, em setembro de 1989. Um dos garotos disse que no dorso dos alienígenas havia "um disco com três pontos de cores diferentes e (...) um retângulo (...) destacando-se do corpo". Os investigadores supuseram que as autoridades russas houvessem plantado essa história para desmoralizar as notícias de um encontro alienígena verdadeiro, ocorrido no mesmo dia.



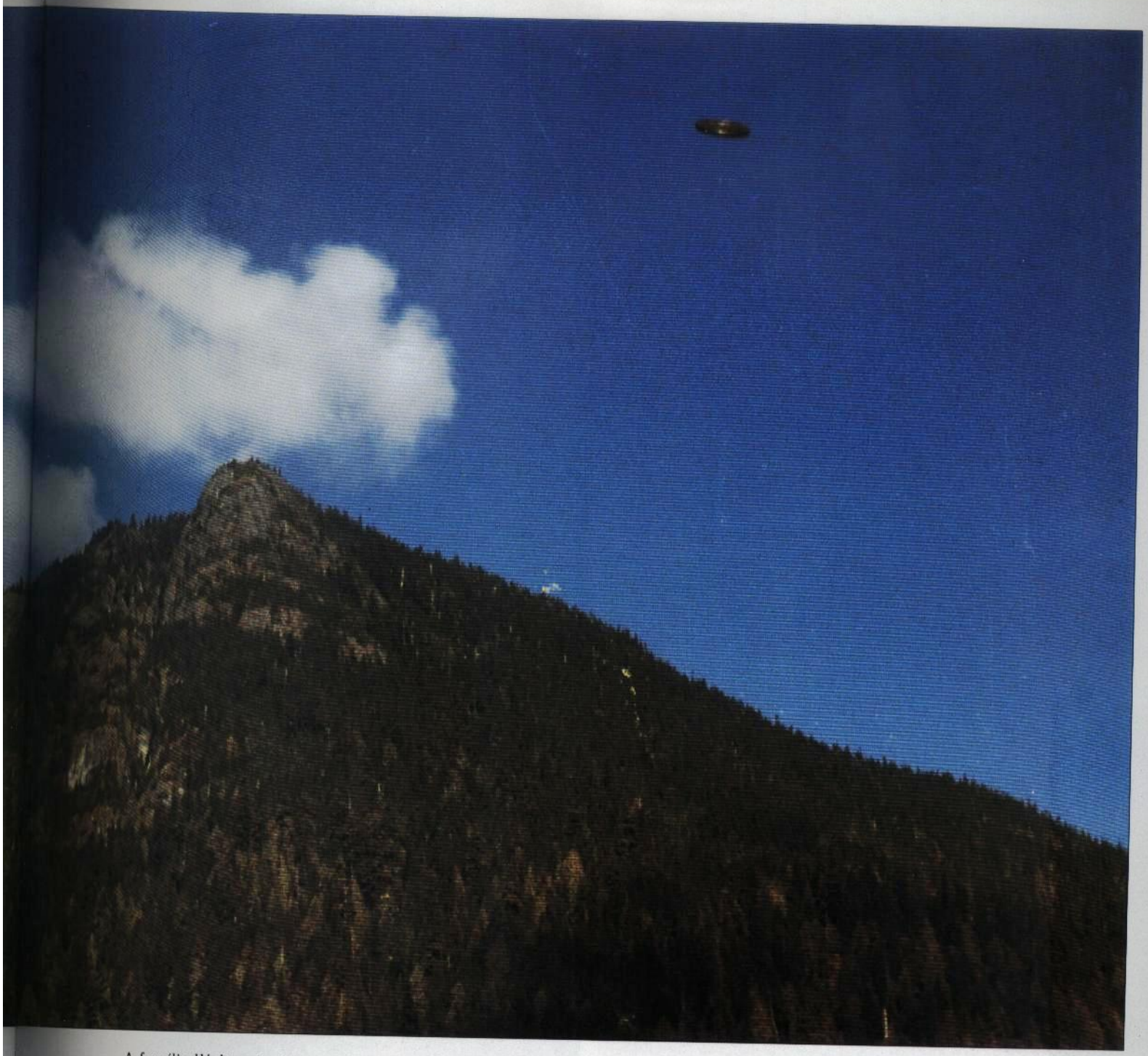
Com base nos desenhos de Betty Andreasson da nave espacial que a teria levado para outro mundo, estes diagramas de Fred Youngren incorporam as salas abobadadas e a forma de disco típicas das naves alienígenas descritas por muitos supostos raptados. Consta que no nível inferior havia três ou quatro globos cristalinos giratórios que forneceriam energia — outro elemento comum nos relatos dos raptados.

No Interior da Estrutura de uma Espaçonave

Quando os investigadores de OVNIs entrevistam testemunhas de supostos encontros com alienígenas, procuram obter detalhes sobre a espaçonave dos visitantes. De particular interesse são os relatos daqueles que afirmam ter sido levados a bordo desses veículos, pois é presumível que tenham dado uma boa olhada no aparelho, por dentro e por fora. Mas, segundo a análise estatística de mais de trezentos relatos de rapto feita pelo folclorista Thomas E. Bullard, o seqüestrado típico passa a maior parte do tempo dentro da nave "e portanto traz em geral a perspectiva de Jonas, cujas descrições mais explícitas e coerentes são da barriga da baleia". As lembranças sobre o exterior das naves em geral limitam-se à forma e ao tamanho, sendo que quase todos falam de aparelhos em forma de disco.

A maioria descreve o interior das espaçonaves dividido em compartimentos, sendo minuciosos os detalhes em relação à câmara onde a vítima foi sujeita a exames. Também foram mencionadas as chamadas salas de conferência, onde os alienígenas supostamente interrogam os cativos; salas de máquinas; pontes de controle; e corredores. Em geral, consta que os compartimentos são arredondados, de superfícies lisas. Segundo Bullard, os interiores — tais como os descritos por Betty Andreasson com base em sua experiência de rapto de 1967 — com freqüência tinham uma capacidade maior do que seria presumível pelas dimensões externas da nave. Com um arranjo eficiente, o ufólogo Fred Youngren incorporou os compartimentos mencionados por Betty em sua recriação do desenho da nave (acima).

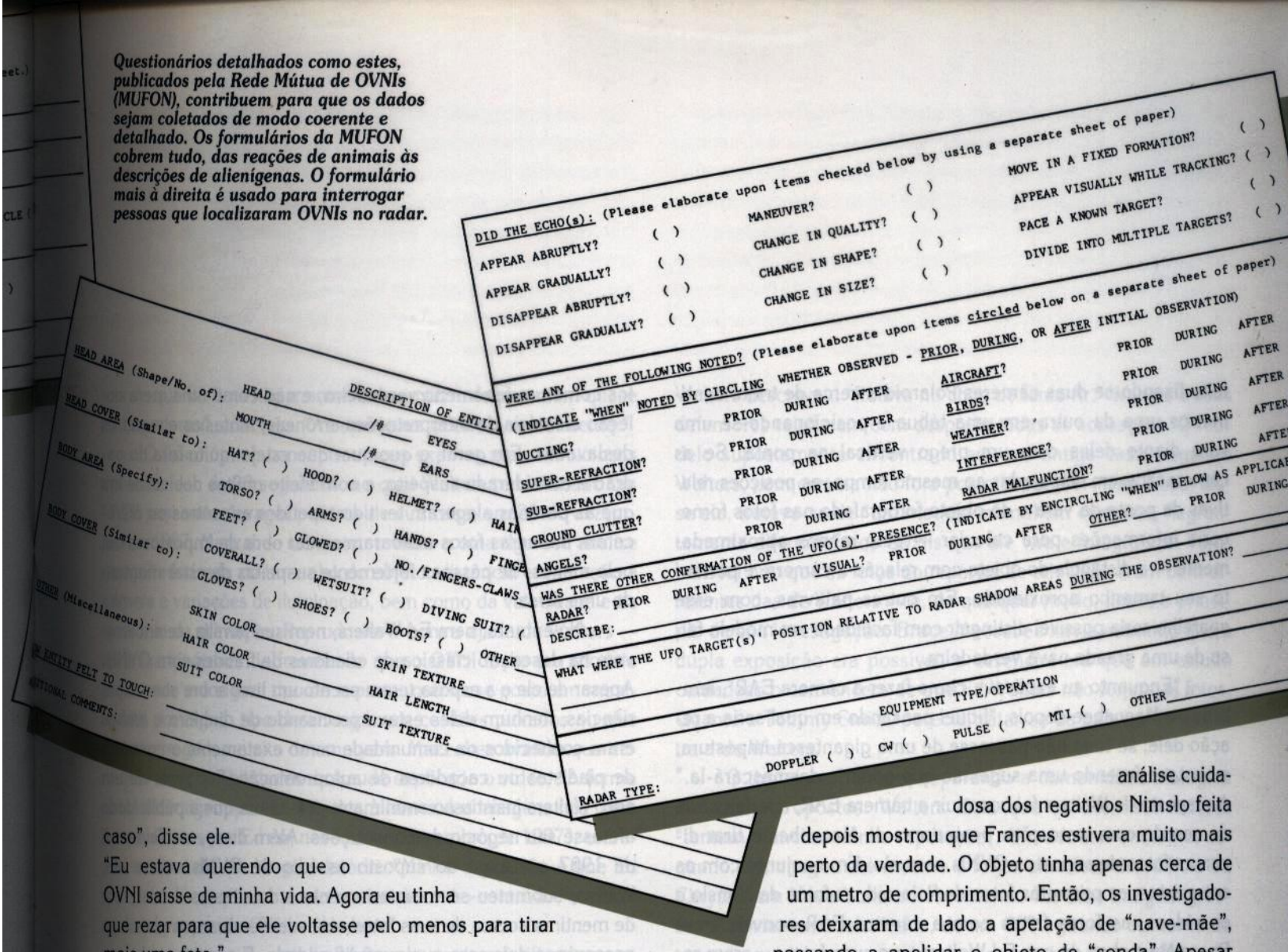
Os membros da Equipe Investigadora de Sistemas Internos de Veículos (VISIT: Vehicle Internal Systems Investigative Team), com base em Houston, têm esperanças de usar dados como os recolhidos por Bullard para um dia montar um modelo tecnológico de um OVNI. Estão particularmente interessados nas impressões das testemunhas acerca da iluminação, dos sons, do fluxo de ar, da temperatura, das texturas e da configuração dos comandos da nave alienígena, em busca de potenciais pistas sobre o sistema de funcionamento dos OVNIs.



A família Walters tentou continuar levando uma vida normal, a despeito das intrusões perturbadoras. Assim que o OVNI partiu naquela noite, Ed correu para o jogo de futebol inaugural do ano na escola secundária, onde seu filho, tambor da banda, tocaria no espetáculo do intervalo. Mas a vida dele havia mudado inexoravelmente. Nos dias que se seguiram, Ed e Frances falaram de pouca coisa além de OVNIs todas a noites e quando estavam sozinhos durante o dia. Ed carregou seu rifle calibre 22 e sua pistola calibre 32. E começou a levar regularmente uma espingarda carregada atrás do banco da caminhonete.

Então, às três da manhã do dia 2 de dezembro, Walters acordou com vozes na cabeça. Agarrou a pistola e, junto com a esposa, foi até a janela da cozinha. Viram o OVNI mergulhando do céu até deter-se a cerca de 30 metros acima da piscina. "Dê um passo à frente agora", ordenou uma voz. Em vez disso, com a câmera na mão direita e a arma na esquerda, Walters saiu de fininho da casa, tirou outra foto e correu de volta para dentro. Espiando para fora, ele e a esposa viram o OVNI afastar-se.

Por incrível que pareça, a história continuou naquela mesma noite. Walters conta que ele e a esposa haviam acabado de voltar para a cama quando o cachorro latiu e ele, abrindo as cortinas de uma porta-balcão, viu uma "criatura" em pé do lado de fora. Disse que era uma figura de cerca de 1,20 metro de altura, vestida com um elmo, através de cujo visor ele viu um par


DID THE ECHO(s): (Please elaborate upon items checked below by using a separate sheet of paper)
APPEAR ABRUPTLY? ( ) MANEUVER? ( ) MOVE IN A FIXED FORMATION? ( )
APPEAR GRADUALLY? ( ) CHANGE IN QUALITY? ( ) APPEAR VISUALLY WHILE TRACKING? ( )
DISAPPEAR ABRUPTLY? ( ) CHANGE IN SHAPE? ( ) PACE A KNOWN TARGET? ( )
DISAPPEAR GRADUALLY? ( ) CHANGE IN SIZE? ( ) DIVIDE INTO MULTIPLE TARGETS? ( )
WERE ANY OF THE FOLLOWING NOTED? (Please elaborate upon items circled below on a separate sheet of paper)
(INDICATE "WHEN" NOTED BY CIRCLING WHETHER OBSERVED - PRIOR, DURING, OR AFTER INITIAL OBSERVATION)
DUCTING? PRIOR DURING AFTER AIRCRAFT? PRIOR DURING AFTER
SUPER-REFRACTION? PRIOR DURING AFTER BIRDS? PRIOR DURING AFTER
SUB-REFRACTION? PRIOR DURING AFTER WEATHER? PRIOR DURING AFTER
GROUND CLUTTER? PRIOR DURING AFTER INTERFERENCE? PRIOR DURING AFTER
ANGELS? PRIOR DURING AFTER RADAR MALFUNCTION? PRIOR DURING AFTER
WAS THERE OTHER CONFIRMATION OF THE UFO(s)' PRESENCE? (INDICATE BY ENCIRCLING "WHEN" BELOW AS APPLICABLE)
RADAR? PRIOR DURING AFTER VISUAL? PRIOR DURING AFTER OTHER?_____ PRIOR DURING
DESCRIBE:
WHAT WERE THE UFO TARGET(s)' POSITION RELATIVE TO RADAR SHADOW AREAS DURING THE OBSERVATION?
RADAR TYPE: DOPPLER ( ) CW ( ) PULSE ( ) MTI ( ) OTHER EQUIPMENT TYPE/OPERATION
HEAD AREA (Shape/No. of): HEAD DESCRIPTION OF ENTIT
MOUTH /# EYES
HEAD COVER (Similar to): HAT? ( ) HOOD? ( ) HELMET? ( ) HAI
EARS
BODY AREA (Specify): TORSO? ( ) ARMS? ( ) HANDS? ( ) FINGE
FEET? ( ) GLOWED? ( ) NO./FINGERS-CLAWS
BODY COVER (Similar to): COVERALL? ( ) WETSUIT? ( ) DIVING SUIT? (
GLOVES? ( ) SHOES? ( ) BOOTS? ( ) OTHER
OTHER (Miscellaneous): SKIN COLOR SKIN TEXTURE
HAIR COLOR HAIR LENGTH
SUIT COLOR SUIT TEXTURE
ENTITY FELT TO TOUCH:
ADDITIONAL COMMENTS:

Questionários detalhados como estes, publicados pela Rede Mútua de OVNIs (MUFON), contribuem para que os dados sejam coletados de modo coerente e detalhado. Os formulários da MUFON cobrem tudo, das reações de animais às descrições de alienígenas. O formulário mais à direita é usado para interrogar pessoas que localizaram OVNIs no radar.

caso", disse ele. "Eu estava querendo que o OVNI saísse de minha vida. Agora eu tinha que rezar para que ele voltasse pelo menos para tirar mais uma foto."

Por duas semanas, Ed e Frances vigiaram os céus noturnos na esperança de capturar a imagem do OVNI com a Nimslo. Finalmente, no dia 26 de fevereiro de 1988, avistaram um objeto estranho sobre as águas do estreito Santa Rosa, ao sul de Gulf Breeze. Em nada se parecia com os OVNIs que Ed vinha fotografando até então: era alongado, como um charuto, com três fileiras longitudinais de luzes cor de laranja e uma esteira luminosa, e criava uma "perturbação atmosférica peculiar" visível, segundo Ed, como ondas de calor sobre o asfalto em um dia de calor. Walters tirou dez fotos do objeto, insistindo o tempo todo com a esposa que a coisa parecia enorme e muito distante. Frances Walters não estava de acordo; para ela, o objeto parecia relativamente pequeno e não muito distante.

Quando a câmera foi aberta publicamente e o filme processado, uma semana depois, as imagens inicialmente levaram os pesquisadores da MUFON a concordar com Ed que o OVNI retratado era muito grande. Com efeito, começaram a referir-se a ele como a "nave-mãe", o que aparentemente implicava uma relação com os aparelhos menores das fotos da Polaroid. Mas a análise cuidadosa dos negativos Nimslo feita depois mostrou que Frances estivera muito mais perto da verdade. O objeto tinha apenas cerca de um metro de comprimento. Então, os investigadores deixaram de lado a apelação de "nave-mãe", passando a apelidar o objeto de "sonda". Apesar desse rebaixamento, para todos os efeitos a coisa continuou sendo um OVNI. Não era, definitivamente, um avião, nem se adequava a qualquer outra explicação convencional. E fora fotografado com a câmera que os pesquisadores consideravam à prova de fraudes.

Em fevereiro, um cientista cético, Bruce Maccabee, chegou a Gulf Breeze para estudar os depoimentos de Ed Walters. Maccabee era presidente do FUFOR, e um respeitado físico óptico que trabalhava para a marinha americana em um laboratório de pesquisas, em Maryland. "Eu estava desconfiado de uma impostura", disse Maccabee, achando que poderia desmascarar tudo em três dias. Mas depois de interrogar Walters e outras testemunhas por horas, visitar os locais e realizar uma análise preliminar das fotos, percebeu que a questão precisaria de mais estudo — e já não tinha tanta certeza dos resultados.

Pouco depois de sair de Gulf Breeze, com a bagagem abarrotada de fotos, fitas de vídeo e outras provas, Maccabee sugeriu a Walters, em uma conversa telefônica, que construísse uma câmera "estéreo de auto-referência" (EAR). Isso podia ser

número 19 é uma falsificação produzida por dupla exposição."

Embora alguns dos críticos de Walters tenham se servido desse pronunciamento como a prova positiva que estavam procurando, Walters sustenta que isso não afeta absolutamente seu caso. Não houve reflexo no capô do carro, disse ele, porque o veículo "estava um lixo; o capô estava amassado". Maccabee apóia essa afirmativa. Segundo o físico, ele próprio havia tratado desse ponto específico em 1988, realizando extensos testes com o caminhão de Walters para determinar se um reflexo apareceria ou não no capô, na situação representada pela Foto 19. Segundo ele descobriu, como o capô fora deformado por um acidente com uma retro-escavadeira algum tempo antes, não seria possível ver qualquer reflexo a não ser que a luz estivesse a mais de três metros de altura sobre a estrada — consideravelmente mais alta que a luz na Foto 19.

O caso de Gulf Breeze não se encerrou com a alegada experiência de tempo perdido de Walters em maio de 1988. Os relatos de aparições de OVNIs nas vizinhanças continuaram. Na verdade, tornaram-se tão freqüentes que em novembro de 1990 uma equipe de dezessete investigadores que trabalhavam sob a orientação da MUFON começou a manter uma vigília noturna formal em busca de OVNIs na região de Gulf Breeze. Até março de 1992 os investigadores haviam registrado o espantoso total de 130 aparições, documentadas por cerca de duas horas de gravação em vídeo e dúzias de fotografias.

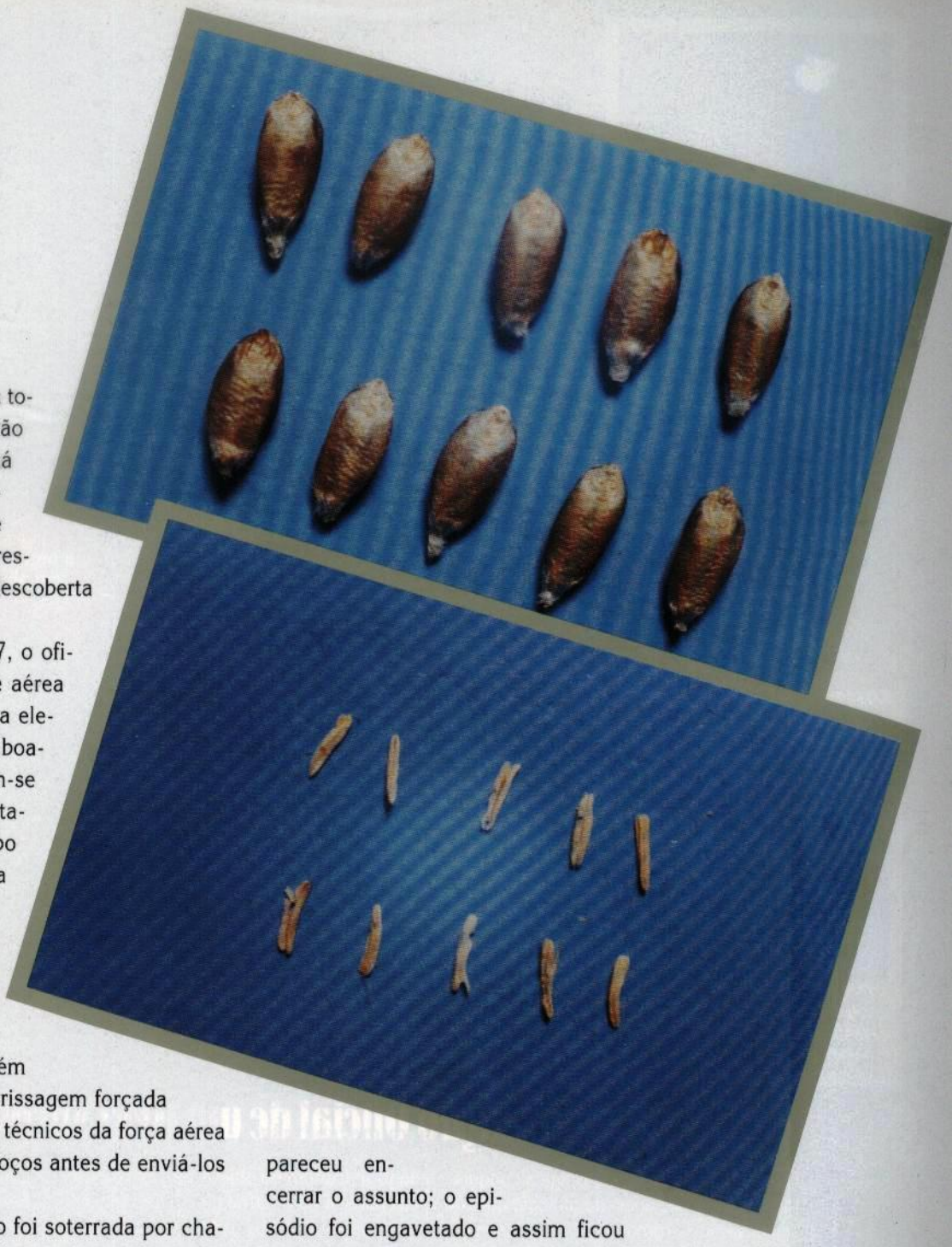
A maior parte das aparições foi de luzes distantes que iam do vermelho para o branco e de novo para o vermelho. De vez em quando, essas luzes tinham a forma de um anel. Consta que as bases militares da região não foram de muita ajuda quando indagadas sobre o tráfego aéreo, mas os investigadores convenceram-se de que as luzes, que se deslocavam em silêncio, não pertenciam a qualquer tipo conhecido de avião.

Lanternas penduradas em balões foram sugeridas como explicação, mas muitas vezes as luzes se deslocavam diretamente contra o vento, e se acendiam e apagavam em um piscar de olhos; de que maneira um impostor poderia acender e apagar lanternas no céu? Uma "análise espectral de difração", segundo um dos investigadores, revelou que o brilho era bem diferente do produzido por lanternas. Em algumas ocasiões, aparecia um objeto melhor definido. Em setembro de 1991, mais de oitenta testemunhas excitadas relataram ter visto uma forma escura de disco que se movia silenciosamente pelo céu e se iluminou de repente, como se tivessem acendido as luzes por trás de escotilhas. "Era o mesmo OVNI que Ed Walters fotografou há três anos", declarou um observador. Dois meses depois, no dia 15 de novembro de 1991, mais de doze vigias viram uma coisa parecida, só que desta vez, além de "escotilhas", houve também a menção a um "anel de força" na parte de baixo.

Diversos militares da ativa e da reserva estavam entre as testemunhas de Gulf Breeze. "Eles dizem que não conseguem

A famosa "Foto 19" (abaixo) de Ed Walters está entre as mais controvertidas das que ele fez com sua Polaroid, de supostos OVNIs. A foto foi condenada como falsificação de dupla exposição por um respeitado fotoanalista, William G. Hyzer, e endossada como autêntica por outro, o físico óptico Bruce Maccabee. Mark Curtis, um repórter de TV, falsificou com dupla exposição a foto similar (à direita), para provar que isso podia ser feito.

Muitas vezes atribuídos a OVNIs, alguns círculos de plantação — como estes achados em 1991 no campo de trigo de Fred Watmough no Canadá — causam supostamente náusea e dor de cabeça em pessoas. Diz-se que os animais também são afetados: os cães ficam agitados em sua vizinhança e consta que até os gansos evitavam sobrevoar os círculos de Watmough.



imaginações super-aquecidas. Mas nem todas, talvez, e um relato de recuperação dos destroços de um acidente que há muito fora convincentemente desacreditado pelos militares — o famoso caso de Roswell, no Novo México — parece ter ressuscitado nesses últimos anos com a descoberta de novos indícios e testemunhos.

Na manhã de 8 de julho de 1947, o oficial de relações públicas de uma base aérea do sudeste do Novo México emitiu uma eletrizante nota à imprensa: "Os inúmeros boatos relativos a discos voadores tornaram-se uma realidade ontem, quando o departamento de informações do 509º Grupo Bombardeiro da Oitava Força Aérea, da Base Aérea do Exército em Roswell, foi afortunado o bastante para obter a posse de um disco, graças à cooperação de um dos rancheiros da região e do escritório do xerife de Chaves County." A notícia dizia também que o objeto alienígena fizera uma aterrissagem forçada no deserto um ou dois dias antes, e que técnicos da força aérea em Roswell tinham examinado os destroços antes de enviá-los para "instâncias superiores".

A telefonista da base Roswell logo foi soterrada por chamadas de repórteres de todo o mundo. Em resposta, o brigadeiro-general Roger Ramey, comandante da Oitava Força Aérea, realizou uma conferência de imprensa em Fort Worth, no Texas. Não havia razões "para excitação", disse ele. Os oficiais de Roswell haviam se enganado ao encontrar os destroços de um novo tipo de radiossonda de meteorologia transportada por balão, com um refletor de radar. O general exibiu os destroços, um oficial meteorologista da força aérea deu mais explicações aos repórteres e convidou-os a fotografar. "O general Ramey arranha o disco de Roswell", zombou uma manchete. Os jornais relataram que Washington passara uma "reprimenda ardida" nos oficiais de Roswell por suas atitudes sensacionalistas. Isso pareceu encerrar o assunto; o episódio foi engavetado e assim ficou por pelo menos trinta anos — até surgirem testemunhas que divulgavam à imprensa e aos pesquisadores de OVNIs uma história bem diferente.

O primeiro a sugerir que nem tudo fora dito no caso Roswell foi Jesse A. Marcel, um major do exército que era oficial de informações em Roswell em julho de 1947. Em 1978, após anos de silêncio, Marcel aparentemente decidiu que estava na hora de contar sua história e fez isso em várias entrevistas. O que ele contou ajudou a conduzir os pesquisadores até outras pessoas com conhecimento em primeira mão do que ocorrera — ou até os filhos daqueles que já haviam morrido.

Marcel contou que ele fora um dos oficiais que haviam

O realce dos componentes em vermelho nesta reprodução da foto central obscurece o corpo da nave.

O contorno triangular do objeto define-se melhor com o falso azul aplicado à foto original.

Esta reprodução em cores falsas enfatiza o componente verde, revelando um nebuloso triângulo.

Esta ampliação com cores falsas do canto superior do estranho objeto dá uma visão detalhada da própria luz.

Confirmação Oficial de um OVNI Surpreendente

Na primavera de 1990, a Bélgica conquistou um lugar nos anais da ufologia quando seu governo se tornou o primeiro a se envolver em uma investigação declarada sobre OVNIs. Desde novembro do ano anterior, vários milhares de residentes da região da Valônia vinham relatando o aparecimento de uma estranha nave triangular com três luzes brilhantes, que se deslocava lentamente pelo céu noturno. Na noite de 30 de março de 1990, o radar da força aérea belga também captou o objeto. A força aérea despachou dois caças F-16 para investigar.

Os radares computadorizados dos jatos logo se fixaram no objeto, que em suas telas parecia ter a forma de um losango. Porém, segundos após os radares se fixarem nele, o objeto afastou-se a uma velocidade espantosa — tão rápido que, segundo os peritos, sua força teria esmagado um ser humano — e depois mergulhou até sumir do radar. A perseguição foi repetida duas vezes, antes de os jatos receberem ordens de voltar para a base.

Além da liberação sem precedentes de dados sobre o incidente, o governo belga tomou outra medida inaudita: colaborou com um grupo de ufólogos, a Sociedade Belga para o Estudo de Fenômenos do Espaço, para aprofundar os estudos. Fotos dos OVNIs feitas por testemunhas foram analisadas na Real Academia Militar belga. A foto central acima, por exemplo, tirada em abril de 1990, foi reproduzida com as chamadas cores falsas — como aparece nas imagens menores — para obter melhor definição; a academia não encontrou indícios de fraude.

Os céticos sugerem que essas aparições, que começaram a diminuir em agosto de 1990, poderiam ser atribuídas a testes de aviões militares secretos — mas essa explicação foi descartada pelos próprios militares.

Em 1989, com esperanças de encontrar pistas do misterioso acidente com um disco voador que teria ocorrido no local em 1947, uma equipe de cientistas e pesquisadores do CUFOS explora um trecho isolado do deserto, cerca de 130 quilômetros a noroeste de Roswell. Embora não tenha encontrado sinais do acidente, o CUFOS planeja voltar a pesquisar o local.

fora da nave, mas em condições bastante boas. Em outras palavras, não estavam quebrados demais". Quando lhe perguntaram se os corpos haviam ido para o campo de Wright, o general respondeu: "É o que sei." Achava que um deles podia ter ido para "um necrotério" em Denver, mas "a informação mais segura é que foram trazidos para Wright-Patterson". Quanto ao balão de meteorologia, segundo Exon, "o general Ramey e o pessoal de Roswell decidiram mudar a história enquanto organizavam a informação para o Pentágono e o presidente". O general declarou, sem rodeios: "Em Roswell houve a recuperação de uma nave do espaço."

Tudo isso levou os pesquisadores a algumas conclusões estonteantes: que um veículo de outro mundo havia de fato caído em Roswell, no Novo México, no dia 7 de julho de 1947 ou por volta dessa data; que três, ou possivelmente quatro, seres haviam perecido; que a força aérea havia recuperado os corpos e os destroços do veículo — e que o governo decidira enterrar profundamente toda informação sobre o acontecimento.

A suspeita de encobrimento oficial nunca está muito longe da mente dos ufólogos, levando em conta o nível de não-cooperação demonstrado pelas autoridades. O antigo investigador de OVNIs Richard Hall, que nos anos 60 participou do Comitê Nacional de Investigações sobre Fenômenos Aéreos (NICAP), formado por civis, sugere um enredo que, se for verdadeiro, talvez explique os motivos disso. Hall diz que, se o governo americano acumular provas factuais suficientes de que os OVNIs são de origem extraterrestre, e se houverem "fortes indícios de que há realmente raptos, irá caracterizar-se um 'estado de guerra secreto', no qual os alienígenas interferem nos assuntos humanos. Sem contramedidas capazes de controlar a situação, é pouco provável que os líderes políticos e militares revelem a verdade". Portanto, segundo ele, o governo dos Estados Unidos — e presumivelmente de outros países também — "preservariam um segredo quase total, enquanto tentam resolver o que fazer".

e vez em quando surgem histórias que sugerem o envolvimento do governo. No início do programa espacial tripulado dos EUA, circularam boatos de encontros dos astronautas com OVNIs. Em junho de 1965, os pilotos Edward White e James McDivitt, da nave *Gemini*, disseram pelo rádio que haviam visto um objeto desconhecido cruzando a órbita deles. Quando a história veio a público, a NASA declarou que se tratava do satélite alado *Pegasus*. E quando se soube que não era verdade, pois o *Pegasus* estava a mais de 1.600 quilômetros da órbita da *Gemini*, a NASA simplesmente ignorou o assunto. Mais tarde, em abril de 1969, Garry C. Henderson, um veterano cientista de pesquisa espacial que trabalhava para a General Dynamics, foi citado na imprensa dizendo que os astronautas americanos não só tinham avistado OVNIs como também haviam tirado fotos — que haviam sido guardadas a sete chaves e classificadas como ultra-secretas.

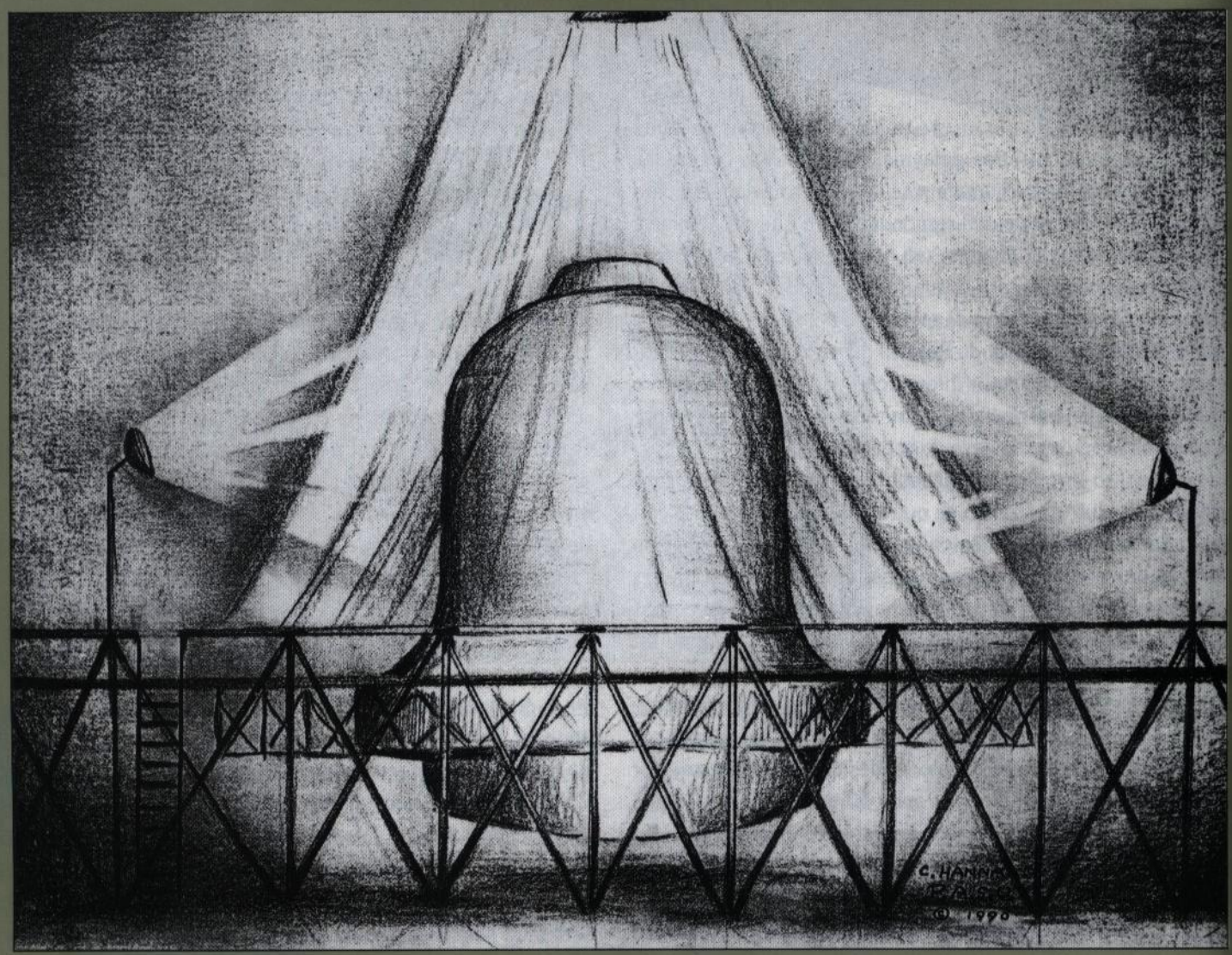
A certa altura, na década de 60, ninguém menos que o senador Barry Goldwater, que é brigadeiro-general da reserva da força aérea, foi repreendido ao tentar verificar um boato de OVNI. Goldwater, segundo ele próprio declarou depois à revista *New Yorker*, ouvira falar de uma sala secreta em Wright-Patterson, onde haveria material extraterrestre armazenado. Mas quando falou disso a um amigo, o general Curtis LeMay, chefe do estado-maior da força aérea, teve como resposta o "fogo do inferno", nas palavras do próprio Goldwater, dizendo

Uma Contraditória História de OVNI

Na noite de 9 de dezembro de 1965, um objeto misterioso passou sobre o lago Erie e pousou, segundo consta, na Pensilvânia. Tal como ocorrera dezoito anos antes em Roswell, no Novo México, as explicações sobre esse incidente nunca foram satisfatórias para alguns investigadores de OVNIs, que continuam a explorar o caso — e a levantar suspeitas de encobrimento por parte dos militares.

Descrito como uma bola de fogo cor de laranja, o objeto foi visível para moradores de sete estados e do Canadá antes de, segundo se diz, descer suavemente nos bosques perto da aldeia de Kecksburg, uns 35 quilômetros ao sul de Pittsburgh. Diversas testemunhas teriam acorrido ao local; as que afirmaram ter visto o objeto disseram que ele não tinha portas nem emendas, tinha forma de um sino e exibia caracteres hieroglíficos. Porém, as autoridades militares e da polícia estadual não tardaram a chegar e interditaram a área para os civis. Na manhã seguinte, um caminhão militar supostamente rebocou dali um grande objeto abobadado coberto por uma lona, com destino à base aérea de Wright-Patterson, no Ohio.

As autoridades militares dizem hoje — tal como disseram então — que a bola de fogo era um meteoro. O pesquisador de OVNIs Stan Gordon, da Pensilvânia, um dos muitos ufólogos que acham que o objeto pode ter sido um veículo extraterrestre, acredita que isso explicaria a brusquidão do governo em relação ao assunto. Mas a questão está envolta em disputas; muitos moradores de Kecksburg sustentam que absolutamente nada fora do comum aconteceu naquela noite. A não ser que apareçam testemunhas com provas conclusivas — ou que o governo americano libere eventuais informações — o incidente de Kecksburg permanecerá como tema para especulação e controvérsia.



que era melhor esquecer o assunto. No entanto, em sua autobiografia, LeMay refere-se abertamente aos OVNIs: "Não há dúvidas, há coisas que não fomos capazes de ligar a qualquer fenômeno natural conhecido por nossos pesquisadores."

Em geral aqueles que tentam achar provas concretas do envolvimento oficial têm sido frustrados em seus intentos. Além do caso Roswell, é possível que não exista outra ocorrência que possa ser considerada como o "rabo do gato". Grande parte do que tem circulado pode ser visto como desinformação — histórias concebidas para serem expostas como falsas ou confusas, ou para serem tão excêntricas que provoquem o ridículo. Alguns ufólogos acusam o Departamento de Investigações Especiais da Força Aérea dos Estados Unidos de plantar espiões na comunidade dos ufólogos e de inventar histórias que ridicularizam o assunto. Proliferam histórias de que nove raças diferentes de alienígenas estão visitando a Terra, ou que afirmam uma louca paixão dos humanóides por sorvete de morango e música tibetana. Outras ainda mais estranhas espalham que os alienígenas estão extraindo enzimas humanas para rejuvenescer seus próprios corpos e cérebros idosos e trôpegos.

Em novembro de 1991, uma revista chamada *UFO Universe* publicou uma entrevista com um suposto "general de três estrelas". Sob o título "Desmascarando o Encobrimento do Governo", o informante contava que "os alienígenas levam cerca de 2.200 crianças por ano dos Estados Unidos e de outros países. (...) As crianças são usadas para fins biológicos, para educar e devolver, para experiências, e para estudar doenças. O mesmo com adultos". Todos os presidentes dos Estados Unidos, "de 1947 até hoje, mentem sobre essa situação", confidenciou o general e, pior ainda, "os governos americano e britânico fizeram tratados secretos com os alienígenas em troca de tecnologia e de missões ditas de 'reconhecimento', em épocas de conflitos humanos".

Não são apenas os Estados Unidos e a Inglaterra que são acusados de conluio com as EBEs, ou Entidades Biológicas Extraterrestres, tal como os alienígenas são chamados às vezes. Outras histórias falam de uma base secreta americana-russa-alienígena no lado oculto da Lua, a partir da qual prósperas colônias humanas foram plantadas em Marte já nos anos 60. Se isso for difícil de engolir, um documento ultra-secreto ligeiramente mais digerível esteve em circulação em 1977, descrevendo como os alienígenas haviam invadido uma base de mísseis balísticos intercontinentais em Ellsworth, em Dakota do Sul, onde roubaram componentes de mísseis nucleares e atiraram em um guarda, que ficou ferido.

A sensacionalista *National Enquirer* pensou ter nisso uma notícia quente, até seus repórteres encontrarem não menos de vinte erros e outras discrepâncias no suposto documento secreto. Mas as publicações sensacionalistas, apesar disso, fizeram o pior que puderam para desqualificar os OVNIs. Veja-se o tablóide londrino *Sport*, que regalou seus leitores com a lúgubre história de um menino que fora transformado em uma azeitona por pistolas de raios alienígenas e depois consumido em um martini pelo policial encarregado de investigar seu desaparecimento.

Todavia, se todas as tentativas de ignorar ou ridicularizar os OVNIs têm frustrado e magoado os ufólogos sérios, os pesquisadores podem hoje encontrar um estímulo em uma nova atitude que vai aos poucos tomando pé entre alguns membros da comunidade científica. Há muito a maioria dos cientistas aceita que, posto que o universo é tão gigantesco e suas estrelas tão numerosas — talvez um bilhão de trilhões delas no universo observável —, é quase inevitável que outras vidas inteligentes além da nossa existam lá fora. Porém, as distâncias que nos separam são por si só tão estonteantemente grandes que os cientistas, em geral, descartam a possibilidade de que quaisquer seres extraterrestres tenham nos visitado.

Não obstante, alguns deles se mostraram dispostos a dar ouvidos a colegas como James E. McDonald, eminente físico atmosférico da universidade do Arizona. Há alguns anos, McDonald falou a um grupo de cientistas aero-espaciais sobre a possibilidade de se chegar a Tau Ceti, um sistema estelar relativamente próximo, a apenas 11,9 anos-luz (cerca de 112 trilhões de quilômetros) de nós. "É claro que ninguém teve qualquer idéia maluca de ir para Tau Ceti", disse ele, "mas o ritmo e a velocidade de nossa própria tecnologia deveria dar o que pensar àqueles que insistem na inexistência de algum tau cetiano que seja capaz de fazer o que ainda consideramos impossível."

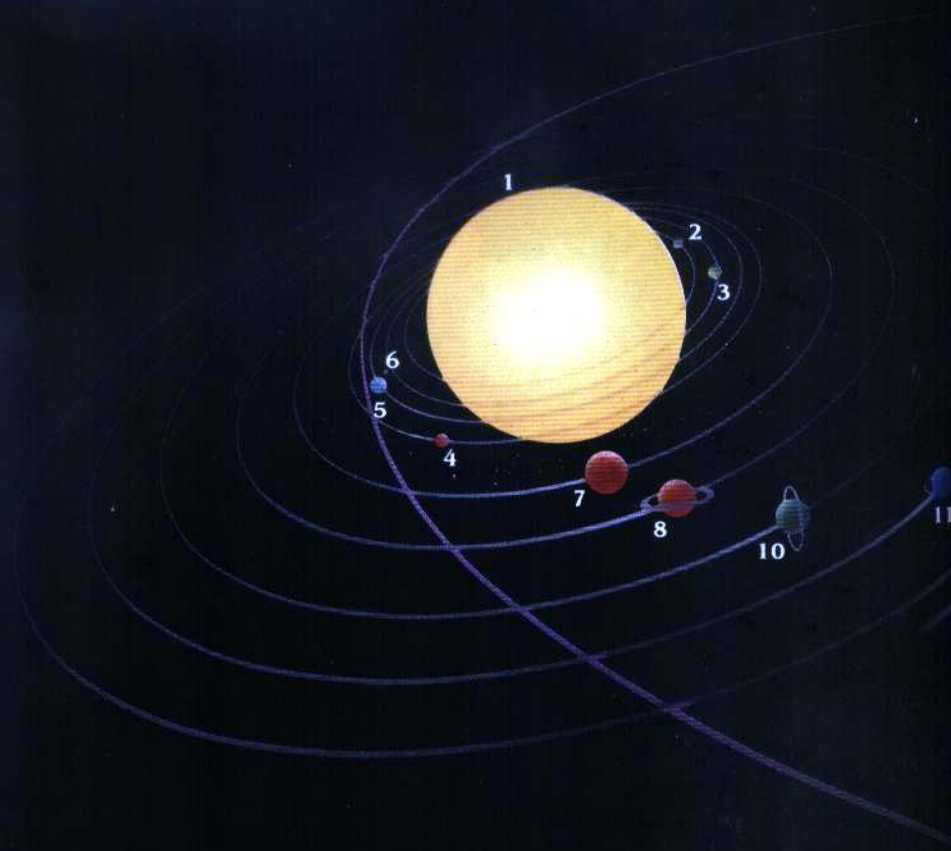
No Princípio, os Alienígenas?

Algumas pessoas dizem que os contactos extraterrestres nada têm de novo. Na verdade, segundo o escritor americano Zecharia Sitchin, seres de um planeta distante vêm influenciando o desenvolvimento humano desde tempos imemoriais. Sitchin vê indícios para essa sua espantosa afirmação nos contos épicos dos sumérios, fundadores, há 5.500 anos, da primeira civilização superior do mundo, na região do atual Oriente Médio.

Outros estudiosos consideram as sagas sumérias como puro mito. Se ouviram falar da interpretação de Sitchin, que toma os escritos ao pé da letra e depois elabora sobre eles, não a levam em conta. Contudo, esse lingüista estudioso da Bíblia é uma das cerca de duzentas pessoas do mundo capazes de decifrar e ler a antiga escrita suméria.

Ele expôs suas teorias em diversos livros. No primeiro, *O 12º Planeta*, afirma que alienígenas altamente avançados trouxeram a raça humana à existência há cerca de 300 mil anos. Muitos milênios depois, na antiga Suméria (ponto assinalado em vermelho na fotografia da Terra feita por satélite, acima), transmitiram aos homens o dom da civilização. A teoria radical de Sitchin sobre a transcendental visita alienígena à Terra é explorada nas próximas páginas.

Visitantes que Ensinaram as Artes da Civilização



Os primeiros sumérios chamavam os alienígenas de anunnaki, ou "aqueles que do céu à Terra vieram". Reverenciavam os visitantes celestiais como deuses, pois com eles haviam aprendido seu modo de vida.

As tribos anteriores aos sumérios eram primitivas, com sociedades que pouca coisa haviam avançado além de domesticar alguns animais, cultivar determinadas plantas básicas, usar certos instrumentos de pedra sem sofisticação e fabricar cerâmica utilitária. Quando os sumérios apareceram no sul da Mesopotâmia (na região do atual Iraque) em meados do quarto milênio antes de Cristo, a vida mudou drasticamente. Foi como se a humanidade crescesse de repente.

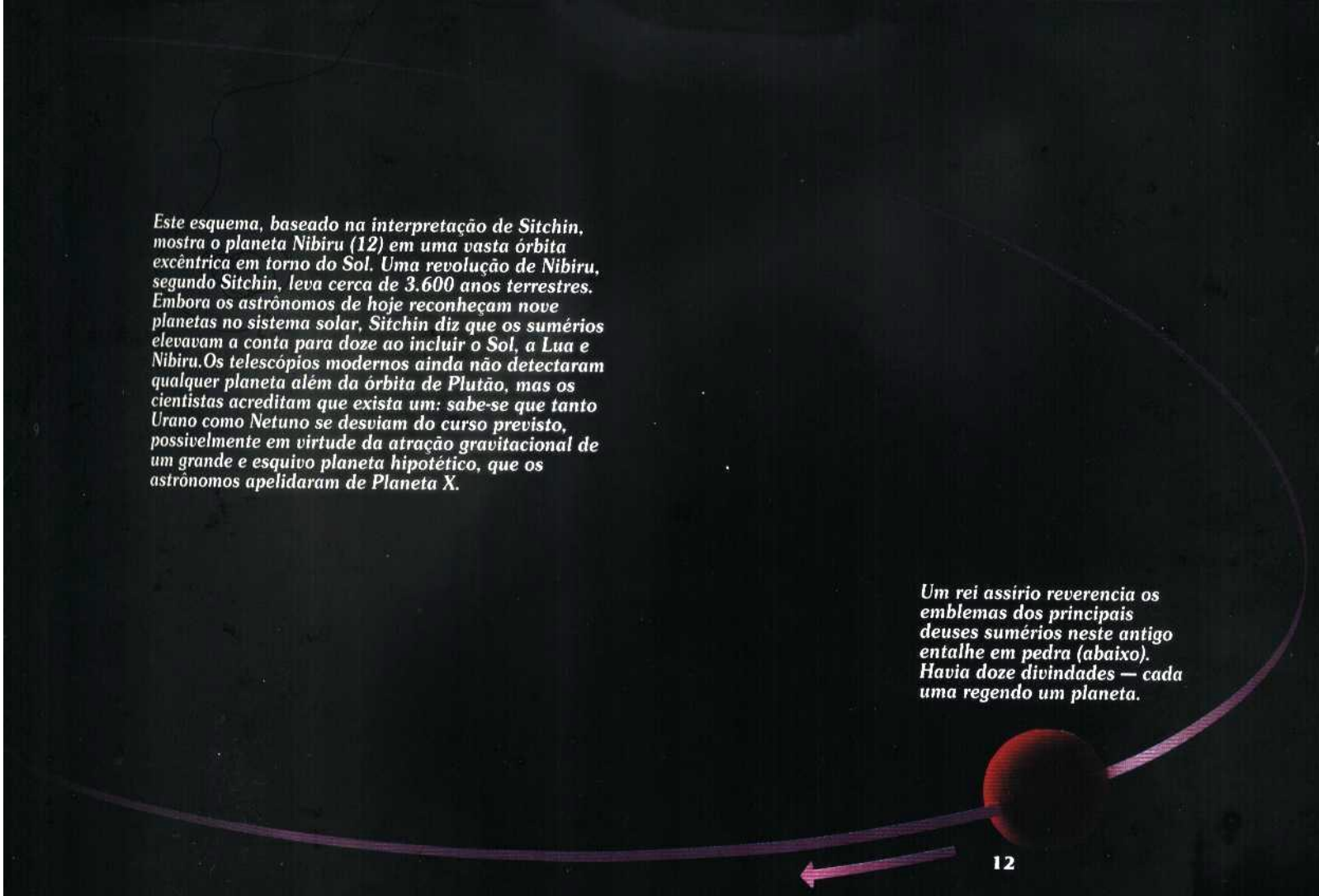
Ninguém sabe com certeza de onde vieram os sumérios, pois sua linguagem e sua cultura não têm antecedentes identificáveis, mas eles fizeram coisas que nenhum ser humano jamais fizera antes. Irrigaram suas terras de cultivo, construíram estruturas magníficas, conceberam uma complexa fé religiosa, praticaram o direito e a medicina e desenvolveram a linguagem escrita. Os estudiosos consideram essa erupção de civilização "espantosa" e "extraordinária". Para Sitchin, porém, ela é perfeitamente compreensível.

Ele afirma que os sumérios puderam sair do sulco lento da evolução social e dar um salto adiante porque contavam com guias — os anunnaki. Segundo sua interpretação dos textos antigos, a sabedoria "desceu do Céu à Terra" por volta de 3760 a.C.. Esse presente de conheci-

A deusa anunnaki Ishtar (abaixo, à esquerda) em um fragmento de um alto-relevo de um templo assírio. Sitchin diz que ela está com óculos de proteção e fones de ouvido com antenas — sugerindo uma sociedade tecnologicamente avançada.

Segundo Sitchin, esta estatueta de quase 6 mil anos pode ter querido representar um robô emissário dos anunnaki. Ele afirma que os textos antigos mencionam andróides de cabeças cônicas, que às vezes serviam de porta-vozes dos deuses.

Este esquema, baseado na interpretação de Sitchin, mostra o planeta Nibiru (12) em uma vasta órbita excêntrica em torno do Sol. Uma revolução de Nibiru, segundo Sitchin, leva cerca de 3.600 anos terrestres. Embora os astrônomos de hoje reconheçam nove planetas no sistema solar, Sitchin diz que os sumérios elevavam a conta para doze ao incluir o Sol, a Lua e Nibiru. Os telescópios modernos ainda não detectaram qualquer planeta além da órbita de Plutão, mas os cientistas acreditam que exista um: sabe-se que tanto Urano como Netuno se desviam do curso previsto, possivelmente em virtude da atração gravitacional de um grande e esquivo planeta hipotético, que os astrônomos apelidaram de Planeta X.



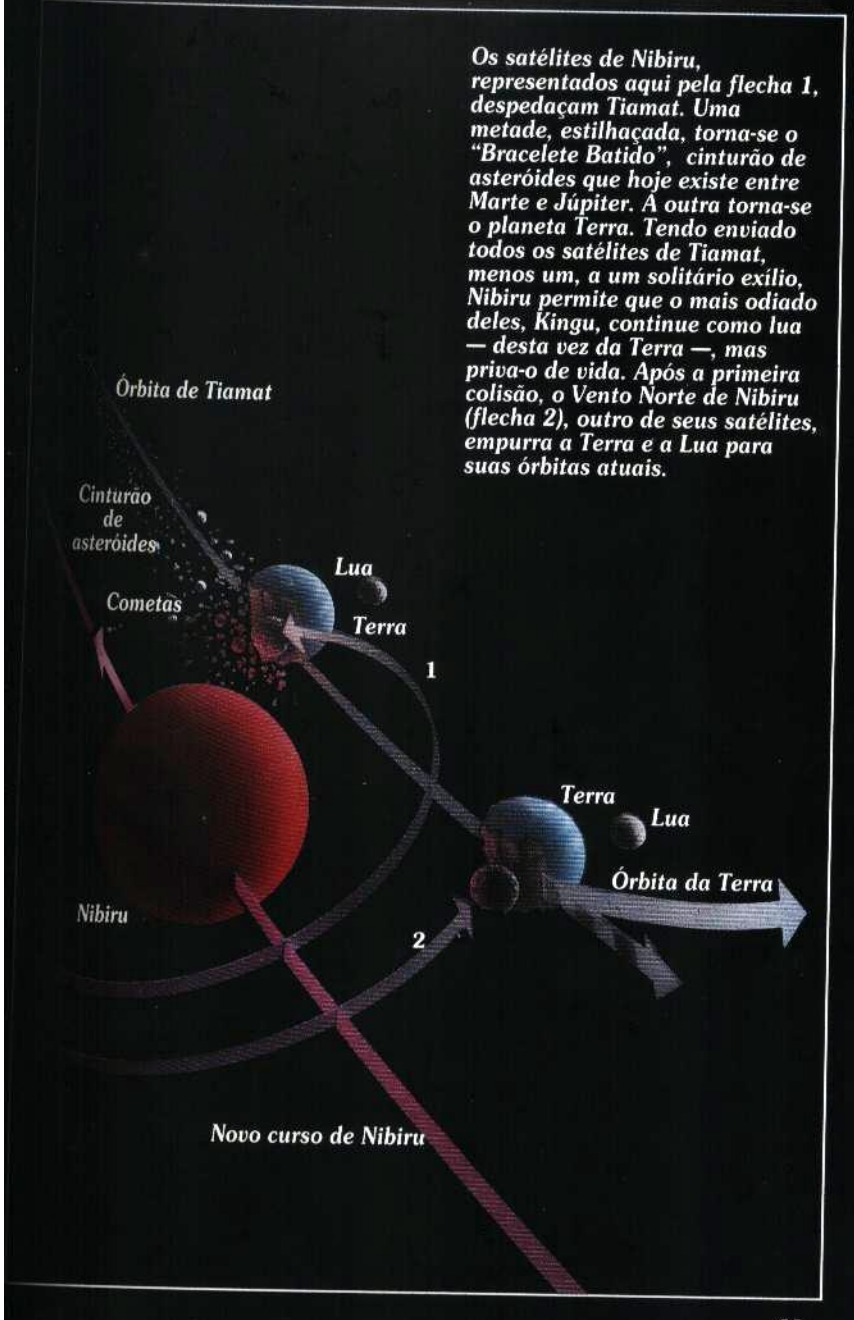
Um rei assírio reverencia os emblemas dos principais deuses sumérios neste antigo entalhe em pedra (abaixo). Havia doze divindades — cada uma regendo um planeta.

mento, de acordo com ele, incluía tudo, de receitas médicas a "ciências da Terra" e "cálculos com números". Ao mesmo tempo os deuses, tal como os terráqueos os chamavam, conferiram a tradição da monarquia aos sumérios, ensinando-lhes a criar uma sociedade organizada, baseada no conceito de justiça universal. Os anunnaki revelaram também os segredos da astronomia. Sitchin diz que, na verdade, os antigos sabiam mais sobre o sistema solar do que muitas gerações posteriores de astrônomos. Por exemplo, sabiam que a Terra é redonda e não plana, e que o Sol, e não a Terra, é o centro do sistema solar, verdades que escaparam aos astrônomos ocidentais até a Renascença.

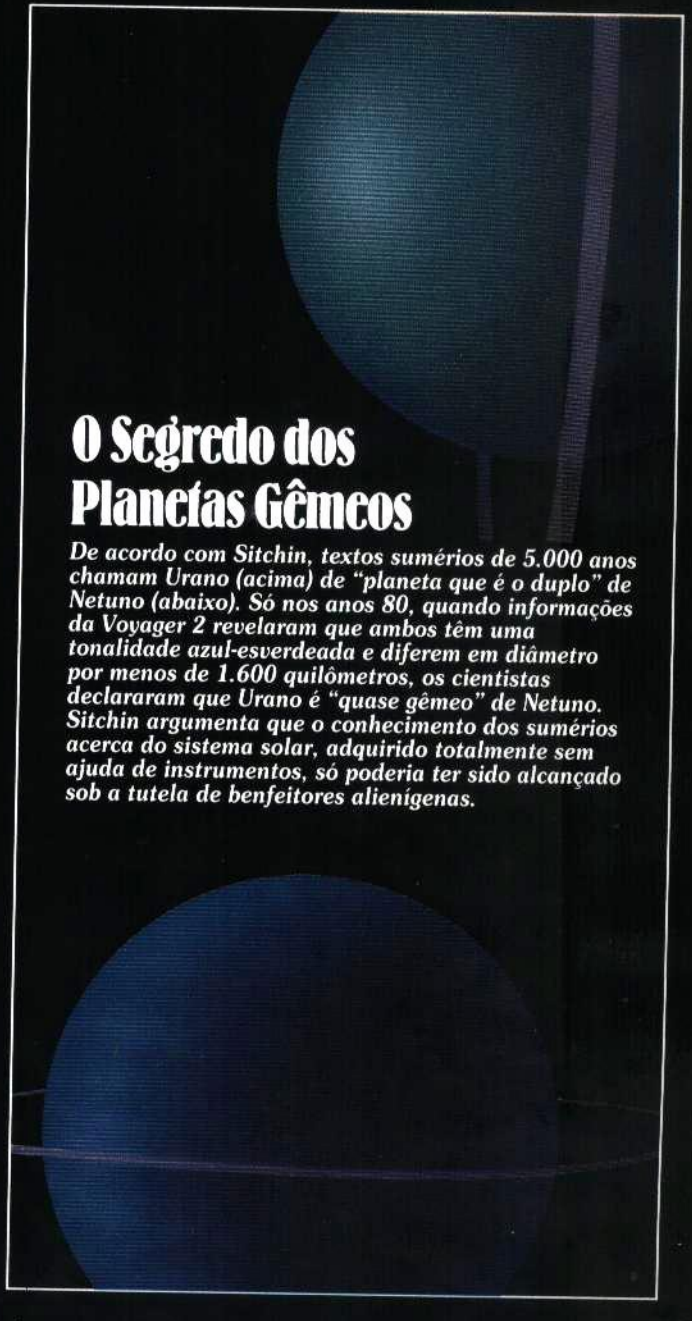
Além disso, diz Sitchin, os sumérios tinham conhecimento de todos os planetas do sistema solar identificados hoje, inclusive dos que só seriam descobertos muito mais tarde, com poderosos telescópios modernos. Falavam também de um planeta que os astrônomos de hoje ainda não avistaram. Era Nibiru, pátria distante dos anunnaki.

A Suméria floresceu por cerca de 1.500 anos, resistindo até a um século e meio de jugo político por seus vizinhos do norte, os acadianos. Porém, por volta de 2000 a.C., ferozes invasores chamados amoritas e elamitas liquidaram os remanescentes de sua existência como nação autônoma. No entanto, as realizações culturais, políticas e sociais dos sumérios sobreviveram, vindo a enriquecer as civilizações que os sucederam, como a dos babilônios e a dos assírios, cujas obras perpetuaram grande parte da herança suméria através dos séculos. Com efeito, as histórias sumérias influenciaram toda a mitologia ocidental e, segundo alguns, até mesmo os primeiros capítulos do Livro do Gênese, na Bíblia.

Tirado de seu curso anterior (linha tracejada) pela força de Netuno (11), Nibiru (12) entra no sistema solar na direção da órbita de Tiamat (5), na interpretação de Sitchin para o Épico da Criação. Chamado de Planeta do Cruzamento, porque sua órbita intersecta os planos orbitais de outros planetas, Nibiru se desloca em sentido horário, enquanto os demais viajam em sentido anti-horário.



Os satélites de Nibiru, representados aqui pela flecha 1, despedaçam Tiamat. Uma metade, estilhaçada, torna-se o "Bracelete Batido", cinturão de asteróides que hoje existe entre Marte e Júpiter. A outra torna-se o planeta Terra. Tendo enviado todos os satélites de Tiamat, menos um, a um solitário exílio, Nibiru permite que o mais odiado deles, Kingu, continue como lua — desta vez da Terra —, mas priva-o de vida. Após a primeira colisão, o Vento Norte de Nibiru (flecha 2), outro de seus satélites, empurra a Terra e a Lua para suas órbitas atuais.



O Segredo dos Planetas Gêmeos

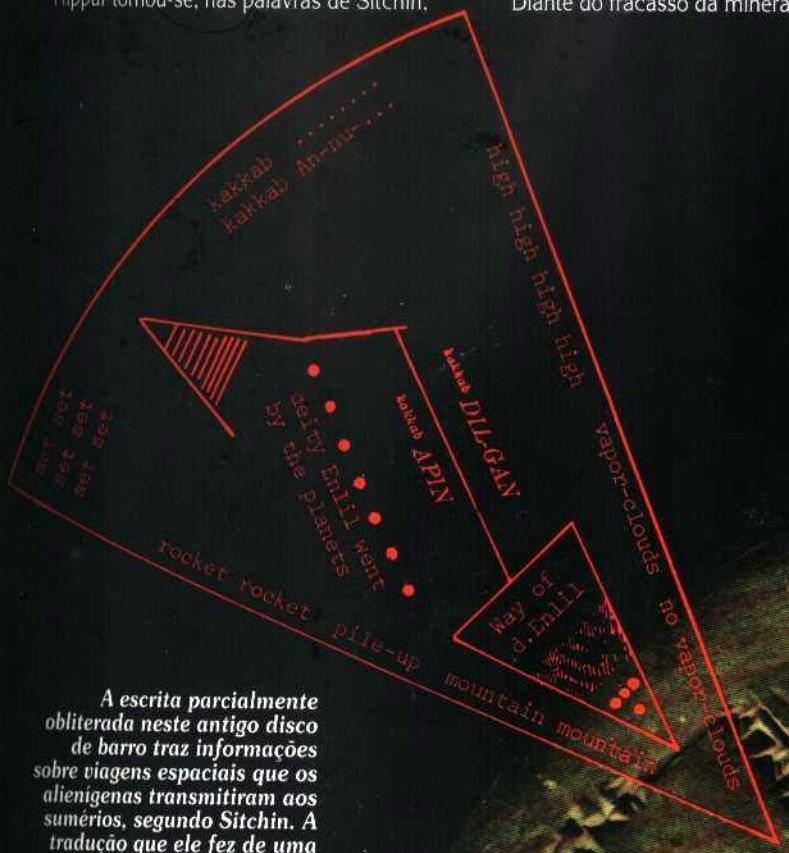
De acordo com Sitchin, textos sumérios de 5.000 anos chamam Urano (acima) de "planeta que é o duplo" de Netuno (abaixo). Só nos anos 80, quando informações da Voyager 2 revelaram que ambos têm uma tonalidade azul-esverdeada e diferem em diâmetro por menos de 1.600 quilômetros, os cientistas declararam que Urano é "quase gêmeo" de Netuno. Sitchin argumenta que o conhecimento dos sumérios acerca do sistema solar, adquirido totalmente sem ajuda de instrumentos, só poderia ter sido alcançado sob a tutela de benfeitores alienígenas.

o interior, até o centro da Mesopotâmia, onde Enlil ficou morando em um assentamento chamado Larsa, enquanto se construía a nova capital, Nippur.

Após 21.600 anos terrestres de obras — meros seis anos para os seres de Nibiru — Nippur tornou-se, nas palavras de Sitchin, "um posto de comando a partir do qual os anunnaki podiam coordenar as viagens de ida e volta para seu planeta natal e orientar o pouso das naves de transbordo, aperfeiçoando as decolagens e junções com a espaçonave em órbita em torno da Terra".

Diante do fracasso da mineração de ouro nas águas do golfo Pérsico, Enlil pensou em procurar o metal precioso em terra. Essa decisão estava destinada a mudar o curso da vida na Terra nos próximos milênios.

Sitchin acha que os zigurates sumérios, como este, serviam de observatório e torre de pouso para as espaçonaves dos anunnaki. As pirâmides em camadas estavam equipadas, segundo Sitchin, com antenas de anel para comunicação com os transbordadores em órbita.



A escrita parcialmente obliterada neste antigo disco de barro traz informações sobre viagens espaciais que os alienígenas transmitiram aos sumérios, segundo Sitchin. A tradução que ele fez de uma das partes (detalhe, acima) relata a rota usada por Enlil, uma divindade suméria, em sua viagem para a Terra. Os sete pontos no centro representam os sete planetas de Nibiru até a Terra, e o triângulo à esquerda é o "domínio dos soberanos", referência a Nibiru. As palavras em torno da margem são instruções de pouso.

Humanos Produzidos em Laboratório

A busca de Enlil por ouro acabou em uma terra luxuriante longe da Mesopotâmia. Sitchin acredita que esse lugar foi a África. Diz que os anunnaki navegaram até a região atual de Moçambique. Nas minas os astronautas foram se esgotando com a labuta estafante e as desconfortáveis condições de trabalho, a ponto de se verem em uma situação intolerável. Quando Enlil visitou as minas, enfrentou um acalorado motim, descrito nos textos antigos como uma rebelião das divindades.

"Cada um de nós deuses a guerra declarou!", gritaram. "O labor excessivo matou-nos. Nosso trabalho foi pesado, a aflição intensa." Enlil não se comoveu, mas seu pai, Anu, ficou do lado dos amotinados, assim como seu meio-irmão rival, Enki. Este propôs que ele e Ninharsag, a deusa encarregada da medicina, criassem um *lulu*, trabalhador primitivo, para aliviar os deuses de seus labores.

Combinaram os genes de aves, bois, leões e outros animais da Terra com os de um ser que parecia estar um pouco acima dos demais: o homem-macaco, ou hominídeo. Os resultados foram uma desilusão *(à direita, em cima)*. Então eles criaram um lulu satisfatório — o primeiro ser humano — misturando o material genético do homem-macaco com o dos anunnaki. Ninharsag, que passou a ser chamada de Ninti, ou "senhora que dá a vida", ergueu o protótipo de bebê híbrido *(à direita, embaixo)* e gritou: "Minhas mãos o fizeram!"

O lulu era parecido com os anunnaki. Ao contrário de seu peludo ancestral, o híbrido tinha, segundo um texto antigo, "a pele como a de um deus". Os primeiros humanos eram estéreis, sendo produzidos em massa pelos anunnaki; muitas deusas do nascimento incubavam fetos ao mesmo tempo.

Sitchin escreve que a idéia da engenharia genética alienígena resolve um problema da teoria da evolução — o elo perdido. Os antropólogos conseguiram reconstituir o caminho da evolução dos primatas para os primatas humanóides e destes para os humanos primatóides. Mas ao chegar aos antepassados imediatos do *Homo sapiens* encontram dificuldades. Nas palavras de Sitchin, "O *Homo sapiens* representa um salto tão extremo dentro do lento processo evolutivo, que muitas de nossas características, tais como a capacidade de falar, não têm qualquer relação com os primatas primitivos."

Ele assegura que a resposta está na intervenção extraterrestre. Se os anunnaki puderam montar estabelecimentos sofisticados em um planeta que não era o deles, raciocina, podem ter sido capazes de fazer alterações genéticas e produzir um grande salto no processo da evolução. Sitchin diz que o Livro do Gênese é simplesmente uma revisão de histórias sumérias mais antigas. De acordo com o *Épico da Criação* — versão babilônica de um texto sumério — os seres humanos foram importados para a Mesopotâmia, região que muitos estudiosos associam ao Jardim do Éden bíblico. Lá, Enlil e Enki, inimigos acérrimos desde que Enlil substituíra o irmão na chefia dos anunnaki na Terra, lutaram entre si pela supremacia.

Enki, em parte criador e velho aliado dos homens, decidiu diminuir o férreo controle do irmão sobre eles. Tal como a serpente da história bíblica, encorajou os seres humanos a experimentar um fruto proibido: deu-lhes a capacidade de procriar. Assim como Adão e Eva tomaram consciência de sua nudez, os seres humanos descobriram no dom da reprodução o poder de reger suas próprias vidas. Enlil, enraivecido e temeroso de que os homens pudessem também aprender o segredo da imorta-

lidade, expulsou-os do Éden para que se defendessem sozinhos.

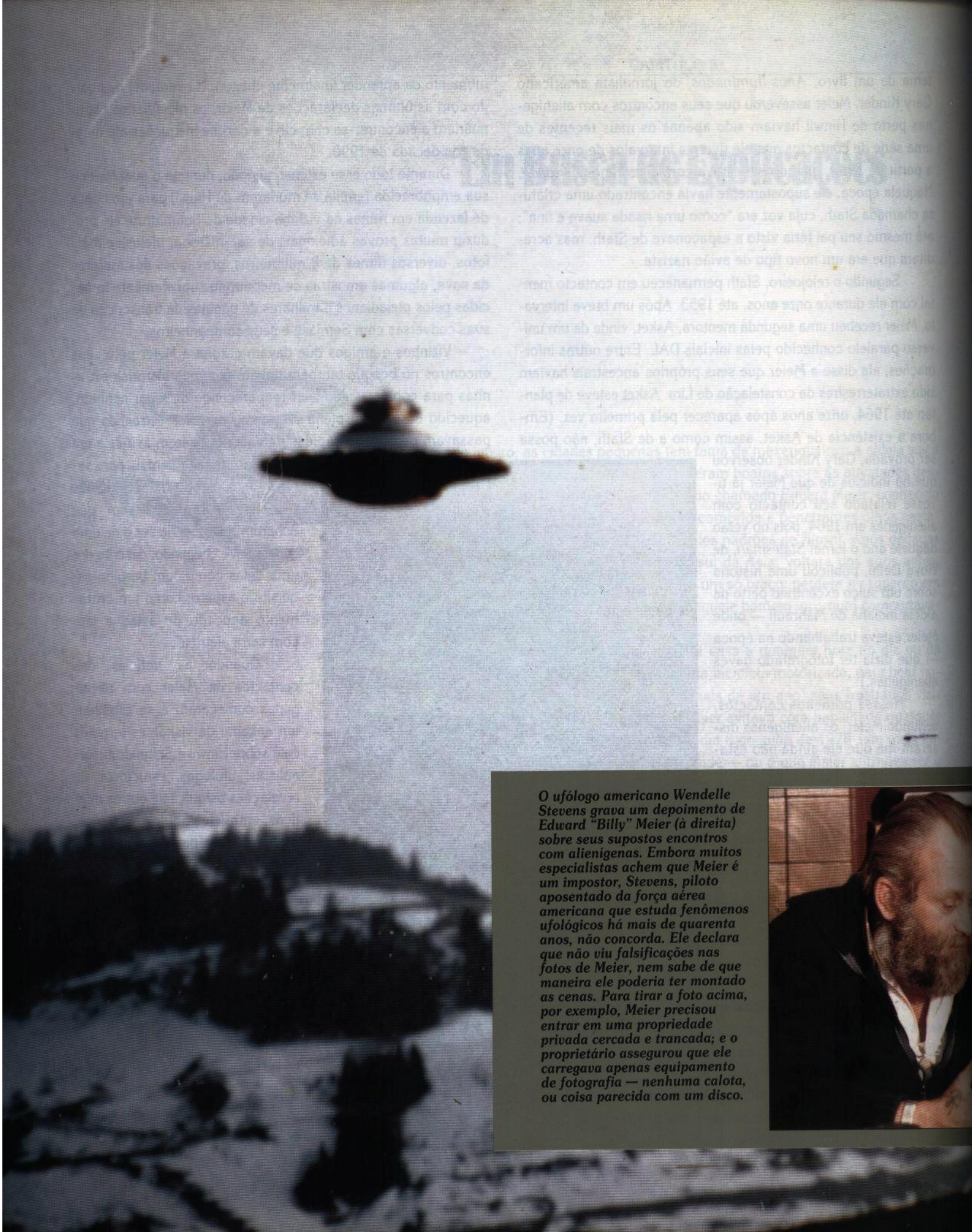
Banidos, os humanos continuaram a procriar, e acabaram acasalando-se com os deuses, segundo a tradução de Sitchin do texto original em hebraico do Gênese: "E aconteceu, quando os Terráqueos começaram a aumentar em número (...) e filhas nasceram deles, que os filhos das divindades viram as filhas dos Terráqueos (...) e escolheram esposas entre elas." Veementemente contrário a essa miscigenação, Enlil conspirou para expurgar a humanidade do planeta.

Os anunnaki sabiam que um desastre natural estava a caminho. Nibiru logo passaria perto da Terra em sua longa órbita em torno do Sol, e eles achavam que sua atração gravitacional desestabilizaria as camadas de gelo da Antártida, que invadiriam os oceanos, inundando o planeta e afogando toda a vida. Quando o momento temível se aproximava os anunnaki, sob a direção de Enlil, refugiaram-se em ônibus espaciais que estavam orbitando a Terra, sem avisar os Terráqueos.

Mal sabiam eles, porém, que Enki, defensor da humanidade, havia traído suas intenções malévolas e falara do desastre iminente a um sábio, que em um texto acadiano recebe o nome de Utnapishtim. Em reação, o homem — que Sitchin identifica como o bíblico Noé — construiu um grande barco e carregou-o com plantas e animais de toda espécie. Desse modo, a humanidade sobreviveu ao Dilúvio.

Quando as águas recuaram, os deuses voltaram para a Terra e se surpreenderam ao encontrar Noé no monte Ararat. No início, Enlil sentiu-se ultrajado, mas depois alegrou-se com a sobrevivência dos seres humanos, percebendo o quanto seriam importantes na imensa tarefa de reconstrução que havia pela frente. Os anunnaki prometeram nunca mais fazer mal a sua prole. E os humanos, não mais em servidão a partir daquele momento, passariam a ser seus parceiros na Terra. Os deuses começaram a dar aos homens conhecimentos e uma organização social rudimentar, para finalmente conferir-lhes, na Suméria, o grande dom e a responsabilidade de sua própria civilização avançada.

Etapas da criação da humanidade, em imagens sumérias. Deuses trabalhadores anunnaki (extrema esquerda) labutam nas minas do sul da África, antes de existirem humanos para substituí-los. Híbridos fracassados (centro), metade animais e metade hominídeos, mostram tentativas frustradas de Ninharsag e Enki. A deusa Ninti, com a árvore da vida a sua direita, produz o primeiro ser humano. Provetas e tubos de ensaio pertencem ao laboratório genético que produziu o bebê.



O ufólogo americano Wendelle Stevens grava um depoimento de Edward "Billy" Meier (à direita) sobre seus supostos encontros com alienígenas. Embora muitos especialistas achem que Meier é um impostor, Stevens, piloto aposentado da força aérea americana que estuda fenômenos ufológicos há mais de quarenta anos, não concorda. Ele declara que não viu falsificações nas fotos de Meier, nem sabe de que maneira ele poderia ter montado as cenas. Para tirar a foto acima, por exemplo, Meier precisou entrar em uma propriedade privada cercada e trancada; e o proprietário assegurou que ele carregava apenas equipamento de fotografia — nenhuma calota, ou coisa parecida com um disco.

Esta última alternativa, é claro, é a preferida de muitos entusiastas da ufologia, que afirmam sem rodeios que o fenômeno dos OVNIs é exatamente o que parece ser. Os OVNIs, dizem eles, são de fato naves alienígenas do espaço sideral, pilotadas por seres com muito mais miolos e conhecimento tecnológico do que nós. Mas suas posições se dividem.

Alguns vêem os relatos de rapto como fantasias complexas, e às vezes absurdas, que interferem no bom andamento da pesquisa ufológica legítima — ou como indícios, na essência irrelevantes, de um fenômeno totalmente diferente. A inglesa Hilary Evans, por exemplo, sugere que as aparições de OVNIs e os raptos por alienígenas deviam ser investigados em separado. Outros pesquisadores defendem uma posição diametralmente oposta. Acreditam que os relatos de contactos imediatos com alienígenas são a chave para a compreensão do fenômeno dos OVNIs, respondendo à pergunta: o que querem os alienígenas? "Os raptos abriram o mistério dos OVNIs como um ovo cósmico", declara o historiador David Jacobs. "Neles vemos a vida alienígena, a criação de vida bizarra e a exploração da vida humana", uma referência às teorias de que os alienígenas estão realizando experiências genéticas com seres humanos selecionados.

Outros ainda lançam a hipótese de que os OVNIs existem de fato, mas não são simples espaçonaves. As leis da física colocam barreiras formidáveis no caminho das viagens interestelares práticas, o que sugere a algumas pessoas que os chamados alienígenas podem ser visitantes da Terra em um futuro longínquo, que chegam ao presente por intermédio de uma distorção cósmica do tempo. Ou talvez os OVNIs venham de um universo alternativo, de outra realidade além do espaço e do tempo normais. Mudando da física avançada para a parapsicologia, outra escola de pensamento sustenta que os OVNIs e outras presenças alienígenas podem ser fenômenos puramente paranormais, tão intrigantemente reais, ou irreais, quanto os fantasmas ou os anjos da guarda. Louise Zinsstag pode ter feito uma alusão a isso no caso de Billy Meier, quando o chamou de bruxo.

Outro grupo ainda, que não é nem de pesquisadores de OVNIs, nem de involuntárias testemunhas, oferece sua própria perspectiva do fenômeno. Há décadas é dito que os canalizadores mediúnicos transmitem mensagens elaboradas de viajantes espaciais alienígenas. E seus fantásticos comunicados ficam pálidos comparados com outra suposição ainda: a de que centenas de seres humanos, talvez até Billy Meier, são "gente das estrelas", descendentes de alienígenas que estão na Terra para educar e preparar os seres humanos para uma grande mudança que está por vir.

Com essa galáxia abarrotada de teorias, não chega a surpreender que muitos ufólogos ativos façam questão de manter o espírito aberto. Sublinhando que acredita que o fenômeno dos OVNIs está destinado a produzir "descobertas cientificamente importantes", Michael Swords, professor de ciências naturais na universidade Western Michigan e editor do *Journal of UFO Studies*, escreveu em 1989 que achava que todas as teorias eram prematuras: "Deixemos os fatos falarem, e não as opiniões."

O problema, é claro, é que pode ser frustrantemente difícil isolar os fatos. Tanto os entusiastas dos OVNIs quanto os céticos concordam que o conjunto dos relatos sobre OVNIs e raptos está contaminado pela fraude em pelo menos alguns casos, embora a falta de fundos de pesquisa e de pessoal adequado torne difícil estabelecer quando ocorre uma fraude, como isso pode acontecer e por quê. A história de Meier é uma excelente ilustração disso. Segundo algumas avaliações, nenhum outro episódio de contacto com alienígenas gerou tal quantidade de indícios registrados — e nenhum está mais sujeito a controvérsia.

Quanto às fotos de Meier, por exemplo, em muitos aspectos é difícil criticá-las; estão entre as mais nítidas e mais convincentes fotos de OVNIs jamais feitas. A maior parte delas mostra uma ou mais naves pleiadianas, objetos prateados em forma de disco, com cerca de 7 metros de diâmetro com janelas retangulares vermelhas, em torno do centro bojudo. Ao longo de décadas, Meier acumulou várias centenas de slides coloridos que mostram seis tipos diferentes de naves pairando sobre árvores e montanhas conhecidas.

Provavelmente inspirada nas histórias exageradas dos primeiros exploradores sobre suas viagens, esta gravura italiana do século XV (acima) retrata supostos habitantes de terras longínquas. Da esquerda para a direita estão os musteros da África do Norte ou da Ásia, que às vezes não tinham cabeça; os minúsculos caçadores pigmeus da África; e os sciopedi da Índia, com enormes pés. Em nossa própria época, embora as viagens e comunicações tenham desmistificado a maioria dos habitantes do planeta, a humanidade continua a especular sobre possíveis extraterrestres. À direita, uma ilustração do início do século XX dá vida à descrição que o escritor britânico H.G. Wells fez em 1907 dos marcianos — que têm uma forte semelhança com os alienígenas descritos pelos supostos raptados de hoje. Wells escreveu que os habitantes do planeta vermelho possuíam "grande inteligência", o que fazia com que precisassem de "cérebros grandes" encerrados em "grandes crânios bem formados".

levisão. E, com efeito, seus adeptos concordam que ele desapareceu de seu escritório trancado na casa de Schmidruti pelo menos uma vez. Contam ter descoberto o escritório fechado a chave e vazio pouco tempo depois de verem Meier trabalhando nele; quando ele reapareceu, horas depois, três homens tiveram que arrombar a porta para que ele pudesse entrar de novo.

Em outra ocasião, Meier e três ajudantes estavam consertando o telhado da velha cocheira da fazenda. De repente, Meier não estava mais lá. Seus espantados companheiros concluíram que ele devia ter caído, pois não houvera tempo para que descesse pela única escada sem que o vissem. Em uma busca rápida, não encontraram sinais dele. Horas depois, Meier reapareceu animado e em boa forma, fumando um cigarro.

onsta que Meier também gosta de demonstrar um estranho poder que alega ter recebido dos alienígenas, segurando moedas de um modo especial que se supõe transformá-las metalurgicamente, como se houvessem sido submetidas a uma temperatura de 800 graus. Outras vezes — até no meio de uma conversa — ele pode ser acometido por um acesso que ele identifica como energia psíquica. Seu corpo começa a tremer, o rosto fica cinzento e o suor lhe cobre a testa. Sem qualquer explicação, ele se dirige para sua bicicleta motorizada, aparentemente convocado para mais um encontro astral.

Isso é tudo que se tem, como provas a favor e contra o caso Meier; trata-se de um conjunto de material esmagador e desconcertante, sem coisa alguma realmente decisiva. "Levamos dois anos", declarou o pesquisador de OVNIs Brit Elders a Gary Kinder, "para decidir que nunca provaremos nada, nem contra, nem a favor. O material simplesmente existe." O próprio Kinder chegou a mais ou menos a mesma conclusão.

Não se sabe se Meier é um impostor, mas outras supostas testemunhas de OVNIs foram. O que poderia motivar essas invenções? Alguns pesquisadores sugerem, ousadamente, que os contactados, inclusive Meier, podem ser tentados a fabricar provas para convencer as pessoas de alguma coisa que de fato aconteceu. Frustradas pela ausência de provas irrefutáveis de suas experiências, elas simplesmente criam as provas por si mesmas. Os céticos sugerem que uma série de outros motivos podem ser aduzidos para explicar por que as pessoas inventam histórias e fabricam provas — motivos estes que vão do espírito brincalhão a uma necessidade de atenção. Outro fator poderia ser o desejo de celebridade ou de lucro fácil. Honorários por conferências, contratos de livros e convites para programas de entrevistas são feitos para os indivíduos dispostos a discorrer sobre suas lembranças dos encontros com alienígenas, sejam estes verdadeiros ou falsos. Até mesmo uma foto de boa qualidade de um suposto OVNI pode render muitos milhares de dólares em direitos mundiais de reprodução em jornais e revistas. (Para comparar, estima-se que uma foto amadora que mostraria o monstro de Loch Ness — entidade puramente terrena — tenha rendido a seu proprietário mais de 300 mil dólares.)

Segundo alguns estudos, a maioria das fotos de OVNIs não resiste a uma análise mais cuidadosa. A Base de Alerta de Discos, um grupo de investigações de Phoenix, no Arizona, testa as supostas fotos de OVNIs por um complexo processo computadorizado de intensificação de imagens. De acordo com seus pesquisadores, mais de 95 por cento das imagens examinadas são fenômenos naturais mal-interpretados, ou francas falsificações. Essa organização rejeitou diversas fotos de Meier, mas no sempre contencioso mundo da pesquisa ufológica esse juízo não bastou para resolver a questão. Os partidários de Meier criticam o processo da Base de Alerta de Discos por envolver tantas cópias e alterações que, eles acreditam, a imagem fotográfica fica seriamente distorcida.

Além da emaranhada discussão acerca das possíveis fraudes, resta o problema do engano honesto. Tantos relatos de OVNIs acabam revelando balões meteorológicos, aviões a jato, raios de sol, efeitos de nuvem ou até reflexos em pára-brisas, que os ufólogos nem se incomodam em tabulá-los. Assim como uma criança deitada na grama descobre castelos e dragões nas nuvens que passam nas alturas, a mente adulta parece capaz de povoar os céus com base na menor sugestão óptica.

Em uma antologia sobre a pesquisa ufológica publicada em 1988 pela prestigiosa Associação Britânica de Pesquisas sobre OVNIs (BUFORA), a investigadora britânica Hilary Evans

Nosso Anúncio no Universo

"Este é um presente de um mundo pequeno e distante, uma amostra de nossos sons, nossa ciência, nossa música, nossos pensamentos e nossos sentimentos." Assim começa o discurso do ex-presidente americano Jimmy Carter para qualquer pessoa ou qualquer coisa no cosmo com capacidade para entender. Suas palavras juntam-se às de pessoas de todo o mundo em um disco gravado colocado a bordo de duas espaçonaves americanas lançadas em 1977, as *Voyagers 1* e *2*, em um esforço antes de mais nada simbólico para enviar uma mensagem que outros seres inteligentes possam um dia receber e ouvir. A gravação da *Voyager* é a corporificação da busca de inteligências extraterrestres conhecida como SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence) — admitida pela comunidade científica com base na suposição de que, tendo em vista o número quase infinito de estrelas no universo, é altamente provável que exista vida em outros planetas de outros sistemas solares.

Cinco anos antes da *Voyager*, com o lançamento da sonda *Pioneer 10* em 1972, os peritos tentaram comunicar-se com alienígenas: a *Pioneer 10* seria a primeira nave humana a alcançar a vastidão do espaço interestelar.

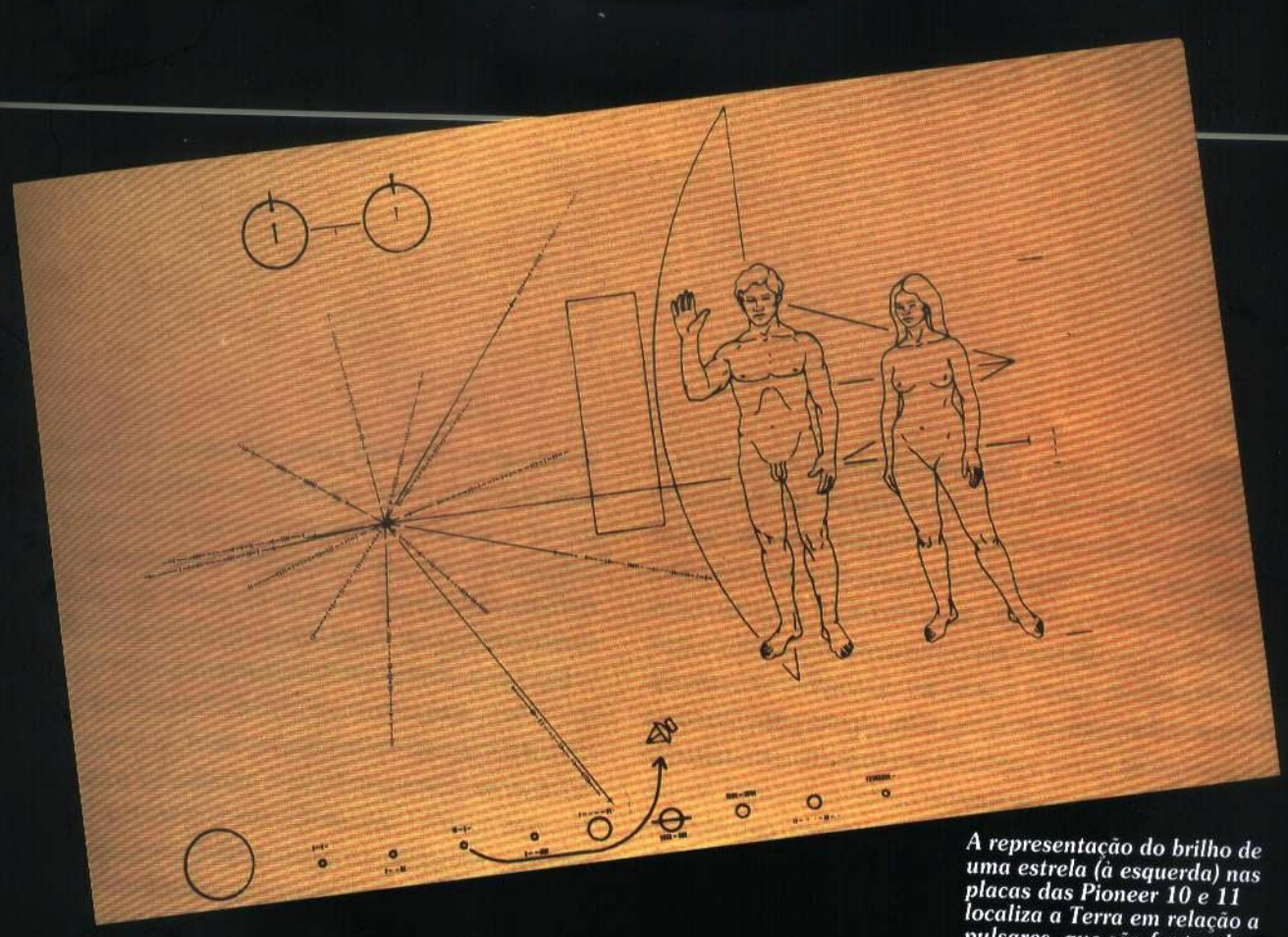
O astrônomo Carl Sagan e vários de seus colaboradores criaram a mensagem levada pela *Pioneer 10*. Gravada em uma placa de alumínio banhada a ouro de 18 por 24 centímetros *(página ao lado, no alto)*, ela continha esquemas da localização da Terra e desenhos da nave, de um homem e de uma mulher. A *Pioneer 11*, lançada em 1973, levou uma placa idêntica. Cada uma delas deverá viajar cerca de 30 mil anos antes de chegar à estrela mais próxima em sua rota.

Em 1974, o radioastrônomo Frank Drake enviou uma mensagem do radiotelescópio de Arecibo, em Porto Rico, para um agrupamento estelar na constelação de Hércules, a 25 mil anos-luz da Terra. Sua mensagem, que seres inteligentes poderiam decifrar para produzir uma imagem *(direita)*, caracteriza a natureza química e genética da vida na Terra.

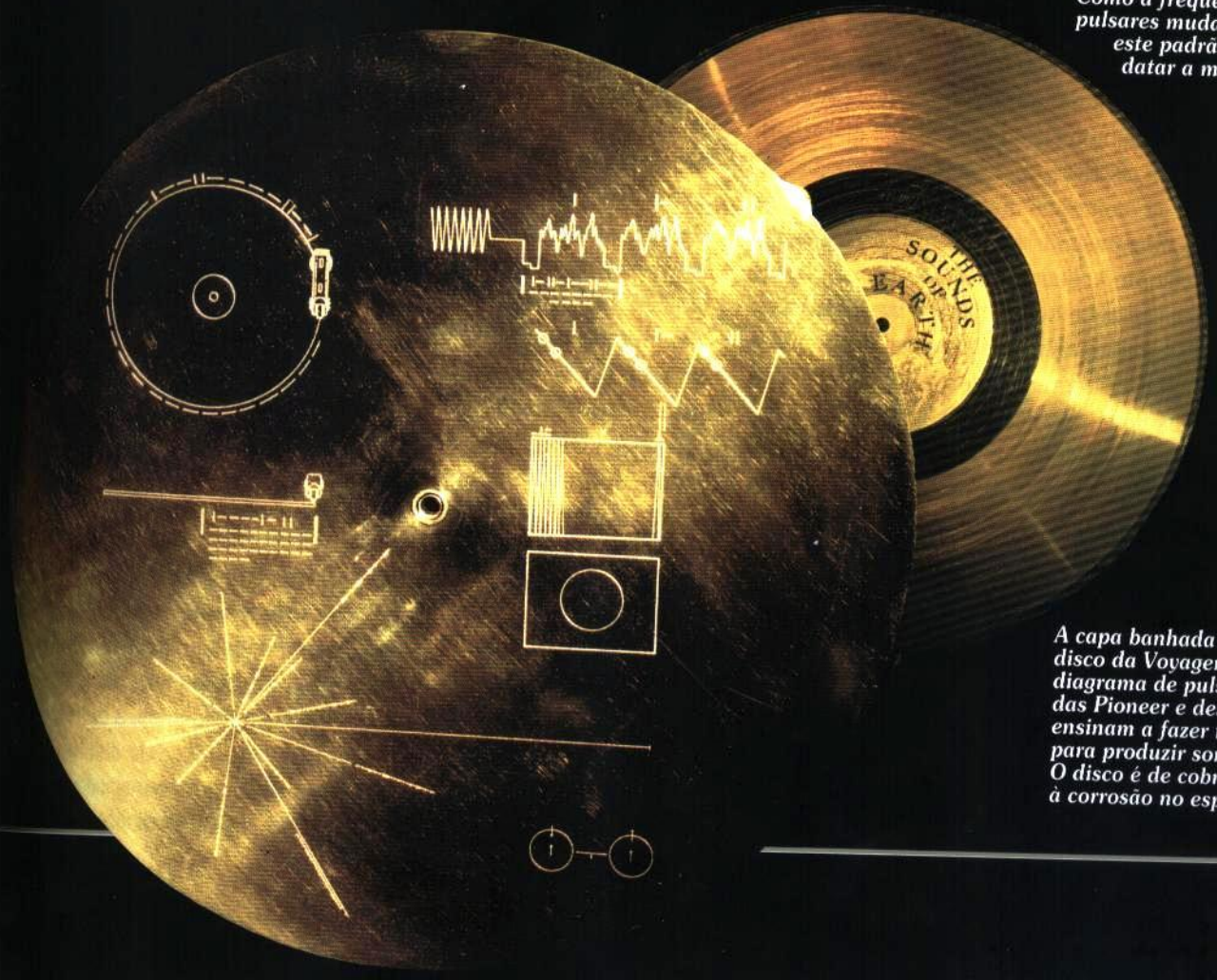
Mas a comunicação mais informativa enviada da Terra até agora é a que foi levada pelas *Voyagers 1* e *2*. Trata-se de um videodisco de cobre *(página ao lado, embaixo, com a capa)* com duas horas de vistas e sons de nosso planeta — não só a mensagem do presidente Carter, mas um pouco de tudo, desde a canção de uma baleia e um latido de cão a saudações em 55 línguas, amostras da música do mundo e mais de cem imagens fotográficas. As duas *Voyagers* deixaram o sistema solar nos anos 80 e começaram sua viagem através do espaço interestelar.

Embora sejam mínimas as chances de que essas comunicações cuidadosamente planejadas alcancem outros seres inteligentes, os cientistas as valorizam como gestos. Por elas, a humanidade reconhece que pode compartilhar do universo com outros seres sapientes.

Esta imagem colorida é a representação visual da mensagem de rádio enviada por Frank Drake ao espaço em 1974. Lendo-se da direita para a esquerda a partir do alto da imagem, que foi codificada usando-se um sistema matemático facilmente discernível, estão os números de um a dez. Abaixo destes aparecem as expressões do hidrogênio, carbono, nitrogênio, oxigênio e fósforo, os cinco elementos essenciais da vida na Terra. Mais abaixo há uma referência à molécula de ADN. As barras representam a hélice dupla do ADN (azul), um corpo humano, o sistema solar (amarelo), e o radiotelescópio de Arecibo (embaixo), que enviou a mensagem.



A representação do brilho de uma estrela (à esquerda) nas placas das Pioneer 10 e 11 localiza a Terra em relação a pulsares, que são fontes de emissão natural de rádio. Como a freqüência dos pulsares muda com o tempo, este padrão ajudaria a datar a mensagem.



A capa banhada em ouro do disco da Voyager traz o diagrama de pulsar da placa das Pioneer e desenhos que ensinam a fazer tocar o disco para produzir som e imagens. O disco é de cobre, resistente à corrosão no espaço.

Um Mistério Marciano

Quando a sonda soviética *Phobos 2* estava em órbita em torno de Marte, no dia 27 de março de 1989, perdeu-se contacto com o satélite em circunstâncias não-explicadas. Os comentários oficiais foram mínimos, mas levantaram as antenas dos entusiastas de OVNIs. Parecia haver suficiente informação para desconfiar que as autoridades ocultavam uma inquietante possibilidade: a sonda soviética pode ter sido atacada por uma nave alienígena.

A *Phobos 2* foi lançada em meados de 1988, para estudar Marte e sua lua Phobos, que deu nome à nave. No mês de março seguinte já havia mandado fotos de Marte e da elíptica e encaroçada Phobos e deveria mandar mais.

Às 15h59, horário de Moscou, o sinal da nave desapareceu abruptamente. Nada mais se ouviu até as 20h50, quando um débil contacto foi restabelecido por treze minutos, após os quais o sinal cessou permanentemente. Mais tarde, os engenheiros relataram que a *Phobos 2* saíra girando fora de controle e que o provável responsável por isso fora um defeito do computador ou, aumentando o mistério, a colisão com um objeto não-identificado.

Os cientistas trabalharam sobre os últimos restos de filme que a sonda mandou para a Terra, mas estes renderam mais perguntas do que respostas. Segundo o noticiário da TV soviética, as fotos gravadas pelas câmeras da *Phobos 2*, que naquele momento estavam apontadas para Marte, revelaram uma escura forma elíptica entre o satélite e a superfície do planeta *(esquerda)*. Consta que a última imagem fotográfica, que ainda não foi tornada pública, é ainda mais estranha. Nas palavras de um cientista britânico, aparentemente os soviéticos viram nela uma coisa "que não deveria estar lá".

Como não houve outra informação oficial, as causas da perda da *Phobos 2* estão abertas à especulação. O escritor americano Zecharia Sitchin, cuja teoria sobre a herança alienígena da humanidade aparece nas páginas 89-97, une-se a outros membros da comunidade ufológica na opinião de que o objeto escuro é de fato uma espaçonave alienígena. Ele acha que a última fotografia secreta é o primeiro registro de uma real guerra nas estrelas: uma nave alienígena atacando e destruindo a intrusa *Phobos 2*.

gere a Swords que os astronautas alienígenas podem ser viajantes do futuro, que voltaram à Terra de hoje para recuperar seu próprio passado e talvez alterar para melhor o curso da história.

A viagem pelo tempo, seja realizada através desse mecanismo ou de outro ainda por imaginar, em geral é vista como uma impossibilidade, em parte porque cria inúmeros paradoxos lógicos. O caso citado com mais freqüência é o do lunático futurista que volta e assassina seu próprio avô. Seria esse ato impensado um tipo de suicídio patriarcal, que impediria o nascimento do próprio lunático? Se for assim, como é que ele pode-

ria ter voltado? A resposta, segundo Swords, pode estar no conceito de que existe um número indeterminado de universos simultaneamente, em geral invisíveis uns aos outros, mas às vezes interpenetrantes. Assim, o lunático poderia existir em alguns universos e em outros não.

Outra explicação do fenômeno dos OVNIs — meio científica, meio metafísica — é a de Jacques Vallée, o mesmo escritor que nos anos 60 popularizou a hipótese do folclore proposta por Jung. Em seus escritos, Vallée sugeriu que os alienígenas não são de outros mundos em nosso universo, mas de uma realidade alternativa que existe paralelamente à nossa. Vallée, que começou sua carreira profissional como astrofísico no Observatório de Paris, publicou diversos livros sobre OVNIs, tema que acabou sendo a obra de sua vida. Bem conhecido em seu campo e relativamente avesso à publicidade, Vallée se distancia dos outros ufólogos. Sua reputação é tal que se diz que ele serviu de base para o cosmopolita ufólogo francês do filme *Contactos Imediatos do Terceiro Grau*. Representado pelo diretor francês François Truffaut, o personagem foi notável por sua mente aberta e por suas abrangentes teorias sobre as visitas alienígenas.

Em seus primeiros livros, publicados no início dos anos 60, Vallée fazia a defesa científica das visitas extraterrestres. Em 1969, quando publicou *Passaporte para Magonia*, estava mais interessado na hipótese do folclore. (O título é uma referência às nebulosas naves magonianas que tanto incomodaram o arcebispo de Lyon há mil anos atrás.) Dez anos depois veio *Mensageiros de Ilusão*, um estudo dos cultos a OVNIs na costa oeste americana. Então, em 1988, Vallée publicou *Dimensões*, onde desenvolvia suas idéias, atribuindo o fenômeno dos OVNIs a uma tentativa de modificar o inconsciente coletivo das crenças humanas, proposto pela primeira vez por Carl Jung. Os OVNIs são mostrados aos seres humanos de modo deliberadamente atormentador, afirmou, e são extraídos de um território além do tempo e do espaço. Embora "os OVNIs sejam objetos físicos reais", escreveu, "não são, necessariamente, espaçonaves extraterrestres. Falando sem rodeios, a teoria extraterrestre não é estranha o bastante para explicar os fatos". Ele acredita que, em vez disso, "o fenômeno dos OVNIs representa um indício de dimensões que estão além do espaço-tempo; os OVNIs

Um Ícone Partilhado por Alienígenas e Terráqueos

Por mais de doze anos antes de seu suposto rapto por alienígenas em 1985, o escritor Whitley Strieber fora fascinado pela idéia mística da tríade. Pelo estudo de escritos metafísicos ele aprendera a ver as entidades de três partes como símbolos da perfeita plenitude terrena, a penúltima parada na estrada da transcendência e da iluminação. Por causa dessa crença, ele teve uma arrepiante sensação de conexão com seus captores alienígenas ao reconhecer que também para eles a tríade era um símbolo poderoso.

Em seu bestseller *Comunhão*, lançado em 1987, Strieber escreveu que os alienígenas revelaram a importância que davam à tríade de diversas maneiras, uma das quais consistia em marcar o corpo dos raptados. Ele mesmo, por exemplo, voltou de seu rapto com uma marca triangular no braço. Do mesmo modo, um médico francês e seu filho desenvolveram persistentes erupções triangulares em torno do umbigo após um encontro com alienígenas. O estranho problema do médico é mostrado acima.

Strieber também viu o simbolismo triuno nos relatos da multirraptada Betty Andreasson *(página 30)*. Ela contou ter sido levada através de um território alienígena no qual encontrou uma grande ave parecida com uma águia, que Strieber associa com outro símbolo tripartido, a Esfinge. Na mitologia grega, a Esfinge faz a Édipo uma pergunta em três partes: o que tem a força de um touro, a coragem de um leão e a inteligência de um homem? Quando Édipo lhe responde que é a própria Esfinge em sua natureza tripla, esta se transforma em águia.

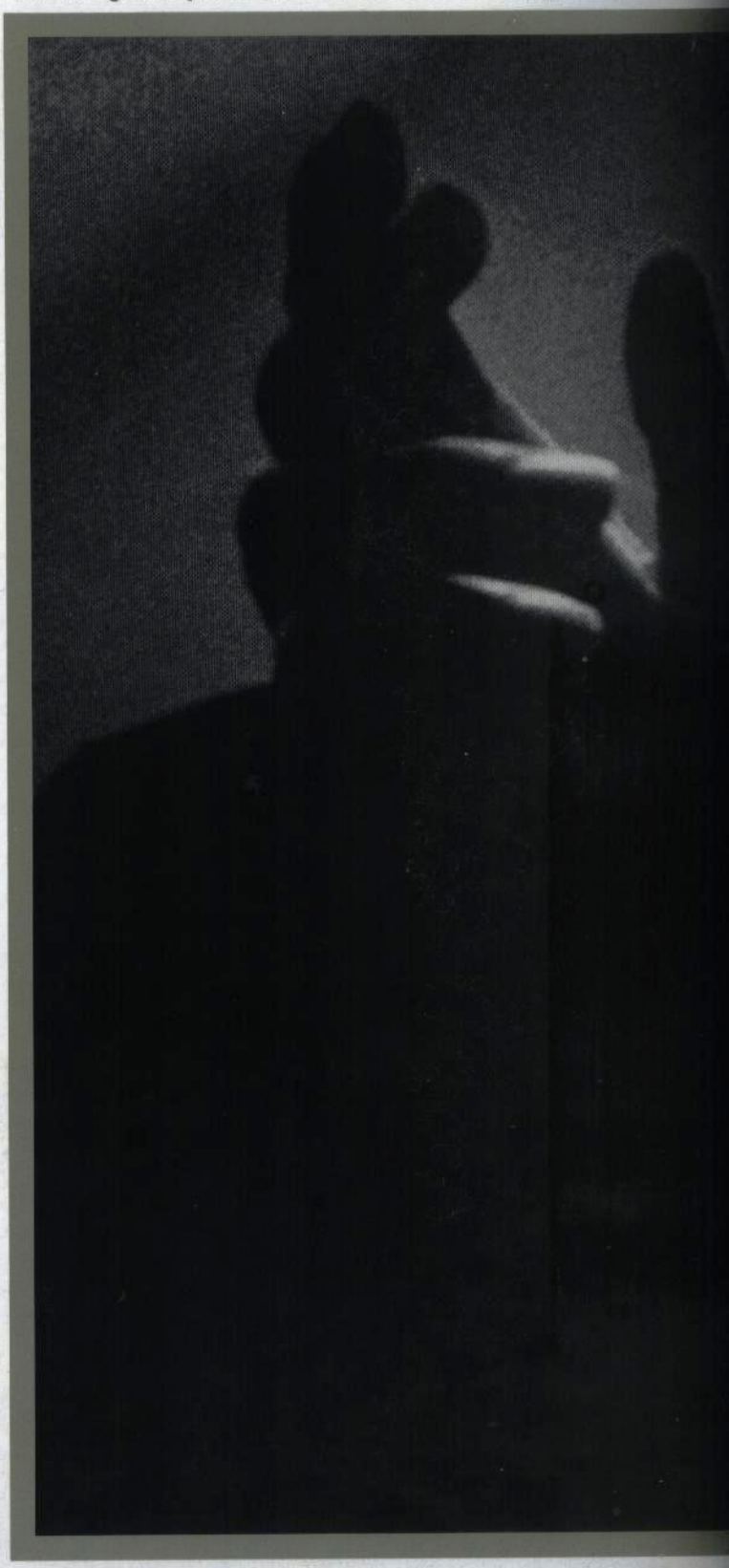
Strieber escreve sobre outras supostas ligações dos alienígenas com a tríade. Os seres com freqüência surgem em trios e usam luzes de três pontas e emblemas triangulares. Todas essas circunstâncias convenceram Strieber de que os extraterrestres estão convidando os habitantes da Terra a unir-se a eles para formar uma terceira entidade, mais perfeita do que qualquer de suas antecessoras.

tou que os alienígenas são entidades estritamente psíquicas, afins a anjos e demônios. "A interação humana com as entidades dos OVNIs e os encontros imediatos com suas naves", escreveu, "ocorrem em um estado alterado de realidade. Em outras palavras, os raptos por OVNIs não parecem realidade física no sentido normal, possivelmente porque as próprias naves são de outro continuum de espaço-tempo."

Brad Steiger, escritor que passou mais de trinta anos investigando assombrações, poderes psíquicos e outros fenômenos paranormais, também classifica os OVNIs com a maioria dos demais fenômenos sobrenaturais. "Na minha opinião", escreveu em 1981, "as visões de OVNIs e as aparições de elfos, anjos e outras imagens arquetípicas em todo o mundo significam que nós, humanos, fazemos parte de uma comunidade maior de inteligências, de uma hierarquia muito mais complexa de potestades e principados, um reino potencialmente muito mais rico de espécies interrelacionadas — tanto físicas como não-físicas — do que jamais sonhamos".

Se as mulheres da Califórnia foram compreensivelmente relutantes diante de tais contactos alienígenas sobrenaturais, um grande número de pessoas interessadas em fenômenos paranormais abraça com avidez essa experiência. Desde o início dos anos 50, certos indivíduos vêm afirmando servir de canal entre os terráqueos comuns e os habitantes de territórios alienígenas. Tal como os médiuns espíritas, a maioria desses canalizadores acredita que estão comunicando os pensamentos de mentores que serviram como sacerdotes. A diferença é que os contactos dos canalizadores são supostamente seres físicos que viajam em OVNIs reais, no momento do encontro.

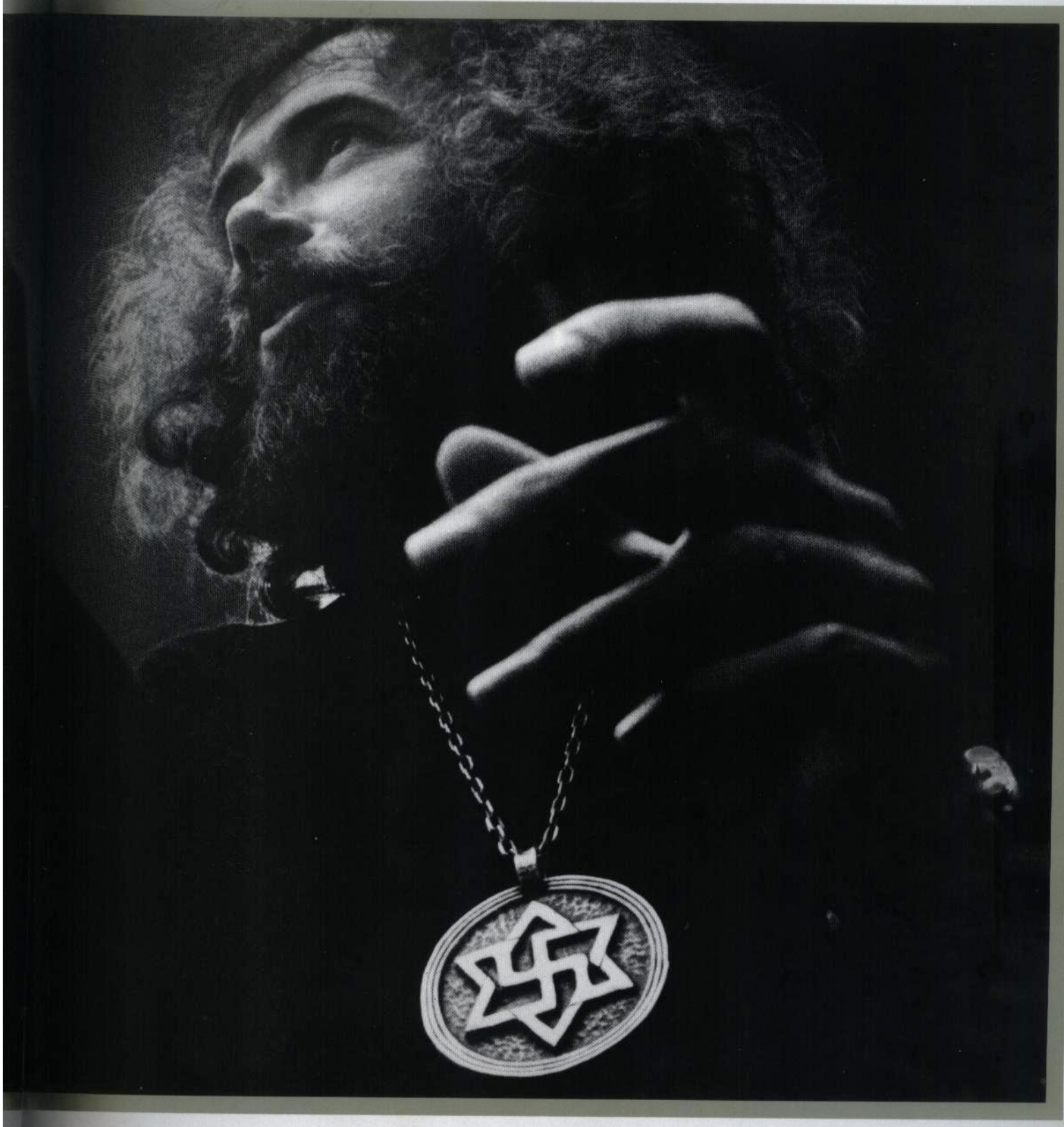
Tal como Billy Meier, com suas milhares de páginas de transcrições de pensamentos pleiadianos, os canalizadores de OVNIs deram origem a um considerável corpo literário. A organização Portais da Luz, por exemplo, instalada no centro da Nova Era de Sedona, no Arizona, publicou diversas antologias de mensagens canalizadas por alienígenas. No livro *Conclave: a Reunião dos Únicos*, de 1989, um canalizador conhecido como Tuieta oferece um rico volume das informações "recebidas" no final de 1988. Segundo ele conta, o material começou a chegar pouco depois das 11h15 do dia 16 de dezembro, quando um amigo apontou para uma nuvem no céu. "Ao ver a 'nuvem', senti uma tal intensidade de energia que não pude descrever", escreveu Tuieta. "Havia muitas pequenas 'nuvens' com o mesmo formato dos dois lados da 'nuvem' grande. Juntas, pareciam encher o céu". De algum modo ele "soube que aquela era a nau capitânia usada por Cuptan Fetogia", continuou o relato, referindo-se a um dos alienígenas que Tuieta canalizava de vez em quando. "Co-



Pouco antes de uma conferência na Califórnia, Claude Vorilhon diz que aprendeu os segredos do universo com alienígenas que o visitaram em 1973. Os extraterrestres deram-lhe o nome de Raël e revelaram-lhe o símbolo que ele agora usa — uma suástica inscrita em uma estrela de Davi que, segundo ele, significa "acima tal como abaixo". Ele prega a mensagem dos alienígenas: governo mundial, pacifismo, desarmamento nuclear e reforma econômica, e tem milhares de seguidores em todo o mundo.

mecei a chorar com uma sensação de alegria e tristeza ao mesmo tempo. Com certeza, alguma coisa de grande significado fizera com que o Ancião Estadista viesse aos éteres da Terra!".

Tal como é revelado no resto do livro, que é uma transcrição literal de mensagens alienígenas — Tuieta reconhece que "não satisfazem os padrões literários do homem" —, aparentemente Fetogia viera para alertar os habitantes esclarecidos da Terra sobre uma mudança histórica generalizada. Prevenindo acerca de "um grande influxo de energias cósmicas e angélicas", Fetogia instou Tuieta a dizer à humanidade que esta deveria "esperar o inesperado" e "aceitar a aceleração de vosso padrão vibracional". Disse também que os seres humanos não deveriam combater essa mudança, pois a resistência "seria totalmente perniciosa para vosso estado de saúde".



Segundo Tuieta, a mesma mudança foi tema de uma conferência realizada depois, a bordo da nau capitânia acarpetada de azul de Fetogia. Nessa reunião, da qual Tuieta diz ter participado em espírito, Fetogia e outros "comandantes" alienígenas discutiram, entre outras coisas, a questão da manipulação das placas tectônicas da Terra. Foi dito que, para evitar muitas perturbações na superfície, eles estavam trabalhando sobretudo com mudanças no fundo do oceano, em colaboração com os golfinhos, os "irmãos e irmãs das águas".

A publicação não é a única forma pela qual os canalizadores e outros contactados se comunicam entre si. Muitos preferem reunir-se em grupos para repartir os ensinamentos de seus "alienígenas". Esses cultos quase religiosos são dedicados à recepção e difusão do fluxo de sabedoria cósmica, que com freqüência gira em torno de uma "grande mudança" como a que foi prevista por Tuieta. Embora o teor das mensagens possa ser muito parecido com a de Tuieta, os nomes e os detalhes — e portanto a explicação para o fenômeno dos OVNIs — muda de grupo para grupo.

Várias dessas organizações dedicadas aos OVNIs têm décadas de idade e estão bem estabelecidas. A Fundação Urantia de Chicago, por exemplo, foi fundada em 1950 com o propósito de divulgar as revelações de *O Livro de Urantia*, supostamente recebido de inteligências alienígenas. Mais de quarenta anos depois, ela continuava próspera. No início dos anos 90, segundo uma reportagem no *Wall Street Journal*, existiam nos Estados Unidos cerca de vinte organizações que alegavam canalizar mensagens astrais. A maioria delas tinha sede na costa oeste, mas uma da Flórida afirmava ter 1.500 membros.

Alguns membros de cultos e outras pessoas acreditam que compartilham de uma distinção especial de que poucos pesquisadores ufológicos comuns se podem vangloriar. Em vez de canalizar pensamentos alienígenas — ou de simplesmente conhecer alienígenas durante uma experiência de rapto — algumas pessoas afirmam que elas próprias são alienígenas, ou descendentes de ancestrais alienígenas, que só agora receberam permissão para se anunciar.

O mundo, aparentemente, está cheio dessa "gente das estrelas", termo usado por Brad Steiger, que acredita que ele e a esposa são membros da elite descendente de alienígenas. De acordo com Steiger, muitas vezes a gente das estrelas só assume consciência de sua identidade especial em uma fase tardia de sua vida, mas tem certas características comuns identificáveis. A maioria tem as pálpebras pesadas, "olhos morteiros", são charmosos e inteligentes e bons confidentes. Tendem a ter tipos sangüíneos incomuns, vértebras adicionais ou de transição, temperatura corporal e pressão sanguínea baixas e — em alguns casos — costelas fora do lugar.

Quer saiba ou não que é de sangue alienígena, a maior parte da gente das estrelas experimentou, como Billy Meier, encontros imediatos com "anjos, elfos, fadas, mestres ou inteligências de OVNIs abertamente declaradas" ao longo da vida, escreve Steiger. Ele próprio teve seu primeiro encontro alienígena aos cinco anos de idade. Durante essas sessões, que segundo os canalizadores são avisos de grandes mudanças, os mensageiros alienígenas tendem a pronunciar graves avisos sobre a profundidade da tolice humana — os temas recentes incluem questões sérias como a proliferação nuclear e a poluição ambiental — e em geral preparam seus pupilos terrenos para "o tempo de transição vindouro, a grande limpeza pela qual toda a espécie deve passar para alcançar um estado superior de consciência", nas palavras de Steiger.

Os temas da orientação alienígena e da imensa mudança futura permeiam a literatura paranormal sobre OVNIs. Porém, apesar de todas as alegações místicas dos canalizadores de OVNIs, das sociedades de sabedoria alienígena e da antiga gente das estrelas, a maioria dos pesquisadores ufológicos tradicionais não dá atenção a essas elaboradas argumentações, que tendem a carecer de qualquer tipo de evidência física.

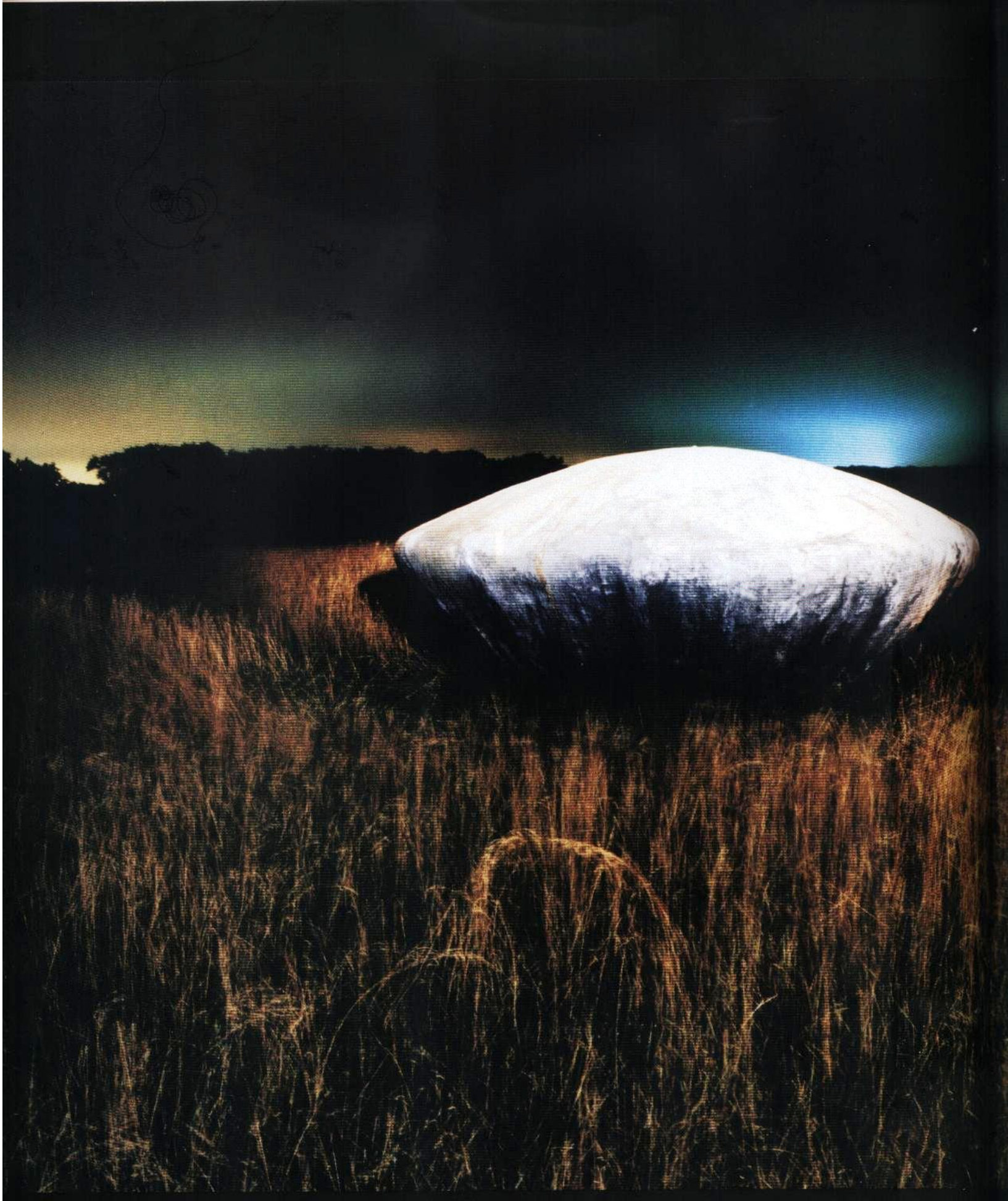
Contudo, nenhum ufólogo duvida que a investigação de todos os aspectos desse complexo fenômeno deve continuar, pois o enigma dos OVNIs não dá mostras de estar perto da solução. A chave para aqueles que desejam desvendar o mistério, escreveu em 1990 Michael Swords, editor do *Journal of UFO Studies*, é abordar cada investigação de modo frio e científico, sem se deixar turvar pelo preconceito ou por viés emocional. "Não só vale a pena manter a mente aberta para essas coisas, como também, nessa época de humildade científica recém-descoberta", escreveu Swords, "é imperativo fazê-lo."

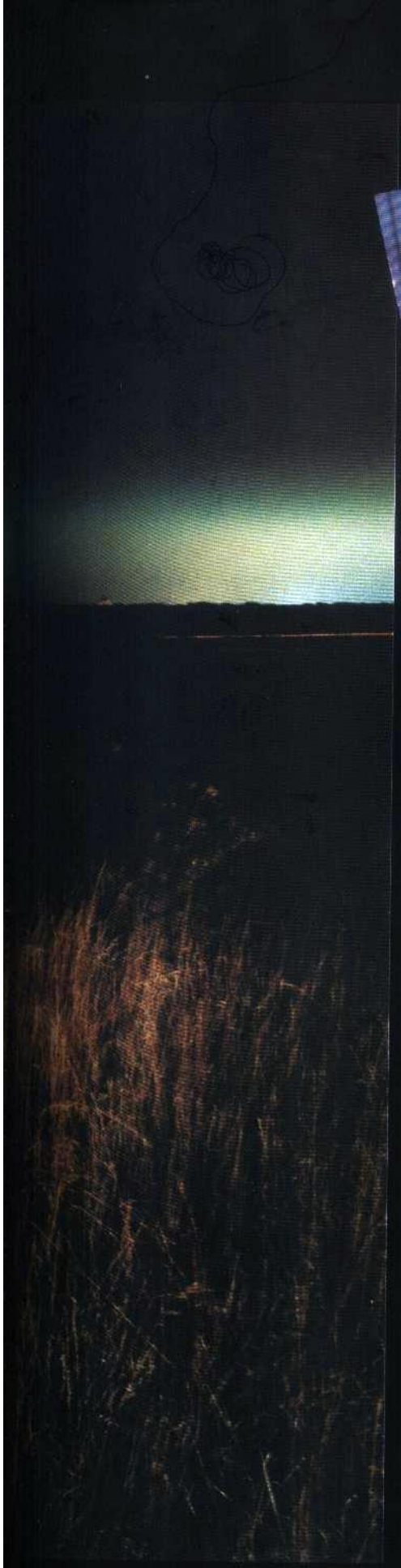
A Arte Encontra os OVNIs

Logo depois de ter supostamente visto um OVNI em forma de disco sobre o cabo Cod em 1964, o artista nova-iorquino Budd Hopkins percebeu que essa experiência estava tendo efeitos sobre sua vida e sua arte. "Um vestígio de lembrança da aparição do OVNI", escreveu ele, "começou a infiltrar-se em minhas pinturas na forma de um círculo escuro centralizado." Hopkins começou a investigar se os trabalhos de outros artistas haviam sido influenciados — direta ou indiretamente — por OVNIs. Concluiu que, em meados dos anos 50, a cobertura dos "discos voadores" pela imprensa havia exposto o mundo a idéias populares sobre os OVNIs. Os artistas, escreveu, "juntamente com todos os outros, familiarizaram-se com o fenômeno dos OVNIs, tivessem ou não curiosidade sobre o assunto".

Hopkins postulou que a imagem do disco voador tornou-se um ícone enigmático da consciência cultural coletiva da humanidade, e que agora serve como símbolo poderoso na expressão artística. Encontrou apoio para sua teoria nos escritos do renomado psicólogo Carl Jung, que alguns anos antes associara a nave circular a uma mandala, símbolo universal que significa "a plenitude do eu".

A maioria dos trabalhos nesta página e nas seguintes, inclusive o fantasioso *Evento no Observatório (acima)*, de Chris van Allsburg, foi mostrada na exposição "Show dos OVNIs", que Hopkins organizou em 1982 no Queens Museum, de Nova York. Algumas peças foram inspiradas por encontros do próprio artista com OVNIs; outras não foram. No entanto, todos esses artistas foram aparentemente tocados de algum modo pelo conceito conhecido, e mesmo assim perturbador, de visitantes de outros mundos.

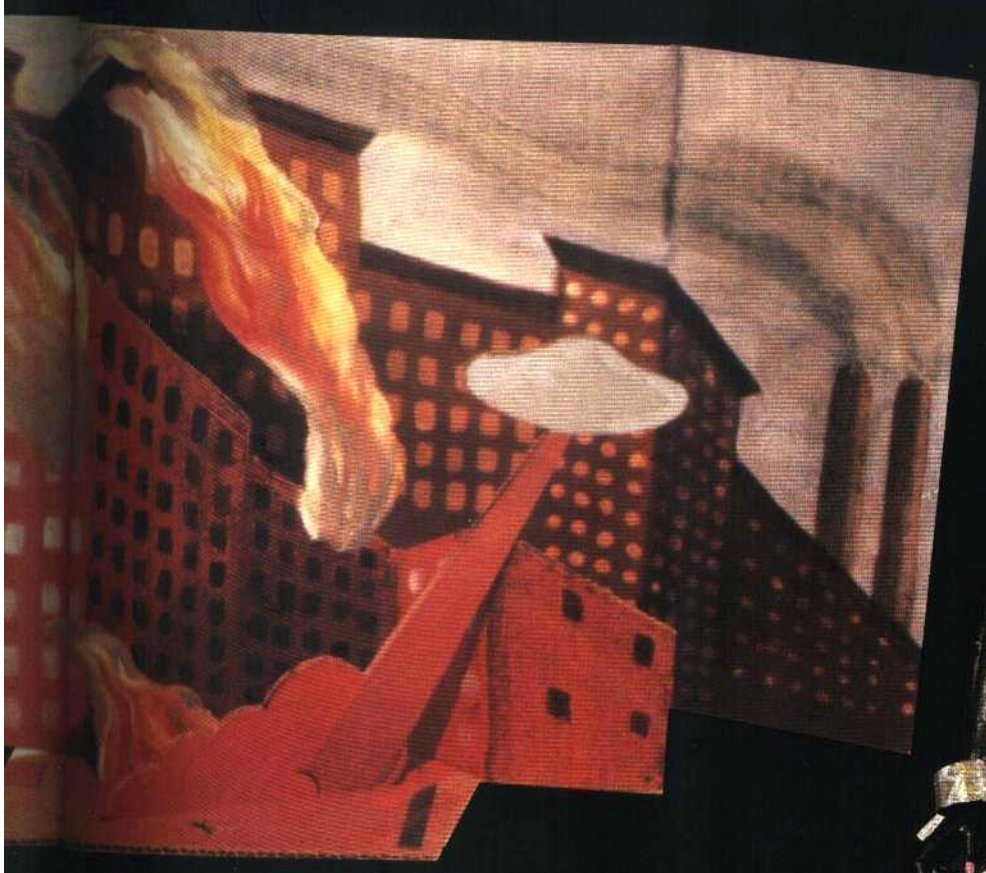




Um estranho tom de crepúsculo e a perspectiva do visor de uma câmera dão uma aparência jornalística ao "OVNI de Zanesville", de Joel Sokolov. O artista diz que esta composição, de 1981, foi inspirada em uma foto de jornal de um OVNI visto em Zanesville, no Ohio.

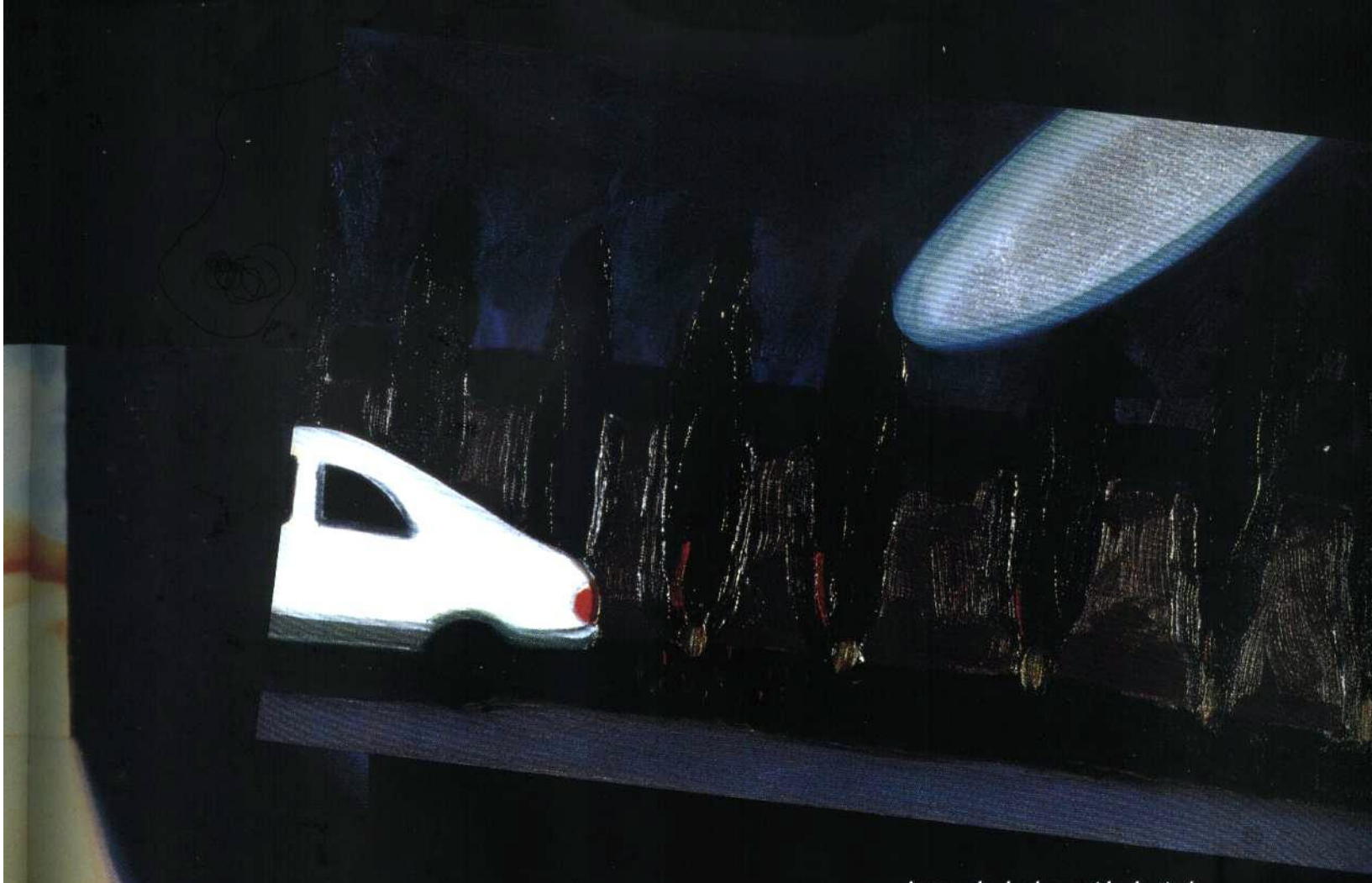
"Disco Voador", escultura de concreto feita em 1977 por Jene Highstein, parece quase flutuar entre as altas ervas em um campo perto de Park Forest, no Illinois. Budd Hopkins escreveu que "o encerramento absoluto e a ausência de detalhes sugere interiores magicamente carregados, imponentes e impenetráveis".

Com seus grandes olhos vazios e a cabeça sem fisionomia, a escultura em couro sem título feita em 1982 por Terry Rosenberg evoca em forma abstrata o conceito do extraterrestre como ser ameaçador. A parte de baixo da figura parece diluir-se no vazio, talvez simbolizando a dificuldade que alguns supostos raptados por OVNIs têm em lembrar-se da parte de baixo do corpo de seus captores alienígenas.



Em sua composição de 1978, "Ataque de OVNIs: Prédio em Chamas", os artistas Peter Robbins e Saul Ostrow retratam uma espaçonave alienígena cometendo um ato malévolo contra pessoas comuns representadas pela fábrica antiquada. A qualidade violenta e de pesadelo da pintura parece sugerir os perigos inerentes ao desconhecido. A contribuição de Robbins ao trabalho pode ter sido baseada no OVNI que ele diz ter visto aos 14 anos.

A "Dama das Estrelas", de 2 metros, feita em 1990 por Susan Woldman, reflete o fascínio da artista pelos seres de outro mundo. Woldman conta que já sentiu com muita força o vigor das "energias alienígenas".

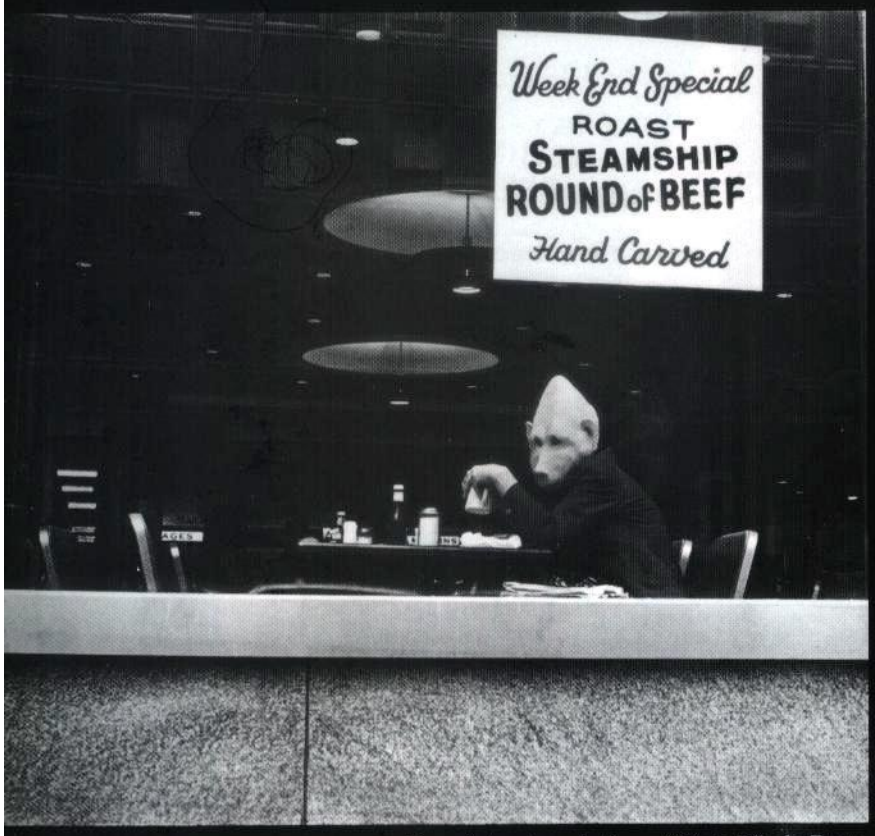


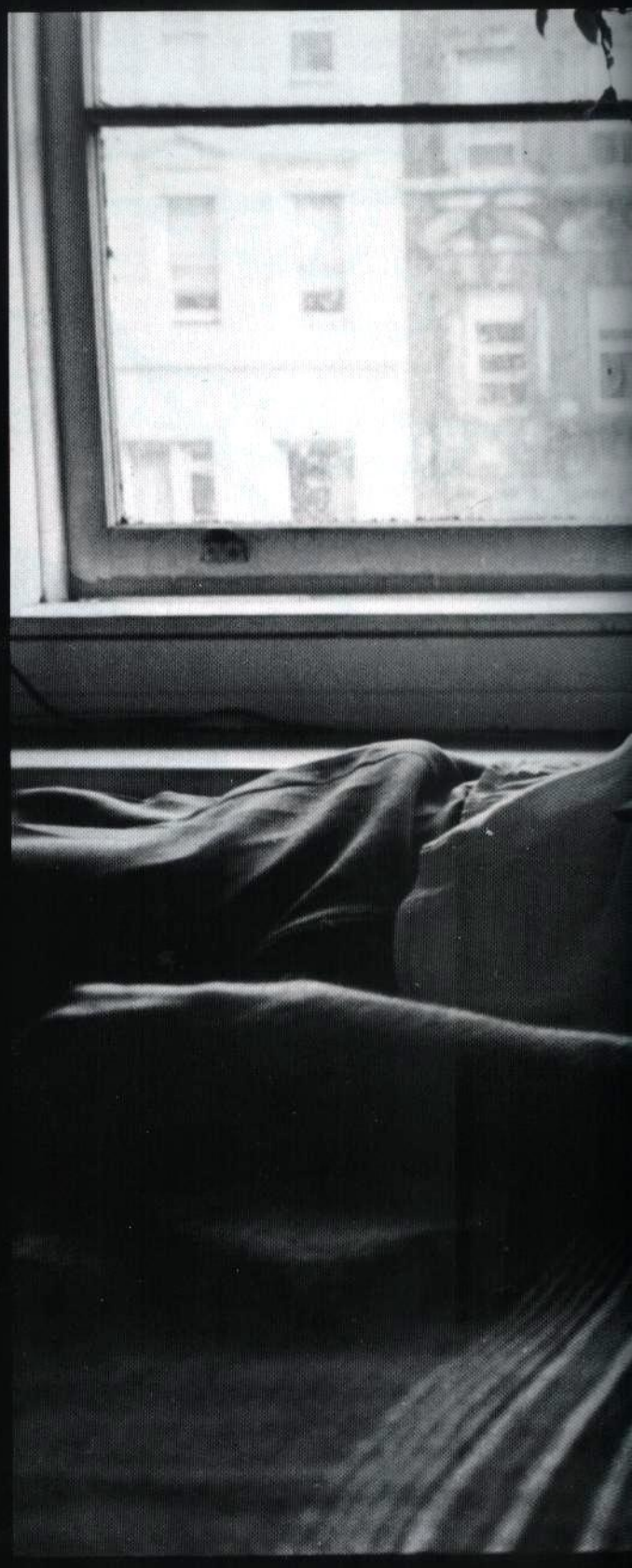
Apesar do duplo sentido do título, "Viagem de Ida e Volta", esta pintura de 1977, de Eve Vaterlaus, transmite um momento assustador em um encontro imediato com uma nave alienígena. A cena árida convida à especulação: o OVNI pode estar perseguindo o carro, partindo após raptar seus ocupantes, ou retornando após devolver os raptados a seu ambiente.

Uma luz intensa emana de uma misteriosa força subterrânea, enquanto uma porta se abre para uma desolada paisagem de deserto na pintura a óleo feita em 1982 por Rosemary Osnato, intitulada "Alto do Túnel". Inspirada em um encontro que Rosemary diz ter tido com alienígenas em 1973, a cena surreal — em particular a sugestão de um mundo subterrâneo — coincide com detalhes de diversos relatos de rapto.

Uma nave alienígena parece emitir alguma energia desconhecida, que é captada por uma figura humana neste trabalho sem título de 1982, de Keith Haring. Na arte de Haring, os OVNIs assumem uma forma imediatamente reconhecível, apesar da total simplicidade de seu estilo.

Um disco de ébano domina a "Litografia Em Branco e Preto", obra de Budd Hopkins de 1970. Segundo Hopkins, este trabalho reflete a influência de seu encontro com um OVNI. Ele escreveu que o motivo do disco veio à luz "sutilmente, mais por osmose do que por decisão deliberada, mas eu nunca duvidei de sua 'justeza'".





Duas fotos da coletânea "Série D", de Dean Cady, feitas entre 1978 e 1980, exploram o tema de uma criatura extraordinária em circunstâncias ordinárias. A figura bizarra, criada com um modelo humano usando uma réplica de uma antiga máscara de teatro romano, sugere um sutil jogo de palavras ao mostrar um alienígena que assumiu o papel de um terráqueo alienado da sociedade — deitado sozinho em um quarto despojado e comendo sozinho em uma lanchonete. Reforçando o aspecto de outro mundo da figura estão os lustres da foto acima, que parecem pairar como uma frota de OVNIs.

AGRADECIMENTOS

Os editores gostariam de agradecer aos seguintes indivíduos e instituições por sua colaboração na preparação deste volume:

Walter Andrus, Jr., Mutual UFO Network (MUFON), Seguin, Texas (EUA); Don Berliner, Alexandria, Virgínia (EUA); Thomas E. Bullard, Bloomington, Indiana (EUA); Mark C. Curtis, Pensacola Beach, Flórida (EUA); Raymond E. Fowler, Wenham, Massachusetts (EUA); Roger Gaillard, Yverdon, Suíça; Budd Hopkins, Nova York; William G. Hyzer, Janesville, Wisconsin (EUA); David Jacobs, Temple University, Filadélfia (EUA); Dra. Evelyn Klengel, Vorderasiatisches Museum, Staatliche Museen zu Berlin, Berlim; Kevin Kooy, Lethbridge, Alberta, Canadá; W.C. Levengood, Grass Lake, Michigan (EUA); Bertrand Méheust, Mezilles, França; Mark Rodeghier, Center for UFO Studies (CUFOS), Chicago (EUA); Carol e Rex Salisberry, Navarre Beach, Flórida (EUA); Zecharia Sitchin, Nova York; Robert Swiatek, Arlington, Virgínia (EUA); Fred Whiting, Mount Rainier, Maryland (EUA).

BIBLIOGRAFIA

Academic American Encyclopedia. Princeton, N. J., EUA: Aretê, 1980.

Aksonov, L., e Boris Zverev, "Aliens Visit Voronezh", *Moscow News*, nº 43, 1989.

Ashtar e Sananda ("recebido através de Tuieta"), *Conclave: Meeting of the Ones*. Sedona, Ariz., EUA: Portals of Light, 1989.

Asimov, Isaac, *Extraterrestrial Civilizations*. Nova York: Crown, 1979.

"Blowing the Wistle on the Government's Cover-up". *UFO Universe*, outubro-novembro de 1991.

Brosses, Marie-Thérèse de. "F-16 Radar Tracks UFO". Tradução de Robert Durant. *MUFON UFO Journal*, agosto de 1990.

Bulfinch, Thomas, *Mythology*. Nova York: Dell, 1959.

Bullard, Thomas E., *UFO Abductions: The Measure of a Mistery* (Vol. 1). Bloomington, Ind., EUA: The Fund for UFO Research, 1987.

Burgess, Martin, "The Great Cultures of the Ancient World and the Work of Zecharia Sitchin". *FSR Magazine*, março de 1991.

Cavendish, Richard, *Visions of Heaven and Hell*. Londres: Orbis, 1977.

Cavendish, Richard, editor, *Man, Myth & Magic* (Vol. 2). Nova York: Marshall Cavendish, 1985.

Chorost, Michael, *The Summer 1991 Crop Circles: The Data Emerges*. Washington: Fund for UFO Research Inc, 1991.

Clark, Jerome, *UFOs in the 1980s* (Vol. 1 de *The UFO Encyclopedia*). Detroit, EUA: Apogee Books, 1990.

Collier's Encyclopedia (Vol. 21). Nova York: Macmillan Educational Company, 1991.

Curran, Douglas, *In Advance of the Landing: Folk Concepts of the Outer Space*. Nova York: Abbeville Press, 1985.

Druffel, Ann, e D. Scott Rogo, *The Tujunga Canyon Contacts*. Nova York: New American Library, 1980.

Ecker, Don, "Mankind's Cosmic 'Creators'". *UFO*, janeiro-fevereiro 1992.

The Encyclopedia Americana (Vol. 26). Danbury, Conn., EUA: Grolier, 1991.

Evans, Hilary, "Abductions: A Position Statement". *Journal of UFO Studies* (Chicago), março de 1989.

"The Fall of a Warlock". *Time*, 2 de abril de 1979.

Farkas, Ann E., Prudence O. Harper e Evelyn B. Harrison, *Monsters and Demons in the Ancient and Medieval Worlds*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1987.

Farson, Daniel, *Vampires, Zombies and Monster Men*. Garden City, N. Y., EUA: Doubleday, 1976.

Faruk, Erol A., "The Delphos Case: Soil Analysis and Appraisal of a CE-2 Report". *Journal of UFO Studies* (Chicago), março de 1989.

Fein, Esther B., "Fact, Not Fiction, Tass Says of UFO". New York Times, 11 de outubro de 1989.

Fielding-Hall, H., *Margaret's Book*. Londres: Hutchinson & Co., 1913.

Fowler, Raymond E.:

The Allagash Affair. Wenham, Mass., EUA: Woodside Planetarium and Observatory,1990.

The Andreasson Affair. Englewood Cliffs, N. J., EUA: Prentice Hall, 1979.

The Andreasson Affair Phase II. Englewood Cliffs, N. J., EUA: Prentice Hall, 1982.

Fowler, Raymond E., editor, *MUFON Field Investigator's Manual*. Seguin, Tex., EUA: MUFON, sem data.

Froud, Brian, e Alan Lee, *Faeries*. Nova York: Harry N. Abrams, 1978.

Garelik, Glenn, "The Great Hudson Valley UFO Mistery". *Discover*, novembro de 1984.

Gods and Goddesses (Coleção The Enchanted World). Alexandria, Va., EUA: Time-Life Books, 1986.

Good, Timothy, *Above Top Secret*. Nova York: William Morrow, 1988.

Haines, Richard F., "Analysis of a UFO Photograph". *Journal of Scientific Exploration*, vol. 1, nº 2, 1987.

Hall, Richard, *Uninvited Guests: A Documented History of UFO Sightings, Alien Encounters & Coverups*. Santa Fe, N. Mex., EUA: Aurora, 1988.

Holt, Alan C., "UFO Light Beams: Space-Time Projections". MUFON Symposium Proceedings, Fifteenth Annual MUFON UFO Symposium, San Antonio, Tex., EUA, julho de 1984.

Hopkins, Budd:

"An Artist's View of the UFO Phenomenon". The UFO Show, Nova York: The Queens Museum, 6 de agosto-24 de outubro de 1984.

Intruders. Nova York: Random House, 1987.

Huneeus, Antonio, "Breaking Down 'The Wall' of Eastern Europe's UFO Secrets". *UFO Universe*, junho-julho de 1991.

Hynek, J. Allen, Philip J. Imbrogno e Bob Pratt, *Night Siege: The Hudson Valley UFO Sightings*. Nova York: Ballantine Books, 1987.

Imbrogno, Philip J., "The Boomerang Mistery". MUFON Symposium Proceedings, Fifteenth Annual MUFON UFO Symposium, San Antonio, Tex., EUA, julho de 1984.

Kiessling, Nicolas, *The Incubus in English Literature: Provenance and Progeny*. Washington State University Press, 1977.

Kinder, Gary, *Light Years*. Nova York: Atlantic Monthly Press, 1987.

Kramer, Samuel Noah, e Editores de Time-Life Books, *Cradle of Civilization* (coleção Great Ages of Man). Nova York: Time, 1967.

Kren, Thomas, e Roger S. Wieck, *The Visions of Tondal*. Malibu, Calif., EUA: The J. Paul Getty Museum, 1990.

Lehner, Ernst e Johanna:

Devils, Demons, Death and Damnation. Nova York: Dover, 1971.

A Fantastic Bestiary: Beasts and Monsters in Myth and Folklore. Nova York: Tudor, 1969.

Matthews, Robert, "Stargazers Feel Pullin Power of Planet X". *Sunday Telegraph*, 3 de novembro de 1991.

Meessen, Auguste, "The Belgian Sightings". *International UFO Reporter*, maio-junho de 1991.

Miller, Penny, *Myths and Legends of South Africa*. Cidade do Cabo, África do Sul: T.V. Bulpin, 1979.

Montgomery, Ruth, *Aliens among Us*. Nova York: Fawcett Crest, 1985.

Randle, Kevin D., e Donald R. Schmitt, *UFO Crash at Roswell*. Nova York: Avon Books, 1991.

"Remarkable Military Encounter in Belgium". *International UFO Reporter*, julho-agosto de 1990.

Rodeghier, Mark, "Roswell, 1989". *International UFO Reporter*, setembro-outubro de 1989.

Sagan, Carl, e outros, *Murmurs of the Earth*. Nova York: Random House, 1978.

Sikes, Wirt, British Goblins: *Welsh Folk-lore, Fairy Mythology, Legends and Traditions*. Wakefield, Yorkshire: EP Publishing, 1973.

Sitchin, Zecharia:

Genesis Revisited. Nova York: Avon Books, 1990.

The 12th Planet. Nova York: Avon Books, 1976.

The Wars of Gods and Men. Nova York: Avon Books, 1985

Spencer, John e Hilary Evans, editores, *Phenomenon: Forty Years of Flying Saucers*. Arlington, Va., EUA: Central Library, 1988.

Steiger, Brad, e Francie Steiger, *The Star People*.

Einstein, 115, 118; características da, 115, 118
Reprodução, programa de, *37*; e Betty Andreasson, 36, 37. *Ver também* Genéticas, experiências
Rivera, Rita, 54-55
Robô, *90*
Rogo, Scott, 121
Rosenberg, Terry, escultura de, *130*
Roswell (Novo México): recuperação de destroços em, 78-*85*; e os OVNIs, 78-85
Ruhl, Dick, 57

S

Sagan, Carl: e Betty Hill, 29; e Marjorie Fish, 29; mensagem criada por, 108, *109*
Saturno (planeta), *90-93*; origens de, 92
Schirmer, Herbert: hipnose e regressão hipnótica de, 29-30; rapto por alienígenas de, 29-30
Schmitt, Donald R. (*UFO Crash at Roswell*): e Arthur E. Exon, 84; e Glenn Dennis, 83; e a recuperação de destroços, 81-82, 83
Schrum, Donald, 63
Sciopedi, *102-103*
Search for Extraterrestrial Intelligence (SETI), 108
Semjase (alienígena), 98-99
Sereias aladas, *47*
Seres humanos, criação dos, *96-97*
Série D (Cady), *136-137*
SETI, 108
Sfath (alienígena), 99
Shackelford, Joe C., 83
Shaw, Sara: e Ann Druffel, 123; citação, 26, 28; exame físico de, 23, 28; hipnose e regressão hipnótica de, 23, 26, 123; rapto por alienígenas de, 22, 23, 26, 121
Shepherd, John, *116-117*
Show dos OVNIs, *127-137*
Sirlin, Jerome, 112
Sistema solar, *90-93*; origem do, 92
Sitchin, Zecharia (*The 12th Planet*): e os alienígenas, 89, 119; citação, 90-91, 92, 95, 96; e as experiências genéticas, 96; e os OVNIs, 119; e os sumérios, 89-97
Slater, Elizabeth, 38-40
Smith, Louise, *22*; exame físico de, 22; hipnose e regressão hipnótica de, 22; rapto por alienígenas de, 22, 23, 34
Smith, Tommy, 73
Sociedade Belga para o Estudo de Fenômenos Espaciais, 80
Sol, e a teoria do 12º planeta, *90-93*
Sonhos: de Betty Andreasson, 37; de Charlie Foltz, 17; de Chuck Rak, 17; de Jack Weiner, 17; de Jim Weiner, 16, 17; de Susan Ramstead, 36
Sport (tablóide), 88
Sprinkle, Leo: e Christy Dennis, 38; citação, 38; e os raptos por alienígenas, 25
Stafford, Mona, *22*; exame físico de, 22; hipnose e regressão hipnótica de, 22; rapto por alienígenas de, 22, 23, 34
Statesman (jornal), 99
Steiger, Brad: e os alienígenas, 126; citação, 124, 126; e a gente das estrelas, 126; e os OVNIs, 124
Stevens, Wendelle, *100-101*
Strieber, Whitley (*Communion*): e os alienígenas, 120; e Betty Andreasson, 120; exame físico de, 24; hipnose e regressão hipnótica de, 24; rapto por alienígenas de, 24, 120; e as tríades, 120
Stringfield, Leonard, 83
Suméria, *89*
Sumérios: e os acadianos, 91; e os alienígenas, 89-97; e os amoritas, 91; arte dos, *90-92, 94-97*; e os assírios, *91*; e os babilônios, 91; deuses dos, *90-91, 92-97*; disco de argila dos, *95*; e os elamitas, 91; e a espaçonave, *94*; influência dos, 91; mitos dos, 89-97; origens dos, 90-91; e o sistema solar, *90-93*; e Zecharia Sitchin, 89-97; e os zigurates, *95*
Swords, Michael: e os alienígenas, 116-118, 118-119; citação, 102, 126; e os OVNIs, 118; e a viagem no tempo, 118-119, 120

T

Tau Ceti (sistema estelar), 88
Taylor, Granger, casa de, *33*
Taylor, Philip, 106
Tensão tectônica, teoria da: definição, 106-107; mapa, 107; e os raptos por alienígenas, 107-110
Teofania: de Betty Andreasson, 30-32, *31*; definição, 27
Terra, *90-93*; foto de satélite da, *89*; representação suméria da, *94*
Thomas, Elaine, *22*; doenças de, 22; exame físico de, 22; hipnose e regressão hipnótica de, 22; morte de, 22; rapto por alienígenas de, 22, 23, 34
Thorne, Kip, 116
Tiamat (planeta-deus), *93*; origens de, 92
Tondal (cavaleiro), *48*
Tonna, Angel Maria, 61
Topo (cão), 61
Tríades, *120*
Trotador, *46*
Truffaut, François, 120
Tujunga Canyon, raptos por alienígenas em, 22, 121

U

UFO Universe (revista), 88
Ufologia, 21
Ulisses, *47*
União Soviética: alienígenas na, *62-63*; OVNIs na, *62-63*
Universo alternativo, *122-123*; definição, 123; e Jacques Vallée, 120, 121
Urano (planeta), *90-93*; origens de, 92
Urantia, Fundação (*The Urantia Book*), 126
Utnapishtim (sábio), 97

V

Vacas, mutilação de, *40*, 41
Valentich, Frederick, 32
Vallée, Jacques (*Confrontations, Dimensions, Messengers of Deception, Passport to Magonia*): e os alienígenas, 120; e Ann Druffel, 123-124; e Carl Jung, 120; citação, 120-121; e o inconsciente coletivo, 120; e as mortes causadas por alienígenas, 41-42; origem de, 120; e os OVNIs, 120-121, 123-124; e os raptos por alienígenas, 112-114; e o universo paralelo, 120, 121
Vampiros, *46*; vítimas de, 43, *46*
Van Winkle, Rip, 114
Vento Norte (satélite de Nibiru), *93*
Vênus (planeta), *90-93*; características de, 114; origens de, 92
Vestígios: definição, 75; tipos de, 75, 76, *77-79*. *Ver também* OVNIs
Via Láctea, 114
Viagem de Ida e Volta (Vaterlaus), *133*
Viagem Interrompida, A (Barney e Betty Hill), 21, 24, 35
Viagem no tempo: impossibilidade da, 119-120; e Michael Swords, 118-119, 120
Viking (sonda espacial), 114
Villas Boas, Antônio, rapto por alienígenas de, 21, 34
Vishnu (deus), *44*
VISIT, 64
Visões de Ezequiel, 111-112, *123*
Viveiro, e Betty Andreasson, *12-13*, 30, 36
Voadores de Stormville, 57, *58-59*
Vogel, Marcel, 104
Vorilhon, Claude, *124-125*
Voyager 1 (sonda espacial), 108
Voyager 2 (sonda espacial), 93, 108

W

Wachter, Helen, 83
Walters, Edward (*The Gulf Breeze Sightings*): e os alienígenas, 66, 67-68, 70; e Bruce Maccabee, 71-73, 74; e a câmera EAR, 72; e o Centro de Estudos sobre OVNIs, 70; citação, 66, 68, 70-71, 72, 73, 74; desenho de, *68*; e Duane Cook, 68-70; fotos de, 66, 68, *69*, 70, 71-72, 73-*74*; e o Fundo de Pesquisas sobre OVNIs, 70; gravação em vídeo feita por, 68, 73; e Mark Curtis, 73, 74; e os OVNIs, 66-67, 68, 71, 72; e a Rede Mútua de OVNIs, 70, 71; e Tommy Smith, 73; e William G. Hyzer, 73-74;
Walton, Travis, *23*; exame físico de, 9; e Philip J. Klass, 24; e o rapto por alienígenas de, 8-9, 23-24
Weiner, Jack, *18*; animação suspensa de, 28; cicatriz de, *34*; citação, 17-20, 34; desenho de, *20-21, 24*; exame físico de, *19*, 20; e o globo de luz, *20-21*; hipnose e regressão hipnótica de, 17-20, *27*, 28; e Jim Weiner, 16; e os OVNIs, 16, 17; rapto por alienígenas de, *17, 18, 19*, 20, 24, 34; e Raymond Fowler, 17, *27*; sonhos de, 17; e Tony Constantino, *27*
Weiner, Jim, *18*; animação suspensa de, 28; e Charlie Foltz, 16; e Chuck Rak, 16; citação, 28; exame físico de, *19*, 20; hipnose e regressão hipnótica de, 17, 28; e Jack Weiner, 16; e os OVNIs, 16; rapto por alienígenas de, *17, 18, 19*, 20; e Raymond Fowler, 16, 17; sonhos de, 16, 17
Wells, H.G., 103
White, Edward, 62, 85
White, Helen: e os alienígenas, 63; citação, 65; rapto por alienígenas de, 65
Whitley, Jan, 121-123
Wilcox, Gary, 62-63
Woldman, Susan (*Starlady*), 131

Y

Youngren, Fred, desenhos de, *64*

Z

Zanfretta, Fortunato: alienígena visto por, *25*; hipnose e regressão hipnótica de, 26; rapto por alienígenas de, 26
Zigurates, *95*
Zinsstag, Louise: citação, 101; e Eduard Meier, 101, 102

TIME-LIFE BOOKS

PRESIDENTE: Mary N. Davis

Editor administrativo: Thomas H. Flaherty
Diretor de recursos editoriais: Elise D. Ritter-Clough
Diretor de arte executivo: Ellen Robling
Diretor de fotografia e pesquisa: John Conrad Weiser
Corpo editorial: Dale M. Brown, Roberta Conlan, Laura Foreman, Lee Hassig, Jim Hicks, Blaine Marshall, Rita Thievon Mullin, Henry Woodhead
Assistente do diretor de recursos editoriais: Norma E. Shaw

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, inclusive por equipamentos ou sistemas de classificação de informações e pesquisa, sem a prévia autorização da editora, exceto curtos trechos para resenha, desde que com o devido crédito.

Este volume pertence a uma série dedicada ao estudo da história e da natureza de fenômenos aparentemente paranormais.

TIME-LIFE is a trademark of Time Warner Inc., USA.

MISTÉRIOS DO DESCONHECIDO

EDITOR DA SÉRIE; Jim Hicks
Administrador da série: Barbara Levitt
Diretor de arte principal: Ellen Robling
Editor iconográfico: Marion Ferguson Briggs

Equipe editorial para *Contactos Alienígenas*

Editores de texto: Robert A. Doyle, Esther Ferington, Paul Mathless
Editores associados/pesquisa: Gwen C. Mullen, Trudy Pearson, Robert H. Wooldridge, Jr.
Assistentes do diretor de arte: Brook Mowrey, Lorraine D. Rivard
Redatores: Charles J. Hagner, Sarah D. Ince
Coordenadores de redação: Donna Carey, Juli Duncan
Coordenador iconográfico: David Herod
Assistente editorial: Julia Kendrick

Colaboradores especiais: Cheryl Brinkley, Tom DiGiovanni, Mimi Fallow, Barbara Fleming, Evelyn S. Prettyman, Nancy J. Seeger (pesquisa); Tonny Allen, Marfé Ferguson Delano, Margery A. duMond, Harvey Loomis, Bryce Walker (texto); John Drummond (programação visual); Mary Beth Oelkers-Keegan (edição de texto); Hazel Blumberg-McKee (indice).

Correspondentes: Elisabeth Kraemer-Singh (Bonn), Christine Hinze (Londres), Christina Lieberman (Nova York); Maria Vincenza Aloisi (Paris), Ann Natanson (Roma).
Também foi valiosa a colaboração de: Angelika Lemmer (Bonn); Gay Kavanaugh (Bruxelas); Peter Hawthorne (Cidade do Cabo); Robert Kroon (Genebra); Wibo Van de Linde (Holanda); Judy Aspinall, (Londres); Juan Sosa (Moscou); Elizabeth Brown, Kathryn White (Nova York); Ann Wise, Leonora Dodsworth (Roma).

ABRIL LIVROS

DIRETORES: Roberto Civita
Ike Zarmati
Koos Siewers

Editoração em língua portuguesa:
Pedro Paulo Poppovic Consultores Editoriais S/C Ltda. — São Paulo
Tradução: Tomás Rosa Bueno

Publicado pela Abril Livros Ltda.
Av. Rio Branco 143/13 — Rio de Janeiro

Authorized Portuguese edition:
© 1993 Abril Livros Ltda.
Original edition:
© 1992 Time-Life Books Inc.
All rights reserved.
First Portuguese printing 1993.

Produção editorial: Abril S.A., São Paulo
Fotolitos das ilustrações: Liberty Engraving Co., Chicago, EUA
Impressão: Sun Fung Printing Co., Ltd., Hong Kong